Universidade de São Paulo
Instituto de Psicologia
Departamento de Psicologia Clínica

Kleber Aparecido Brigido Godoy

Transtornos do Humor: Diálogo com o pensamento de Bion

São Paulo
2017

KLEBER APARECIDO BRIGIDO GODOY

Transtornos do Humor: Diálogo com o pensamento de Bion

Versão original

Dissertação apresentada ao Instituto de Psicologia da Universidade de São Paulo, como exigência para obtenção do título de Mestre em Ciências, na Área de Concentração Psicologia Clínica, sob orientação da Prof.ª Associada Eliana Herzberg.

SÃO PAULO
2017

Autorizo a reprodução parcial deste trabalho, por qualquer meio convencional ou eletrônico, para fins de estudo e pesquisa, desde que citada a fonte.

Catalogação na publicação
Biblioteca Dante Moreira Leite
Instituto de Psicologia da Universidade de São Paulo
Dados fornecidos pelo(a) autor(a)

Aparecido Brigido Godoy, Kleber
Transtornos do Humor: Diálogo com o pensamento de Bion / Kleber Aparecido Brigido Godoy; orientadora Eliana Herzberg. -- São Paulo, 2017.
131 f.

Dissertação (Mestrado - Programa de Pós-Graduação em Psicologia Clínica) -- Instituto de Psicologia, Universidade de São Paulo, 2017.

1. Transtornos do humor. 2. Bion, Wilfred Ruprecht. 3. Técnicas Projetivas. 4. Teste de apercepção temática. I. Herzberg, Eliana, orient. II. Título.

Nome: Godoy, Kleber Aparecido Brigido

Título: Transtornos do humor: diálogo com o pensamento de Bion

Dissertação apresentada ao Departamento de Psicologia Clínica do Instituto de Psicologia da Universidade de São Paulo para obtenção do título de Mestre em Ciências.

Dissertação defendida e aprovada em: _____ / _____ / _____.

BANCA EXAMINADORA:

Prof. Dr. _____

Instituição_____Assinatura_____

Julgamento_____

Prof. Dr. _____

Instituição_____Assinatura_____

Julgamento_____

Prof. Dr. _____

Instituição_____Assinatura_____

Julgamento_____

A Felipe e à T.

AGRADECIMENTOS

À minha orientadora, Eliana Herzberg por caminhar junto comigo durante o percurso deste trabalho, com muito interesse, empenho e valiosas orientações, sempre com muito cuidado em suas palavras. Uma das pessoas mais generosas que conheço, que facilita o processo “do aprendizado ao conhecimento”, nos termos de Bion.

Ao Felipe, por inserir doses de ansiedade em minha tranquilidade. Por todos os diálogos nos quais, muito criticamente, cientificamente e criteriosamente, apontou erros e delimitou parâmetros para que o trabalho ficasse pronto com qualidade e a tempo. Como dizia Bion: uma pessoa que “sem cujo apoio eu não poderia tentar escrever” e com a qual tenho “um débito o qual posso reconhece-lo, mas não salda-lo”.

Aos colegas do grupo de pós-graduação, pelos prolíficos diálogos acerca de nossas pesquisas durante as reuniões com a professora Eliana. Em especial à Simone, que participou de apresentação deste trabalho em congresso, e ao Diego, que, sempre à frente nas questões burocráticas, me auxiliou com suas dicas.

Pelo enorme apoio inicial de todo este processo, às professoras Mirna Koda e Katya Oliveira pelo enorme apoio inicial de todo este processo. E à professora Cristina Joly que dedicou tanto tempo, atenção e afeto quando lhe pedi apenas algumas palavras escritas.

À professora Maria Abigail pelos encontros e aprendizados durante a monitoria com o Teste de Rorschach.

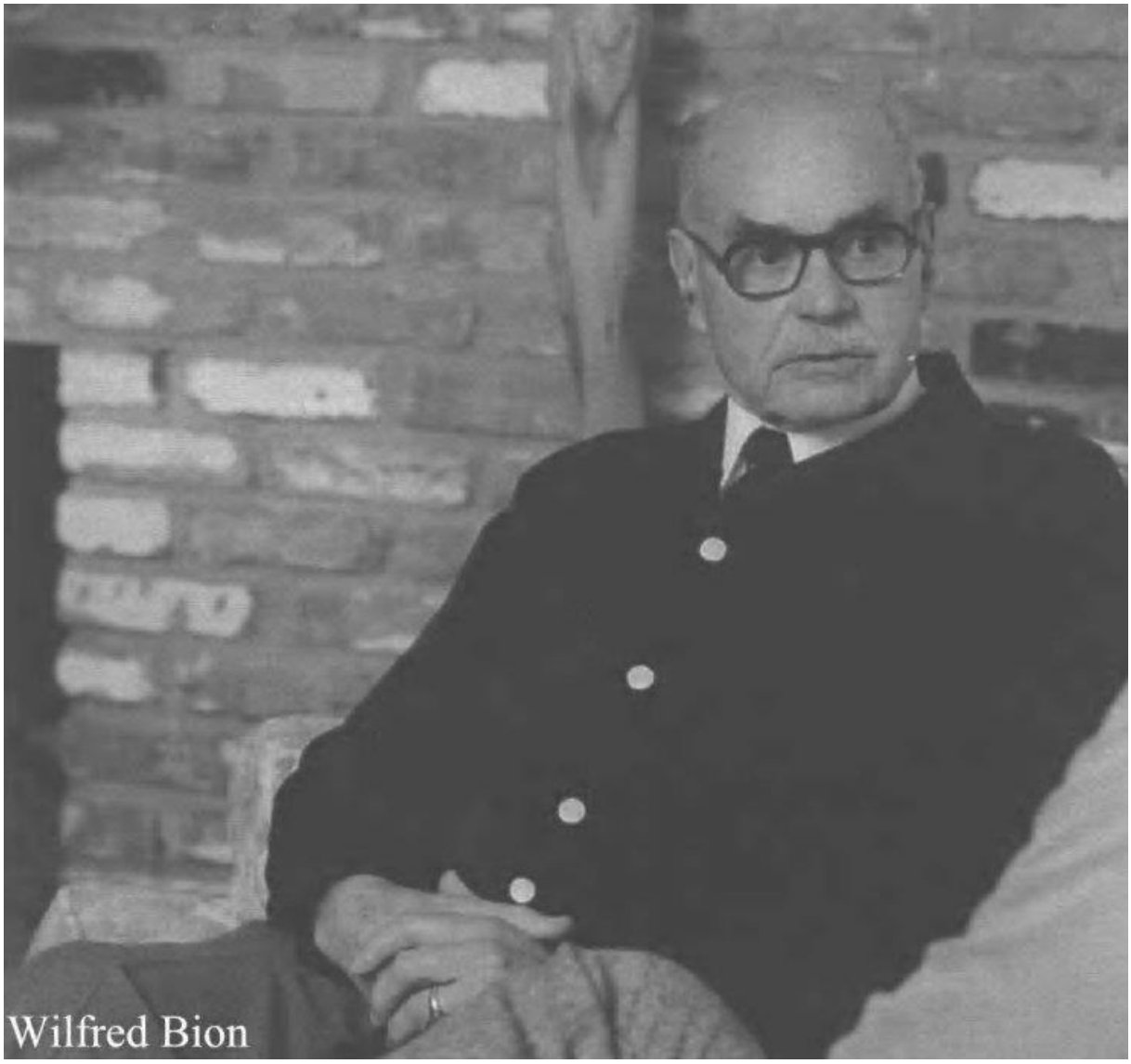
Ao professor Dinael e à professora Ivonise que, quando da qualificação, com muita atenção ao meu trabalho, ajudaram a melhorar (transformar) o delineamento desta pesquisa, aceitando participar também de sua defesa. Adicionalmente, à professora Anália que de forma muito simpática aceitou o convite para compor a banca da defesa, me fazendo relembrar com saudosismo das trocas clínicas quando da minha graduação.

À minha irmã, Cleusa e ao meu cunhado, João, por todo suporte nessa cidade que nunca dorme. À minha mãe, Mathilde (*in memoriam*). Aos orixás. Evoé!

Ao CNPQ pelo apoio financeiro de parte deste caminhar.

Ao médico que abriu as portas de seu consultório e indicou os nomes para que esta pesquisa pudesse ser realizada.

Aos seis participantes que aceitaram ceder seus discursos confiando a mim suas dores, ansiedades e questões mais íntimas, contribuindo para meu trabalho e para a Psicologia como ciência e profissão.



"A ciência se dará por satisfeita com ideias básicas, nebulosas e ainda difíceis de visualizar, sempre, porém, com a esperança de mais adiante, no decorrer de seu desenvolvimento, vir a apreender tais ideias com mais clareza, mostrando-se ainda disposta a eventualmente trocá-las por outras. Afinal, o fundamento da ciência não são essas ideias, mas sim a observação pura sobre a qual tudo repousa. Elas não são a base, mas o topo do edifício, e podem, sem prejuízo, serem substituídas e removidas."

(Freud, 1915/1996a, pp. 85)

Resumo

Godoy, K.A.B. (2017). *Transtornos do humor: diálogo com o pensamento de Bion.* (Dissertação de Mestrado). Instituto de Psicologia, Universidade de São Paulo, São Paulo.

Os transtornos afetivos influenciam diretamente a configuração dos grupos sociais. Segundo o Código Internacional de Doenças, transtornos afetivos são transtornos nos quais a perturbação fundamental afeta a esfera do humor ou do afeto, no sentido de uma depressão ou de uma elação. Para a psicanálise, a psicodinâmica dos transtornos de humor tem contribuição desde Freud com seu texto sobre a melancolia. Wilfred R. Bion traz uma ampla obra com importantes conceitos acerca das configurações vinculares e da relação continente-conteúdo, a qual é aqui utilizada para compreensão dos transtornos afetivos sob este enfoque. Muitas transformações ocorreram no comportamento e atitudes dos indivíduos contribuindo para o aumento da prevalência de quadros de depressão e outros transtornos afetivos nas últimas décadas. Assim, parece importante refletir sobre esta clínica e sua psicodinâmica. O presente estudo teve o objetivo geral de compreender a psicodinâmica do sujeito que sofre com transtornos afetivos, à luz do pensamento de Bion. Em específico, buscou-se caracterizar o modo de vinculação utilizado pelos participantes e sua consequente configuração. Fizeram parte do estudo dois participantes, utilizando-se os seguintes instrumentos: A) Entrevista semiestruturada para coleta de dados acerca do participante e sua trajetória; B) Teste de Apercepção Temática (TAT) para coleta de dados acerca de sua psicodinâmica. A pesquisa foi realizada dentro do referencial clínico-qualitativo, sendo composta por dois estudos de caso, levando em conta os dados coletados nas entrevistas e dos conteúdos projetados no TAT. Concluiu-se que através dos instrumentos aplicados pôde-se chegar a uma considerável compreensão da psicodinâmica das participantes e de seu sofrimento através da utilização do pensamento de Bion. Em ambos os estudos de caso observou-se um ego frágil diante às frustrações e ao desamparo, transferindo os papeis parentais para outras figuras ao longo da vida, em busca do que foi perdido, advindo de falhas parentais na relação continente-conteúdo, gerando grande carga de elementos β oriundos do interior e do exterior. Percebe-se que este panorama exige a utilização maciça de mecanismos de defesa, como a cisão e a ambivalência, servindo à pulsão de morte e demonstrando dificuldade na aquisição e implementação da função α. Observou-se ainda a predominância vincular sob a configuração H, -H, -L e -K com os objetos internos e, consequentemente, externos. Destaca-se o fato de os vínculos formados tenderem a fazer parte da configuração que o sintoma e as defesas buscam manter, observando-se inúmeros exemplos da ligação das participantes a formas variadas de ser e viver sem variar a essência da vinculação, estando aprisionadas em modelos vinculares primitivos advindos de seus fantasmas introjetados, impedindo a aproximação com K. O TAT permitiu em ambos os casos obter um discurso que surge do inconsciente na forma primitiva de protopensamentos, mostrando-se um teste prolífico para se analisar pelo corpo teórico de Bion. Isto, tendo-se em vista que a análise do teste se pauta em uma análise do discurso inconsciente, e Bion utiliza exatamente estes elementos do discurso do pensamento para se atingir a compreensão da psicodinâmica. Neste sentido, sugerem-se trabalhos futuros combinando-se o TAT e as teorias de Bion visando a ampliação da compreensão de outros tipos de transtornos psíquicos.

Palavras-chave: Transtornos do humor. Bion, Wilfred Ruprecht. Técnicas Projetivas. Teste de apercepção temática.

Abstract

Godoy, K.A.B. (2017). *Mood Disorders: Dialogue with Bion's Thought (*Master's Thesis). Instituto de Psicologia, Universidade de São Paulo, São Paulo.

Affective disorders can directly influence the configuration of social groups. According to the International Classification of Diseases, affective disorders are defined as those whose fundamental disturbance affects the mood or affection sphere, in the sense of a depression or an elation. Within the psychoanalysis, the psychodynamics of mood disorders has contributions since Freud with his seminal text on melancholy. Wilfred R. Bion brings up a broad work with important concepts about the linkage configurations and the continent-content relationship, which is here used to understand the affective disorders under this approach. In the recent decades many changes have occurred in behavior and attitude of individuals that contributed to increase the prevalence of depression and other affective disorders. Thus, it seems important to reflect on this clinical and its psychodynamics. The present study aimed at understanding the psychodynamics of the subject suffering from affective disorders in the conceptual basis of Bion's thought. Specifically, the main analysis focused on the modes of linkage used by the participants and their consequent configuration. Two participants took part in the study, which employed the following instruments: A) Semi-structured interview, to collect data about the participants and their trajectory; and B) Thematic Apperception Test (TAT), to collect data about its psychodynamics. The research was carried out within the clinical-qualitative framework, being composed of two case studies, which took into account the data collected in the interviews and the contents projected in the TAT. It was possible to conclude that through the applied instruments we could reach a considerable understanding of the participants' psychodynamics and of their suffering through the use of Bion's thought. In both case studies, it was seen a fragile ego in face of frustrations and helplessness, transferring the parental roles to other figures throughout life, in search of what was lost, coming from parental failures in the continent-content relation, generating a great load of β-elements coming from inside and outside. It was perceived that this panorama requires the massive employment of defense mechanisms such as split and ambivalence, serving the death drive, and demonstrating difficulty in the acquisition and implementation of the α function. It was also seen a predominance of linkage under the H, -H, -L and -K configuration with the internal objects, and consequently the external ones. It should be noted that the linkage formed tend to be part of the configuration that the symptom and the defenses seek to maintain, in a way that a number of examples show the connection of the participants to forms of being and living without varying the essence of the linkage, being they imprisoned in these primitive linkage models, that come from their introjected ghosts and which avoid them to eventually approach the K. The TAT allowed, in both cases, to look at a discourse that emerges from the unconscious in the primitive form of protothinking, proving therefore to be a prolific test to be analyzed by the theoretical body of Bion's thought. This, because the analysis of the test is based on an analysis of the unconscious discourse and Bion uses exactly these discourse elements of the thinking to reach the understanding of the psychodynamics. In this sense, future work is suggested combining TAT and Bion's theories in order to enlarge the understanding of other mental disorders.

Key words: Mood disorders. Bion, Wilfred Ruprecht. Projective techniques. Thematic apperception test.

Lista de Tabelas

Tabela 1 – Descrição das pranchas utilizadas e temáticas evocadas 30

Tabela 2 – Mecanismos de defesa identificados pelo TAT e suas pranchas 58

SUMÁRIO

1 INTRODUÇÃO 12
1.1 Revisão da Literatura 12
1.1.1 Transtornos do Humor / Afetivos: teorias e interlocuções 12
1.1.2 Transtornos do Humor e os Manuais Diagnósticos: diálogo possível? ... 16
1.1.3 O pensamento de Bion e suas transformações 17
1.1.4 As Técnicas Projetivas e o Teste de Apercepção Temática 24
2 OBJETIVOS, HIPÓTESES E JUSTIFICATIVA 27
3 MÉTODO 28
3.1 Tipo de Pesquisa 28
3.2 Participantes e Critérios de Inclusão 28
3.3 Instrumentos 29
3.4 Procedimento de Coleta de Dados 30
3.5 Procedimento de Análise dos Resultados 31
3.6 Cuidados Éticos 32
4 APRESENTAÇÃO E DISCUSSÃO DOS RESULTADOS 34
4.1 As Entrevistas 34
4.1.1 Catarina, 64a 34
4.1.2 Alice, 49a 46
4.2 O TAT 58
4.3 Discussão dos Casos 60
5 CONSIDERAÇÕES FINAIS 75
REFERÊNCIAS 77
ANEXOS 83

Apresentação

O presente trabalho faz parte do Programa de Mestrado do Departamento de Psicologia Clínica da Universidade de São Paulo, situado na linha de pesquisa de Investigações em Psicanálise. As motivações do pesquisador nos temas referentes a este trabalho refletem sua curiosidade acerca dos mesmos, assim como por achar que são pontos importantes para se pensar saúde mental, a clínica e o papel do psicólogo/psicanalista na contemporaneidade.

Durante o processo de criação do projeto o mesmo passou por diversas avaliações, sendo modificado para poder, segundo os objetivos propostos, alinhar o método às possibilidades de análise. No processo de coleta de dados, realizado no intervalo de 30/06/2015 a 20/10/2015, novos conteúdos e questionamentos surgiram e, neste trabalho, seguem as reflexões acerca de todo este processo, levando em conta as transcrições das entrevistas e os protocolos do TAT, assim como as interlocuções com colegas e pesquisadores, passando pela qualificação. Inicialmente o projeto contou com seis participantes, mas apresenta-se neste relatório a análise de dois deles, esperando assim que a discussão tenha ficado mais centrada e integrada.

O desenvolvimento do trabalho percorre as seguintes partes: uma breve introdução acerca dos temas que servem de base para o trabalho; a descrição dos objetivos, hipóteses e justificativa; a descrição do método e dos cuidados tomados no decorrer do processo de submissão do projeto à Plataforma Brasil e, como decorrência, também ao Comitê de Ética em Pesquisa, aplicação dos instrumentos e análise dos dados; a apresentação dos resultados e sua discussão, englobando a análise do TAT e o estudo dos casos, assim como a busca pelas respostas aos questionamentos constante dos objetivos propostos; e breves considerações acerca da discussão realizada.

1 INTRODUÇÃO

"Precisamos ser pacientes, mas não ao ponto de perder o desejo; devemos ser ansiosos, mas não ao ponto de não sabermos esperar".

(Max Lucado, escritor norte-americano)

1.1 Revisão da Literatura

1.1.1 Transtornos do Humor / Afetivos: teorias e interlocuções

Segundo o Código Internacional de Doenças (CID 10), transtornos afetivos são transtornos nos quais a perturbação fundamental afeta a esfera do humor ou do afeto, no sentido de uma depressão (com ou sem ansiedade associada) ou de uma elação. Os transtornos afetivos influenciam diretamente na configuração dos grupos sociais e a maioria tende a ser recorrente, podendo estar relacionadas com situações ou fatos estressantes. Dos transtornos afetivos, o mais amplamente divulgado e conhecido é a depressão, que segundo a Organização Mundial de Saúde (OMS) (OMS, 2007), é um dos transtornos mentais que mais acarreta prejuízos para a vida cotidiana das pessoas. Isso se dá em razão do difícil percurso do tratamento com medicamentos que contém muitos efeitos colaterais, assim como pela falta de energia vital que o sujeito depressivo sente por conta de sua duração, de sua recorrência e da sintomatologia caracterizada pela tristeza, apatia e pouca disposição para a vida cotidiana.

A saber, os transtornos de humor, segundo a categorização do CID-10 (OMS, 2007), situam-se entre os códigos F30 e F39, sendo: (F30) Episódio maníaco; (F30.0) Hipomania; (F31) Transtorno afetivo bipolar; (F32) Episódios depressivos; (F33) Transtorno depressivo recorrente; (F34) Transtornos de humor (afetivos) persistentes; (F34.0) Ciclotimia; (F34.1) Distimia; (F38) Outros transtornos do humor (afetivos); e (F39) Transtorno do humor (afetivo) não especificado. Vê-se, portanto, que os transtornos afetivos estão sinalizados no interior de uma oscilação para mais ou para menos, entre a depressão e a mania.

Diversos contextos e configurações são afetados pela proeminência de transtornos afetivos (como o trabalho, a educação e a vida familiar). Um exemplo é dado por Pizeta (2009) em um estudo que evidencia o impacto negativo sobre os processos de comunicação e organização familiar quando da depressão materna. A autora refere que os filhos neste contexto tendem a apresentar dificuldades de socialização, sendo que alguns fatores podem diminuir o impacto das adversidades, tais como: adesão das mães ao tratamento, participação dos pais na rotina e no cotidiano familiar, mostra de interesse das mães nas necessidades filiais e rede de apoio que atuam como suporte. A autora ressalta que a identificação e a análise das condições que podem favorecer a promoção da saúde são de suma importância para o desenvolvimento de práticas diferenciadas em saúde mental.

O termo depressão surge no meio médico no século XVIII e no meio psicanalítico no século XIX, através do termo "melancolia" que, na época não tinha conotação psicopatológica, mas sim a certo refinamento intelectual, filosófico e artístico (Peres, 2003). Neste sentido, como esclarece Roudinesco e Plon (1998), o termo melancolia é muito mais compreendido e melhor expressado por poetas e escritores do que por médicos e psicanalistas. Segundo os mesmos autores, o termo é uma palavra antiga, derivada do grego melas (negro) e kholé (bile), bile negra. Ao se ler as descrições clínicas dos primeiros casos de Freud, nestas já se evidenciam muitas descrições dos sintomas depressivos, porém é apenas mais tarde, em Luto e Melancolia (Freud, 1915/1996c) o autor aprofunda o tema e dá a ele um contorno. Neste trabalho Freud diferencia o luto normal do patológico, sendo este último a melancolia. Assim, enquanto no luto sabe-se qual objeto se perdeu, na melancolia perde-se parte do ego, tornando o Eu pobre e vazio. Freud não chegou a diferenciar melancolia de depressão, mas Fédida (2002) acredita que se pode conceber a depressão básica análoga ao luto das palavras de Freud, deixando a melancolia para estados mais severos de inibição motora e afetiva. Rocha (2008), não obstante, se foca nas contribuições freudianas para melhor compreensão da depressão e acredita que este retorno às ideias de origem pode ser um modelo ainda essencial para compreendermos a dinâmica dos transtornos afetivos pelo método psicanalítico. Assim, o autor aborda temas essenciais em psicanálise e se refere à melancolia como uma expressão da ambivalência entre amor e ódio pelo mesmo objeto, envolvendo pulsão de morte, desamparo, frustração, agressividade e culpa.

Outros autores discorreram sobre a temática da depressão dando inúmeros significados a ela. Radó (1928) por exemplo, se foca nos mecanismos de expiação e reparação decorrentes da luta interna entre Superego e Ego e coloca aí um dos fundamentos da melancolia. Klein (1946, 1975) entende a depressão no complexo da sua teoria das posições, sendo a melancolia o resultado da utilização exacerbada das defesas maníaco-esquizóides quando se encontram com a posição depressiva. Delouya (2002), autor mais recente, vê a depressão como uma expressão humana para viver e conviver em um mundo tão exigente. Seria, assim, uma forma de regular a vida psíquica, podendo-se relacionar este pensamento com a própria condição de desamparo que é inerente ao ser humano.

Soler (1999), entretanto, sugere que, para sermos fiéis à proposta freudiana, temos que excluir o termo depressão do meio psicanalítico, visto que esta inexiste. Pode-se pensar que existem diversos termos que descrevem estados emocionais como histeria, paranoia, melancolia, entre outros, podendo-se até mesmo se falar em “depressões”, mas não em “depressão”. O mesmo autor ainda enfatiza que esta questão é de extrema importância para que a psicanálise não construa seu discurso com base nas metodologias psiquiátricas de compreensão e tratamento. Assim, dependendo da corrente psicanalítica que se seguir, pode-se ver a questão dos transtornos afetivos das mais variadas formas.

Com relação aos estados maníacos vale citar Mijolla (2005), quando diz que a mania se coloca como uma inversão do humor melancólico, trazendo, entre outras formas de expressão, hiperestesia afetiva, otimismo patológico, autoestima em demasia e, algumas vezes, delírios como o de grandeza e de onipotência, assim como ao messianismo. Este humor expansivo pode levar à logorréia, insônia total e perda de noção do perigo, entre outras manifestações no dia-a-dia o que torna difícil a convivência do sujeito consigo mesmo e com os demais. Freud (1915/1996c) complementa seu pensamento sobre a melancolia, mencionando sua experiência clínica, na qual vê a mania com origem no mesmo complexo do da melancolia, sendo que nesta existe o sucumbir e na mania o triunfar, utilizando-se nesta última, toda energia que ficaria à disposição do mecanismo melancólico.

Safanelli, Rodrigues e Cyrino (2012) em uma revisão da literatura refletem sobre o Transtorno Afetivo Bipolar e atentam para a questão do uso exacerbado de substâncias psicoativas. Nessa revisão as autoras discutem o impacto depressor ou estimulante das mais variadas drogas no cérebro humano, alterando a cognição e o

comportamento. Relatam ainda recentes achados acerca da busca de tratamento para os transtornos afetivos, frequentemente medicados com fortes psicotrópicos, o que faz o cérebro reagir, muitas vezes negativamente, a estas substâncias, de forma a causar efeitos colaterais indesejáveis. As mesmas concluem que se faz importante a correta orientação multidisciplinar ao paciente, assim como a adesão deste ao tratamento, buscando maior qualidade de vida na equação tratamento e uso de psicoativos. Na mesma linha de pensamento, Lima e Fleck (2009) estudaram a relação entre a depressão e a qualidade de vida, revisando artigos entre 1990 e 2007, com a premissa de que os impactos da depressão na vida das pessoas alteram de forma significativa sua qualidade de vida. As autoras encontraram dados que levam a pensar na necessidade de modelos teóricos para se compreender melhor a relação entre qualidade de vida e depressão, uma vez que é importante saber a dimensão, abrangência e magnitude do impacto da primeira na segunda, buscando maior atenção ao transtorno, assim como melhores tratamentos.

Estudos atuais vêm sendo produzidos no sentido de guiar os psicanalistas quanto aos melhores caminhos relativos aos transtornos afetivos. Assim, Fernandes (2014) diz que há uma dificuldade quanto à função representativa quando se fala em melancolia, visto que a construção de uma imagem de si não foi possível para os indivíduos melancólicos. Por este motivo, deve se ater à função estética do tratamento analítico, a qual teria a função de recriação. A autora diz que a criação estética pode organizar as pulsões parciais gerando a função do eu no indivíduo, o que foi prejudicado pelas falhas na função especular e se encontra, no presente, de forma instável. Nesse sentido, a função do psicanalista e dos cenários ali construídos seria a de ligar as impressões fragmentadas, assim como as sensações, imagens e palavras. Em outro estudo, Silveira, Aguiar e Dourado (2015) interessam-se pelo sofrimento psíquico da vivência da maternidade por mulheres que sofrem com depressão pós-parto. Nessa pesquisa ressaltam a importância do tratamento psicanalítico como “clínica do sujeito”, opondo-se à visão médica do corpo. As autoras ressaltam que o sofrimento psíquico das mulheres grávidas em situação de depressão pós-parto contém, também, a “exclusão do sujeito”, comum na prática médica moderna, vendo o sujeito como objeto. Nesse sentido, concluem que a psicanálise é capaz de ir em direção contrária permitindo que o sujeito se questione acerca de sua melancolia.

1.1.2 Transtornos do Humor e os Manuais Diagnósticos: diálogo possível?

Considerando-se um olhar psicanalítico, é importante ver os transtornos afetivos de um ângulo que não aquele dos manuais diagnósticos criados pela moderna ciência médica. Há séculos que a psiquiatria busca formas de categorizar as afecções da mente e produzir enquadres para melhor compreensão e tratamento destas. Em 1820, Esquirol, discípulo de Pinel, referindo-se à depressão, afirmou que a palavra melancolia deveria ser usada pelos poetas e pelos moralistas, não pela medicina. O autor complementa seu pensamento dizendo que esta forma de se nomear a tristeza não cabe aos médicos, pois estes são obrigados a maior rigor e severidade em seu trabalho (Pigeaud, 1998).

Neste sentido, da busca por maior "severidade", manuais como o DSM (Diagnostic and Statistical Manual of Mental Disorders) vem substituir o conceito de psicopatologia por uma classificação nosográfica que atende a uma uniformização da linguagem no campo, deixando de se ocupar do sofrimento psíquico, papel do campo da psicopatologia. Segundo Pereira (2000), em seu texto sobre "a paixão nos tempos do DSM", um discurso de natureza empírica e pragmática prevalece nos manuais diagnósticos, deixando de lado a discussão acerca do sofrimento humano e das teorias que o tentam compreender. Logo, aceita-se somente o que for clinicamente observável, fazendo desta observação o diagnóstico e consequentemente o tratamento. Esta concepção naturalista anula vértices como cultura, subjetividade e existência humana, vendo-as como perigosas, pois podem confundir os diagnósticos e, consequentemente, os tratamentos.

Monteiro e Lage (2007) discutem o conceito de depressão e sua trajetória histórica neste contexto dos manuais classificatórios e atentam para o fato de que não se deve se perder de vista a singularidade do sujeito, o que é um risco quando se olha somente para a sintomatologia e para as classificações que estes manuais oferecem. As autoras também chamam atenção ao fato de que a tristeza não pode sempre levar a carga de uma manifestação patológica e lembram, ainda, que o luto, após uma perda significativa, pode ser um processo normal.

Ao longo do tempo a história da psicanálise parece lutar por seu lugar, fugindo às tentações de categorização e domesticação. Neste sentido, buscando manter a singularidade do sujeito, mas conseguindo produzir ciência em psicanálise, mantendo a liberdade associativa, importante citar Kupermann (2009) sobre a produção

psicanalítica e os cenários da universidade. O autor destaca a necessidade de se pensar a questão da institucionalização da psicanálise sendo que no cenário da universidade poder-se-ia ter maior liberdade associativa e diálogo entre os diversos saberes e linhas teóricas, o que se faz mais difícil dentro dos compromissos firmados dentro de uma associação psicanalítica.

Assim, levando em conta todos os entraves quando se fala de transtornos afetivos, categorizações, rigor, ciência e psicanálise, existe a importância de estar aberto às diferenças, fugindo à totalização, quando se fala em ciência psicanalítica. Vale lembrar que Freud (1915/1996b) defendia o uso de uma linha de raciocínio que leve em conta a transferência e a resistência para fazer um trabalho que se pretende estar dentro dos moldes da ciência psicanalítica, mesmo que se chegue a resultados diferentes dos que já estão afirmados.

1.1.3 O pensamento de Bion e suas transformações

Wilfred Ruprecht Bion é um teórico que tem muito a contribuir em teoria e prática psicanalítica ao teorizar as relações objetais e como estas se dão. Bion destaca-se, segundo Zimerman (2004) pelos interesses teóricos e estudos ampliados que fez em psicanálise, fundamentalmente se interessando por aspectos sociais, destacando-se, logo no início de sua carreira, os estudos acerca da dinâmica de grupos. O interesse pela dinâmica de grupos surge com sua atuação nas duas guerras mundiais e se prolonga ao longo de toda primeira metade de sua obra, sendo abordada principalmente em Bion (1948, 1952, 1961). Seus estudos quanto à análise de psicóticos e estudos avançados sobre o pensamento, a linguagem, a comunicação e a formação de vínculos produziram vários livros consagrados na psicanálise até os dias atuais. A originalidade que acompanha o nome de Bion o faz ser um dos maiores teóricos em psicanálise, criando em teoria, técnica e prática. Seus trabalhos com psicóticos possibilitaram um amplo conhecimento sobre a formação da subjetividade e sobre a constituição do inconsciente, destacando-se a sua concepção da existência, em todas as pessoas, de uma parte neurótica e de uma parte psicótica da personalidade. Ao ser analisando e discípulo de M. Klein, trouxe em sua bagagem grande conhecimento sobre os estudos desta e os conservou, juntamente com as teorias de Freud, para que seu construto teórico, técnico e prático fosse, não uma contestação, mas sim uma continuidade (não sem contestação). Acusado de místico

(embasando-se em teorias orientais), de intelectualmente erudito (baseando-se em sua ampla gama de conhecimentos acerca de diversos campos do conhecimento) e confuso (ao unir todos os seus conhecimentos e criações) pelos críticos de outras vertentes da psicanálise enquanto desenvolvia seu pensamento, suas teorias permanecem vivas e essenciais para a compreensão de muitos fenômenos psíquicos individuais e coletivos.

Segundo Figueiredo (2014), Bion tem sua importância por ir além do que muitos outros teóricos da psicanálise foram pelo fato de tentar pensar e viver a fundo a psicanálise sem explicá-la, visto que a resposta faz perder o sentido da questão, na premissa bioniana. Para o autor, Bion considera, então, que a psicanálise é mais um exercício do questionamento do que da resposta e fez disso o mote de seu trabalho. Seguindo este pensamento, Bion, de forma talvez pouco positiva, construiu sua obra não com respostas, mas com questões, deixando lacunas muitas vezes incompreensíveis, justamente pelo fato de seguir uma lógica na qual não cabe o concreto e o explicativo. Durante sua trajetória, Bion iniciou com textos mais ou menos concretos e explicativos, utilizando-se de casos clínicos, passando então para uma outra fase, talvez mais madura, a partir dos anos de 1960, principalmente com seus trabalhos intitulados “Aprendendo com a experiência” (Bion, 1962), “Elementos da psicanálise” (Bion, 1963) e “Transformações” (Bion, 1965/2004), deixando para o fim da vida sua fase mais mística e literária, principalmente com sua trilogia “Uma memória do futuro” (Bion, 1975a, 1977a, 1979). Esta última se forma como uma obra essencialmente ficcional na qual encontram-se os elementos bionianos entremeados por personagens e um enredo teatral. Nestes, o autor lança mão de diálogos que pensam o próprio pensamento das ações dos personagens que parecem, cada um deles, encarnar um ponto abstrato de sua psicanálise. Assim, no primeiro livro da trilogia (Bion, 1975a), em um dos diálogos encontram-se vários personagens em uma metalinguagem acerca do papel do psicanalista e suas dificuldades em exercer esta profissão, assim como em um questionamento acerca do papel do personagem. Entre os interlocutores está o próprio Bion, ou um Alterego com o mesmo nome, respondendo aos demais. Bion discorre, neste trecho, sobre vínculos e relações de objeto, sobre o psicanalista e sua profissão, sua missão, sua prática e suas dificuldades.

> Bion: Você poderia dizer que ser um psicanalista é como usar um sortimento de roupas mentais – a pessoa poderia escolher qualquer personagem que gostasse de ser e vestir o uniforme apropriado. O problema é a pessoa ter que ser um psicanalista, e não simplesmente aprender um papel com o objetivo de encenar. (p. 217)

A forma que se dá a vinculação foi uma das grandes curiosidades de Bion. Assim, desde os estudos de Freud sobre as pulsões de vida e de morte, o construto das Relações de Objeto tem sido desenvolvido pelos mais diversos teóricos, segundo Zimerman (2004). Este termo trata da relação do sujeito com os mais diversos objetos da vida (pessoas, sentimentos, pensamentos, coisas, escolhas, entre outros), sendo que muitos destes aspectos da vida não ganham significados na psique, situando-se em uma eterna busca por um nome. Nos últimos tempos, a psicanálise deu um salto de complexidade indo além dos ensinamentos freudianos, fundamentados nas pulsões libidinais e agressivas, com as respectivas angústias e defesas.

Muitos teóricos contribuíram para este aprofundamento além das bases freudianas, como Klein (1975), com seu esquema teórico-prático fundamentalmente baseado nas pulsões sádico-destrutivas, na existência de objetos parciais e totais, arcaicas fantasias inconscientes, com intensas angústias e com defesas muito mais primitivas do que as até então observadas. Com relação aos vínculos, Klein, no decorrer de sua obra (Klein, 1946, 1975), por vezes mencionava a relevância clínica do vínculo, colocando, por exemplo, que a análise teria que começar pelo contato estabelecido com ela. J. Bowby, (*apud* Zimerman, 2004) psicanalista inglês, na década de 1960, por sua vez, estudou os vínculos do ponto de vista do comportamento social e, assim como a escola argentina de psicanálise, tem dado importantes contribuições ao estudo dos vínculos nas interações humanas. Também fazem parte deste conjunto autores como Ferenczi, Winnicot e Kohut (*apud* Zimerman, 2004). Porém, coube a Bion o mérito de ter ampliado, aprofundado e divulgado a importância essencial de como os vínculos se combinam, determinando as inúmeras formas das configurações vinculares, termo que alude à ligação entre partes delimitadas entre si. Bion (1962, 1963, 1975b) definiu vínculo como sendo uma estrutura relacional emocional entre duas ou mais pessoas ou entre duas ou mais partes. Os vínculos se organizam em uma estrutura, formando um sistema no qual cada um dos seus elementos influencia e são influenciados, sendo polissêmicos, transformáveis e podendo se dar de forma inter, intra e transpessoal.

Logo, pela amplitude do termo, o enfoque nos vínculos e nas configurações vinculares se faz necessário (Zimerman, 2004), existindo diversificados vértices de observação pelos quais se pode olhar para estes vínculos que se estabelecem, não só nos indivíduos, mas também na dinâmica de escolha de parceiros amorosos, nos grupos, etc. Os vínculos tomam variadas formas dentro das famílias, vínculos sociais diversos, mostrando como as pessoas podem se vincular aos elementos internos e externos mais diversos. O estudo dos vínculos deve ser feito de forma a levar em conta seu caráter de influência um no outro e de complemento um do outro. Importante dizer, nesse contexto, que os vínculos podem assumir diversas configurações sendo o elo de comunicação entre o consciente e o inconsciente, um pensamento e outro pensamento, a percepção e o conhecimento, um pensamento e o conhecimento, a parte infantil e a parte adulta, a parte psicótica e parte não psicótica, paciente e terapeuta, o indivíduo e a espiritualidade, o indivíduo e o trabalho, etc. E, ainda, podem ser intersubjetivos, intrassubjetivos, transssubjetivos (ou seja, além das fronteiras).

Bion (1962, 1963) categorizou os tipos de vínculos em três: vínculo de Amor (L), de Ódio (H) e de Conhecimento (K), cada um podendo aparecer em sua versão positiva ou negativa. Assim sendo, -L (menos amor), -H (menos ódio) e -K (menos conhecimento) são descritos na literatura bioniana, muitas vezes inspirados pelos construtos kleinianos. Os tipos de vínculos estabelecidos pelo sujeito com seus objetos internos se darão, portanto, ao longo da vida, em uma dinâmica de identificação projetiva conforme Klein (1946), no sentido de promover o elo entre o sujeito e o exterior. Assim, a característica essencial da vinculação com o objeto que vai receber o investimento será de um vínculo de amor, ódio ou conhecimento segundo o qual o próprio indivíduo estabelece com seus conteúdos internos.

Com relação às formas negativas, o vínculo -L diz respeito à oposição à emoção do amor, levando o indivíduo a fazer coisas em nome do amor, mas anulando seu prazer. Zimerman (2004) coloca um exemplo que ilustra muito bem este tipo de vinculação que é o da mãe que ama seu filho e demonstra esse amor de forma intensa, simbiótica, sufocante e possessiva, fazendo inúmeros sacrifícios para dar a ele toda completude. Esta renúncia aos próprios prazeres a leva a injetar culpas no filho, infantilizá-lo e não reconhecer o processo de diferenciação, separação e individuação deste. O vínculo -H caracteriza-se por uma forma de amor que tem sua base no ódio. O vínculo K está ligado à aceitação ou não das verdades penosas, sendo o -K caracterizado pelo ataque aos vínculos perceptivos, às interpretações do

analista e à anulação de experiências emocionais, ou seja, essencialmente à defesa de negação. Em todo caminhar de Bion, de uma outra forma, mas complementar, a capacidade para o negativo se faz importante e, sobre isso, vale citar o comentário de Figueiredo (2014):

> (...) é a capacidade de se manter na incerteza, no mistério e na dúvida. Essa capacidade de destruir os signos de seus significados, deixando-os não saturados e aptos à infinitas realizações é própria do pensamento. Pensar ocorre na ausência do objeto. O pensamento nasce da impossibilidade de contato com o objeto na sua plena presença; quem não tolera a ausência do objeto, não pensa e não desenvolve o aparelho para pensar. (p. 12)

Zimerman (2004) amplia a questão acerca dos vínculos criando o conceito de Reconhecimento (R), que diz respeito à necessidade de todo ser humano desde bebê de ser reconhecido, aceito, admirado e desejado. Fazendo parte da estruturação narcísica de todo ser humano, quando estes desejos não são satisfeitos, todo tipo de mecanismo de defesa aparece entremeio às configurações vinculares mais variadas, com maior ou menor grau de psicopatologia, podendo chegar à criação de um falso self.

O estudo das formas de vinculação e das configurações vinculares é de suma importância para a psicanálise visto que é necessário averiguar os padrões que a pessoa estabeleceu ao longo da vida, o que dará ao psicanalista uma visão ampla sobre os pontos críticos da psique do indivíduo. É importante se ater ao fato de que às vezes o indivíduo pode ter diversos parceiros amorosos ao longo da vida, mas mantendo o mesmo padrão de relacionamento, como por ex. paranoide. Ou, em outras áreas da vida, se ligando a formas variadas de ser e viver, sem variar a essência da vinculação. Logo, a importância do pensamento bioniano para se compreender a estruturação das psicopatologias se verifica, principalmente quanto à psicose, tema que o autor desenvolveu ao longo de sua obra com bastante persistência. Deste modo, percebe-se sua genialidade ao desenvolver os mecanismos acerca do qual se estrutura a psicose e, em seguida, delinear o caminho para as neuroses, onde o construto da melancolia se abriga.

O psicótico, para Bion (1992/2004), demonstra uma incapacidade de digerir mentalmente sua experiência (uma falta de capacidade para atingir o que Bion chama de função alfa), sendo um duplamente incapaz, pois não consegue tornar os elementos angustiantes inconscientes, estocando-os, nem tirar proveito dessa

experiência. Para o autor, aprender com esta experiência faria com que o sujeito adquirisse a capacidade de abstração, mas chegar a este estado de alfa o faria sentir como se estivesse perdendo este conteúdo, o que é, igualmente, intolerável. Fazendo um paralelo com o neurótico (aqui traçando uma similaridade entre o não-psicótico com a parte não-psicótica da personalidade), o autor diz que este segue o caminho contrário, visto que o material angustiante está em estado de repressão, protegendo o indivíduo da loucura. Na neurose, portanto, o sujeito teme a análise, pois não quer tornar os conteúdos deixados no inconsciente, conscientes. Ou seja, tornar os desejos e conteúdos conscientes seria causar uma evacuação de conteúdos que jamais poderiam se tornar inconscientes novamente. Assim, as defesas neuróticas buscam complementaridade nos vínculos que vão se firmar com o exterior, visando a continuidade deste estado, por mais angustiante que seja viver na neurose.

Nesse mesmo fluxo de pensamento, o tema da frustração é recorrente na obra de Bion e faz parte desse complexo. Para Bion (1992/2004), a frustração pode ser positiva (gerando contato com a realidade, assim como com as limitações e potencialidades do sujeito), negativa (logo, desestruturante) ou escassa, sendo esta última a mais danosa. Paralelo a isso, em Bion (1973/1991), encontramos o termo “não-seio”, sobre o qual o autor alerta para o perigo de não se introjetar nada, nem mesmo um seio mau, não tendo representação dessa mãe, não gerando nem a falta de algo bom. A frustração, assim, ao variar em graus e intensidades supõe que o bebê tenha capacidade para tolerá-la, sendo que em níveis elevados pode ser um dos alicerces da psicose.

Bion (1992/2004) complementa seu pensamento qua se referir à importância da experiência emocional do paciente, dizendo que o paciente que diz estar ansioso, assustado ou deprimido pode (e enfatiza esta palavra) perceber qualidades psíquicas, mas não é capaz de aprender com esta experiência. Ao falar de sua experiência clínica, Bion aborda a importância do terapeuta, neste contexto sendo continente, ao perceber a permanência do paciente na posição de ansioso ou de deprimido, chamando o indivíduo para viver esta experiência e, com menores ou maiores dificuldades, visando que este possa viver esta aprendizagem, ou seja, alcançar a função alfa.

Bion (1973, 1977b, 1992/2000) propõe, assim, um inconsciente por vezes mais complexo do que já contextualizado por Freud e sugere a necessidade de que seja dado um nome ao que não é possível conhecer, empregando o Zero. As associações

são com o nada, com a ausência, com a frustração e sua importância para o pensamento. O Zero pode estar associado psicologicamente ao conceito aristotélico de potência, um estado de integração no qual o sujeito pode se manifestar plenamente. Silva (1999) diz que não se pode conhecer o Zero, só se pode vivê-lo, concebendo um in-consciente análogo ao in-manifesto, em que as coisas não se encontram nem em estado de caos, nem ordenadas numa linguagem, mas em um estado potencial carregado de vitalidade, podendo expressar-se em formas mais ou menos evoluídas, assim como sonhos mais integrados e nítidos ou mais desintegrados e foscos. Ou seja, pode-se presenciar o reino da espontaneidade em contraste com as regras pelas quais a razão determinista pretende enquadrá-lo.

Bion foi um pensador que gerou polêmica e estranheza em diversos momentos com sua forma de pensar além dos contornos pré-estabelecidos. Porém, com o tempo, percebe-se que muitos de seus mais criativos construtos são essenciais para se compreender algumas facetas do ser humano. Um exemplo disso é quando ele aborda a questão do psiquismo fetal. Assim, quando o autor diz que há habilidades que são inatas ao bebê, explica:

> Não vejo razão para duvidar que o feto a termo tenha uma personalidade. Parece-me gratuito e sem sentido supor que o fato físico do nascimento seja algo que cria uma personalidade, que antes não existia. É muito razoável supor que este feto, ou mesmo o embrião, tenha uma mente que algum dia possa ser descrita como muito inteligente. (Bion, 1992a, p. 91)

Indo de encontro a esta constatação, Azevedo e Moreira (2012), em estudo teórico sobre o tema, concluem que o estudo acerca do psiquismo fetal pode levar a grandes descobertas sobre as capacidades inatas do ser humano e suas potencialidades. Os autores dizem ainda que o estudo aprofundado sobre este tema pode inclusive levar a uma melhor compreensão das psicopatologias.

De modo geral, a obra de Bion é bastante complexa, exigindo um estado mental a alcançar que seja propício ao desenvolvimento da prática psicanalítica: de vazio e de continência. Chuster, Soares e Trachtenberg (2014) descrevem o estado de continência como uma capacidade de discriminar o estado emocional do outro, aceitando e tolerando que o outro é um outro, não submetido a si, o outro não sendo um prolongamento de si mesmo. Os autores veem Bion como uma bússola na busca por algo chamado “verdade”, mesmo sabendo que esta é algo que estará sempre à

nossa frente. Outros conceitos de Bion serão discutidos adiante, neste trabalho, quando dos resultados deste estudo, articulando os construtos com os dados obtidos.

1.1.4 As Técnicas Projetivas e o Teste de Apercepção Temática

Para a realização de pesquisas em psicologia é frequente a utilização das técnicas projetivas, principalmente quando se deseja coletar dados acerca de aspectos e conceitos relativos ao inconsciente. Ferreira-Rodrigues e Villemor-Amaral (2012), avaliaram artigos publicados com a utilização de técnicas projetivas no período de 2001 a 2011. No estudo das autoras evidenciou-se que: há pouca variação na escolha de testes mesmo em diferentes faixas etárias; estudos com a técnica são utilizados mais com crianças do que com adultos; e existe a necessidade do aumento dos estudos sobre uma maior variedade de instrumentos deste tipo, assim como estudos de validade destes testes, inclusive com maior variedade quanto à faixa etária.

Formiga e Mello (2000) realizam uma discussão prolífica ao abordarem a diferença entre os testes psicométricos e os projetivos. Por um lado, os primeiros são mais objetivos e facilitam a compreensão de aspectos mais concretos. De outro lado, os testes projetivos trazem abertura e possibilidade de interpretação além do que o sujeito pode verbalizar, como um resgate do inconsciente do indivíduo. Há, neste sentido, uma grande discussão acerca da cientificidade desta última, já que o uso da subjetividade do profissional que aplica o teste entra em cena para formar a interpretação do conteúdo manifestado. Logo, não existem provas empíricas para estes como existem para os testes psicométricos. Em alguns tipos de pesquisa qualitativas é importante a utilização de parâmetros externos para validar o trabalho realizado, como é o caso da utilização da avaliação às cegas por juízes. Mais recentemente Pinto (2014) lembra que os testes psicométricos ganharam grande prestígio na década de 1960, mas que as pesquisas com os testes projetivos continuaram e garantiram sua sobrevivência, sendo importante dar continuidade aos estudos sobre os fundamentos teóricos que englobam psicanálise e técnica projetiva.

Ainda sobre as técnicas projetivas, Fensterseifer e Werlang (2008) dizem que estas são mais utilizadas na avaliação da personalidade, mas que podem ser utilizadas em diversos contextos além deste, como por exemplo, na avaliação da percepção dos sujeitos acerca das situações que vivenciam. Os autores também

pontuam a ampla variedade de instrumentos psicológicos com construto projetivo e a necessidade de observância da técnica utilizada para cada um. Portanto, pode-se utilizar de grafismo, manchas de tinta, elaboração de desenhos, contar histórias, entre outros, cada um com sua peculiaridade em termos de fundamentos, aplicação e análise.

Scaduto e Barbieri (2013, 2016), em pesquisa recente, realizaram uma revisão crítica sobre a utilização do TAT no Brasil e defendem a realização de mais estudos sobre as características deste instrumento, haja vista a falta de investigações com este enfoque, conclusão a que chegaram. Os pesquisadores afirmam que o status da Avaliação Psicológica no Brasil é muito bom, mesmo que ainda deva melhorar, o que possibilita maiores investigações com o TAT no sentido de aprimorar o instrumento e demarcar suas limitações e alcances em nosso contexto sociocultural. Citam ainda, um problema quanto à prática e à pesquisa com o TAT no país, sugerindo a utilização dos potenciais tecnológicos para a inserção de casos clínicos em um banco de dados que possam auxiliar os estudos com o teste.

Freud já utilizava o termo “projeção” em 1895, quando realizava seus estudos sobre a paranoia, de forma a dar uma qualidade normal ao conceito, ou seja, uma forma de expressão de pensamentos, sentimentos e conflitos do sujeito. Além disso, este tem caráter de mecanismo de defesa e Freud dizia que esta poderia ser considerada uma defesa primária, como um mecanismo normal que é mal-usado, consistindo em procurar no exterior a origem de um desprazer (Bandeira, Trentini, Winck & Liberknecht, 2006).

Além de Freud, muitos autores em diversas vertentes da psicanálise trouxeram suas contribuições sobre o tema e coube a Murray utilizá-lo para a criação do TAT. No presente estudo será utilizado um teste projetivo de contar histórias, o Teste de Apercepção Temática (TAT), teste projetivo desenvolvido a partir de 1935 por Henry Murray (Hall, Lindzey & Campbell, 2000; Murray, 1943). Enquanto desenvolvia seus estudos, Murray tinha profundo interesse em estudar a mente humana e os aspectos relacionados com a imaginação, sendo que na Clínica Psicológica de Harvard, na qual foi diretor, realizou experimentos no sentido de delinear a organização da personalidade humana.

Afonso e Faria (2012) publicaram um estudo de caso com a utilização deste instrumento e pontuaram que é uma técnica interessante para avaliação da Psicoterapia Breve. No estudo, efetuaram a aplicação do teste no início e no final do

processo terapêutico de uma paciente que teve 40 sessões e compararam algumas das pranchas em comum utilizadas. Concluiram, através deste processo, que o *insight* da problemática focal da paciente aconteceu e pôde ser demonstrado na avaliação com o auxílio do instrumento.

Avellar (2009) aponta para a necessidade de se compreender a pesquisa em psicologia clínica como um ato criativo, visto que seu conhecimento é construído no campo da intersubjetividade humana e o estudo de um caso e a escrita de uma tese se pauta na "apresentação daquilo que se pensou, se refletiu, se viveu e se experimentou em dois sentidos: o da pesquisa e o da intervenção." (p. 16). Assim, levando-se em conta as premissas da própria psicanálise, de se usar da subjetividade do psicanalista para entrar em contato com o paciente (Avellar, 2009; Kupermann, 2009; Neto, 2006; Nogueira, 2004), se faz importante um comprometimento científico e um olhar apurado para evitar ao máximo a possibilidade de direcionamento subjetivo do pesquisador.

Fazendo um paralelo entre o uso do TAT neste estudo e o pensamento de Bion, importante resgatar Parada e Barbieri (2011), Houzel (1991) e Ocampo (1981) quando abordam o processo histórico de aplicação do T.A.T. Estes estudos concluem que se deve levar-se em conta o contexto histórico e social em que o aplica, destacando que este instrumento possibilita ao observador vislumbrar o desejo reparatório, em relação a si próprio e à sua integridade, na tentativa de reparação do self e seus objetos internos. Neste ponto, indo de encontro com as preconizações de Bion sobre existir uma cesura do inconsciente, em busca de uma reparação simbólica dos traumas vividos ao longo da vida desde o nascimento, o primeiro momento de cesura.

2 OBJETIVOS, HIPÓTESES E JUSTIFICATIVA

O presente estudo teve o objetivo geral de compreender a psicodinâmica do sujeito que sofre com transtornos afetivos à luz do pensamento de Bion através dos conteúdos advindos da utilização de dois instrumentos (entrevista e TAT). Em específico, neste contexto de transtornos afetivos e relações objetais compreendidas à luz da psicanálise de Bion, espera-se gerar discussão acerca do modo de vinculação utilizado pelos participantes e sua consequente configuração, com questionamentos como: a) prevalecem sistemas de vinculação da pessoa consigo mesma e com os demais que levam à promoção da saúde? b) como se dá o direcionamento do desejo? e; c) como esse direcionamento têm afetado a forma de subjetivação e, consequentemente, vinculação?

O estudo justifica-se pelos dados já relatados na introdução, acerca das múltiplas transformações que ocorreram nos comportamentos e atitudes dos indivíduos contribuindo para o aumento da prevalência de quadros de transtornos afetivos nas últimas décadas. Segundo a OMS (BBC Brasil, 2009), em cúpula mundial realizada em 2009, a depressão, por exemplo, seria a doença mais comum do mundo em 2030, prevalecendo sobre Aids, câncer e doenças cardíacas. Em 2014 a Organização das Nações Unidas (ONU) (Folha de São Paulo, 2014), acerca de pesquisas realizadas pela OMS, fez uma declaração que talvez mostre que esta marca já tenha sido alcançada. A Organização refere que cerca de 7% da população mundial sofre com depressão, somando 400 milhões de pessoas, repercutindo na família, no sistema de saúde e na economia. Assim, parece importante refletir sobre a clínica, a psicodinâmica e o contexto histórico e social na atualidade. Espera-se, portanto, obter resultados que levem a reflexões acerca da clínica dos transtornos afetivos na atualidade assim como a contribuições que o TAT e o corpo teórico de Bion podem trazer para a análise.

3 MÉTODO

3.1 Tipo de Pesquisa

A pesquisa foi realizada dentro do referencial clínico-qualitativo, sendo composta de dois estudos de caso (Minayo, 2000; Turato, 2003; Baptista e Campos, 2014), utilizando-se de entrevista semiestruturada e técnica projetiva, buscando a maior compreensão do universo em que vivem os participantes à luz dos pensamentos de Bion. Segundo o referencial clínico-qualitativo utilizado, pretende-se alcançar a evocação de elementos apresentados pelos sujeitos que sejam determinados por suas condições psicológicas, não sendo mero acaso a presença destes. Durante o processo de entrevista nesse modelo dá-se grande liberdade ao sujeito para que estes elementos possam se revelar demonstrando sua dinâmica de personalidade. As relações significativas entre os dados só alcançam compreensão a partir da interpretação do pesquisador com base em sua vivência clínica e seu material teórico de referência, diferentemente do método experimental.

A saber, a linha de pesquisa utilizada é a de Investigações em Psicanálise, que assim se define:

> Partindo da afirmação de Freud que o objetivo da Psicanálise é diminuir o sofrimento humano, essas investigações visam ao estudo teórico ou clínico do Campo Psicanalítico, tais como a metapsicologia, o método psicanalítico, os impasses e desafios na prática clínica no campo social, institucional e privado; o delineamento das fronteiras entre o campo psicanalítico e o de outros saberes; a teoria psicanalítica, a psicopatologia psicanalítica, a história da Psicanálise e a Psicanálise no campo social. Essas investigações procuram, também, questionar e refletir sobre a ação do profissional no enfrentamento das demandas da população brasileira. (IP-USP)

3.2 Participantes e critérios de inclusão

Participaram da pesquisa duas pessoas, pacientes de um consultório médico, encaminhados pelo profissional responsável. Os critérios de encaminhamento foram: adultos, com capacidade de expressão para responder aos instrumentos e com o diagnóstico médico apresentando quadro de Transtornos Afetivos, sendo também confirmado pelo pesquisador, na entrevista. Buscando casos nos quais o transtorno

parece mais persistente, foi pedido, ainda, ao médico, que os pacientes encaminhados apresentassem no mínimo cinco anos de tratamento. Ambos os participantes são do sexo feminino e preenchem os critérios acima mencionados. Assim, Catarina (64 anos) apresenta quadro depressivo, falta de autoestima e tristeza e, Alice (49 anos), apresenta excitação eufórica do humor, agitação psicomotora, tendência a supervalorizar-se, assim como a não ver os riscos e perigos embutidos em suas ações.

Vale ressaltar que os pacientes da pesquisa estão em tratamento há muitos anos (há aproximadamente 20 anos, segundo informações da pessoa que encaminhou e de ambas) com o médico que os indicou e tem uma relação específica com o mesmo, na qual podemos visualizar características de transferência através dos conteúdos que trazem em seu discurso nas entrevistas. Assim, o veem como uma pessoa generosa, cuidadosa, amiga e companheira de quem recebem afeto e se sentem compreendidas e acolhidas. As interferências desses dados nos resultados serão discutidas durante a redação do trabalho.

3.3 Instrumentos

Foram utilizados dois instrumentos, aplicados individualmente, sendo eles:

- A) Entrevista semiestruturada (ANEXO 1) para coletar dados sobre: informações sócias demográficas como idade, sexo, estado civil, número de filhos e escolaridade; características sobre os transtornos afetivos e sintomas que o participante apresentava; informações acerca do caso, sua trajetória, motivações em busca de tratamento, histórico de vida e outras informações importantes. O referencial teórico para a entrevista vem de Bleger (2001) e OMS (2007).

- B) Teste de Apercepção Temática (TAT): teste projetivo desenvolvido a partir de 1935 por Henry Murray, utilizado para avaliar determinadas características da personalidade e sua psicodinâmica. O TAT utiliza uma série de figuras de situações ambíguas sobre as quais o sujeito deve contar uma história. Essa história deve conter pontos que revelem motivações, acontecimentos, personagens e suas funções, sentimentos e pensamentos dos mesmos, assim

como um fim. Consiste originalmente de 20 pranchas para cada sexo, tendo sido selecionadas nove para aplicação: 1, 2, 3MF, 5, 6MF, 11, 15, 16 e 18MF. Estas pranchas foram escolhidas: entre as que se dirigem às pessoas do sexo feminino e universais; e em função dos estímulos que apresentam, tendo em vista facilitar a projeção de conteúdos relevantes aos objetivos do trabalho. Assim, a escolha dos estímulos seguiu a descrição utilizada pelo manual, como explicado na Tabela 1.

Tabela 1 – Descrição das pranchas utilizadas e temáticas evocadas

Prancha	Nome	Temática evocada
1	O menino e o violino	Relação com figuras de autoridade.
2	A estudante no campo	Relações familiares, percepção do ambiente, nível de aspiração e atitude frente aos pais.
3MF	A jovem na porta	Desespero e culpa.
5	A senhora na porta	Pode evocar a imagem da mãe-esposa (protetora, vigilante, castradora), atitudes antissociais e reações frente ao inesperado.
6MF	Mulher surpreendida	Relação com a figura paterna ou parceiro / contato afetivo-sexual.
11	Paisagem primitiva de pedra	Atitudes frente ao desconhecido, ao perigo, ao instintivo.
15	No cemitério	Relação com a morte, a culpa e o castigo.
16	Em branco	Projeção de necessidades prementes e relação transferencial na situação de teste.
18MF	Mulher que estrangula	Agressão por uma figura feminina, relação entre figuras femininas.

Fonte: Murray, H. A. (1943).

3.4 Procedimento de coleta de dados

Os instrumentos foram aplicados individualmente, com todo seu conteúdo transcrito no momento da aplicação. A pesquisa se deu em quatro etapas (uma em

cada dia, segundo cronograma estabelecido entre as partes), sendo encontros com os participantes, em sala cedida pelo responsável pelo consultório médico, sendo: 1) contato com os supostos participantes, individualmente, explicação e discussão acerca da pesquisa e assinatura do Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (TCLE) pelos mesmos; 2) realização da entrevista semiestruturada, individualmente, com duração de cerca de 1:30 hs. (uma hora e trinta minutos); 3) aplicação do TAT, individualmente, com duração de cerca de 1:30 hs. (uma hora e trinta minutos), contando o tempo de instrução, aplicação e inquéritos após cada história e; 4) sessão de acolhimento, pois em ambos os casos verificou-se mobilização de conteúdos angustiantes. Além disso, o pesquisador ficou à disposição para dar devolutiva acerca dos resultados da pesquisa quando esta terminar, segundo interesse, em data oportuna.

3.5 Procedimento de análise dos resultados

A apresentação e análise dos resultados se dará na seguinte ordem:

- descrição da entrevista de cada participante (histórico de seu sofrimento e seus tratamentos, assim como a relação com o pesquisador no momento da entrevista);
- descrição das histórias do TAT e das análises realizadas segundo o referencial de Hirsch (1981), Silva (1989) e Brelet-Foulard e Chabert (2005), além das análises psicanalíticas inerentes; e
- discussão dos casos segundo o referencial de Bion, englobando todos os conteúdos advindos dos dois instrumentos aplicados.

Importante ressaltar que Hirsch (1981) sugere algumas modificações na forma original de se conduzir a interpretação do CAT, que se aplicam para a análise do TAT. Estas modificações que propõe, diz a autora, fazem parte das reflexões acerca de sua experiência profissional, de críticas acerca do teste e do estudo histórico do desenvolvimento da técnica. Nesse sentido, define nove pautas para se conduzir a interpretação do teste. Estas são inspiradas em outro autor, Phillipson (1983), que em seu método para analisar as histórias tenta cobrir o seguinte escopo: 1) Percepção da situação; 2) Pessoas incluídas e suas relações; 3) A história como estrutura e como realização. A autora ressalta que a utilização das pautas não precisa ser utilizada de

forma mecânica, mas sim ser um roteiro de auxílio para o desenvolvimento de uma interpretação possível.

Resumidamente, são elas (adaptado de Hirsch, 1981):

1) Os personagens da cena e suas omissões, acréscimos e distorções.

2) Elementos não humanos vistos na prancha e de que forma, assim como omissões, acréscimos e distorções. Observar se o habitat é característico humano.

3) Possibilidade de dar passado, presente e futuro à história.

4) Sequência lógica ou ilógica na construção da história.

5) Tipo de linguagem utilizada e sua riqueza, exatidão, adequação à idade, etc.

6) Possibilidade de fantasiar na construção das histórias e capacidade criativa para organizar o discurso.

7) Tipo de interação entre os personagens e colocação da problemática, emoções que surgem na interação.

8) O tema das relações objetais inconscientes na interação e as principais ansiedades associadas às relações fantasiadas. Principais meios de defesa (de que se defende e como se defende).

9) Resolução ou não do conflito da história e o tipo de solução obtida em função dos desejos, medos e defesas utilizadas. Como o mundo de objetos internos é conciliado com a realidade social mais consciente. Como se dá a utilização das defesas da personagem em função do que deseja e do que teme? É uma solução que enriquece ou enfraquece o ego? É uma solução real ou fantasiada?

3.6 Cuidados Éticos

O projeto foi submetido e aprovado pela Plataforma Brasil, contou com a autorização do comitê de ética da universidade, sendo aprovado (ANEXO 2). Também contou com a anuência do colaborador externo através de documento assinado (ANEXO 3), no qual concordou em colaborar fazendo o encaminhamento dos pacientes de seu consultório médico para a participação na pesquisa. Após estas autorizações, foi iniciada a aplicação, sendo esclarecido aos participantes o objetivo do estudo e assegurado seu sigilo e confidencialidade. Em seguida, foi solicitada a assinatura do Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (TCLE – ANEXO 4) pelos mesmos. Após o recolhimento dos TCLE assinados seguiu-se a aplicação do procedimento segundo estipulado pelo cronograma estabelecido entre as partes. Ao

final do processo seria realizada uma devolutiva sobre os resultados da pesquisa com os participantes, segundo interesse.

Vale ressaltar ainda que os nomes dos participantes e de todos os citados por eles foram modificados afim de preservar suas identidades. Na mesma direção, tomou-se todos os cuidados para que os conteúdos relacionados à profissão, entre outros aspectos particulares, assim como os relatos literais da entrevista e das histórias do TAT alcançassem o mesmo intento.

4 APRESENTAÇÃO E DISCUSSÃO DOS RESULTADOS

> "(...) Parte da ambiguidade e incerteza da interpretação psicanalítica é termos que falar espontaneamente e não podermos nos expressar com precisão num espaço de tempo tão curto. Mesmo que tentemos ser precisos, resta a ambiguidade da imprecisão da linguagem que usarmos".
> (Bion, 1979, p. 139)

4.1 AS ENTREVISTAS

4.1.1 Catarina, 64a

> "Era um apartamento semi-enterrado: o pavimento térreo do prédio fora escavado na encosta da montanha. E a montanha era o nosso vizinho do outro lado da parede - um vizinho pesado, introvertido e silencioso, uma velha montanha melancólica, com seus hábitos de solteirona inveterada; sonolenta, na sua quietude invernal, nunca arrastava móveis, nunca recebia visitas, jamais emitia algum som, não incomodava, mas pelas paredes que nos separavam alcançava-nos constantemente algo como um leve e persistente relento de bolor, e o frio, a escuridão, o silêncio e a umidade desse vizinho taciturno. E era assim que ao longo do verão perdurava sempre um pouco de inverno em nossa casa".
> (Oz, 2005)

Após breve *rapport*, iniciou-se a entrevista. A mesma foi realizada em junho de 2015 e sua duração foi de 2h23m. A entrevista contou com diversos momentos de emoção e choro, mas também de risos. O tempo excedeu o programado, mas o pesquisador consentiu em continuar, deixando por conta da participante o ritmo de seu discurso, por ver que os conteúdos eram significativos e que parecia importante para ela falar sobre tudo o que discursava. Tomou-se o cuidado para deixá-la à vontade e confortável e, assim, ela respondeu as questões com muita disposição, contando as histórias de vida com muito colorido e simbolismo, se estendendo com muitos detalhes. Neste sentido, podendo ser uma característica de seu discurso um certo tom sedutor, como se percebe no decorrer na entrevista.

Catarina é uma mulher solteira, sem filhos, de estatura média, loira e gesticula pouco. Tem discurso bastante poético, talvez por conta de sua profissão como

escritora e revisora e sua paixão por literatura, assim como voz grave, calma e com muitas pausas em seu discurso, pontuadas pelas reticências. Sua indicação para a pesquisa foi feita, segundo o médico, com o diagnóstico de Depressão com contornos bem precisos há pelo menos 30 anos em tratamento com o mesmo profissional, chegando a Depressão Maior em alguns momentos, tomando diversos tipos de medicamentos e nenhum fazendo grande efeito. Durante a entrevista percebe-se seu humor triste durante o discurso e na visão que tem da vida, assim como baixa autoestima e pouca motivação. Vale pontuar que se percebe também certo tom sedutor, como falado antes, componente da histeria. Uma das primeiras frases da entrevista é: "Kleber... *pra* mim ir a uma festa ou a um velório é a mesma coisa, a mesma emoção hoje". Assim, Catarina apresenta quadro melancólico e apático com grande falta de autoestima.

Catarina se define como uma pessoa sonhadora, mas que após a cirurgia ortopédica tem sido um pouco mais realista. Seu discurso é permeado por dor física e psicológica: física por conta do grave problema ósseo que tem e psicológica marcada por uma vida de conflito com os pais e com os parceiros amorosos. Suas queixas se concentram em desânimo, falta de vitalidade, angústia, sensibilidade às demandas externas e internas e sensação de solidão. Estas sensações a acompanham desde a adolescência e foram agravadas pelo problema de saúde que a imobiliza grande parte do tempo. Sobre isso, diz:

> "Eu tive um grave problema que me travou a estrutura corporal e isso doía muito e eu estava e estou acima do peso, o que prejudica mais. E os tratamentos não davam muito resultado, fui para a cirurgia. Foi uma difícil recuperação e eu moro sozinha. Algumas amigas iam ao meu apartamento se revezar para dar conta e deu tudo certo. Agora, depois de um ano estou começando a sentir menos dor, apesar de tomar muito anti-inflamatório ainda. No geral, eu sinto muito mais dor agora do que antes da cirurgia, não sei se deveria ter feito. (chora)".

Durante a entrevista, por vários momentos, o pesquisador se vê tendo emoções de compaixão para com Catarina e se assegura de que ela está confortável na cadeira na qual está sentada, se não quer pausar ou mudar de posição. Em certo momento da entrevista percebe-se que ao contar sua história de vida os elementos de destaque e maior concentração selecionados por ela são todos aqueles de perda, sofrimento e humilhação.

Quando questionada sobre como se define, além de dizer que é uma mulher sonhadora, diz que a parte profissional é a que mais se destaca em sua vida, sendo

que gostaria de ter sido outra coisa. Ela diz que “queria ter feito medicina, então eu sou uma médica frustrada, uma pianista frustrada e uma escritora feliz com o que acabou fazendo”. No momento ela é aposentada pelos problemas de saúde. Não gosta de usar o termo “aposentada por invalidez”. Durante seus dias tem ficado a maior parte do tempo em casa, saindo somente para ir a médicos ou para fazer exames, às vezes dirigindo seu carro, mas muitas vezes pedindo ajuda a amigas, pois dirigir tem agravado suas dores físicas. Ressalta que durante todo mês tem vários compromissos relacionados a consultas, exames e farmácia.

Filha única, com pai alcoólatra e vendo a mãe sofrer violências deste, desde a infância se considera deprimida. Sua relação com os pais sempre a absorveu muito, sendo que destaca que o pai trazia elementos muito angustiantes para uma jovem, com um discurso no qual colocava o sexo como algo feio e a mulher sempre em posição inferior. A mãe, assim como a avó, segundo seu relato, também apresentou episódios de depressão. Apesar de referir relatos de agressividade advindos do pai contra ela e a mãe, descreve o seu relacionamento com o pai como melhor, chegando a colocá-lo como vítima da relação com a mãe.

Ao longo dos anos acumulou receituários e sempre buscou nos médicos e terapeutas relações de confiança e continência, algo que não teve com os pais (ambos), sendo que somente muito recentemente encontrou um terapeuta homem com quem conseguiu dar novos significados à algumas histórias de sua vida. Sua busca por tratamento para depressão se deu há mais de 30 anos em um ato que considera “desesperado” por ver seu pai alcoólatra e com impotência sexual agredindo sua mãe, com ela no meio. Quando fala sobre esses momentos da infância parece se colocar como alguém que era levada pelas circunstâncias sem controle algum. Tenta, assim, encontrar algum tipo de consolo ou lugar onde possa ser ouvida, fora de casa. Um trecho de sua entrevista ilustra esses assuntos:

> “O clima em casa era insuportável desde a infância e eu acabei ficando sem chão, sem rumo, então fui procurar um médico... e ao ser tratada... tratada não... recebida por uma psiquiatra pela primeira vez, ela deu um show tão grande que eu voei do consultório. Ela me pareceu, apesar de ser chefe de equipe, extremamente descontrolada e despreparada para receber uma pessoa que pedia ajuda. Quando eu falei do meu pai ela disse que eu é que era a paciente. Quando eu falei da minha mãe ela disse que eu é que era a paciente. E disse que não queria saber nada deles. Eu disse então que era para ela me internar, porque eu não podia internar meu pai. (chora, limpa as lágrimas com lenço que lhe é oferecido e faz breve silêncio) Tinha que me internar porque eu trabalhava manhã, tarde e noite e ela disse assim: ‘é... eu também queria ter um piano de cauda e não tenho, eu queria ter os dedos cheios de anéis e

> não tenho... então se você não aguenta três empregos, fica com dois, se não aguenta dois, fica com um...'. Então deixei de lado esta psiquiatra que tinha sido recomendada por um outro médico e busquei uma psicóloga, comecei uma psicoterapia. A terapia estava indo bem, mas minha mãe também precisava e ela não podia tratar das duas e eu acabei deixando de me tratar com ela para minha mãe se tratar. Minha mãe acabou não indo, ela era muito resistente. Essa psicóloga então me disse que ao passo que uma pessoa se trata e a outra não, a distância fica cada vez maior. Deixei ela para minha mãe porque era só atravessar a rua e estava no consultório. E nesse período tentando convencer minha mãe a ir, fui buscar outras pessoas e fiz umas quatro tentativas com psicólogos... (silêncio...). E a medicação eu tinha com psiquiatra, mas era só isso com psiquiatra. Quem me ouvia, que é o que eu precisava, eram psicólogas. Mas na verdade, eu não sentia melhora... (chora...) eram sempre mulheres que eram minhas terapeutas, pensando que a ótica da mulher seria boa para mim, a ótica de uma mulher é parecida com a da outra. Depois pensei que talvez fosse bom para mim um terapeuta homem, para dar um contraponto nas coisas que eu enfrentava, porque as psicólogas sempre só concordavam comigo... (chora... silêncio...). E foi há dois anos que encontrei um terapeuta homem indicado por um médico, neurologista e meu clínico, que me dei bem e tive grandes melhoras em muito menos tempo. Eu falei isso a ele, elogiando, e ele disse que o mérito era do vínculo que a gente estabeleceu em terapia (chora). É importante ver o profissional com simpatia, mas mais o ser humano. E acho que encontrei isso neste profissional. Eu diminuí a medicação nessa época. Antes eu falava para um espelho e o espelho me devolvia a mesma coisa... com uma delas a terapia durou cerca de quatro anos. Sempre o assunto sendo muito relacionado aos meus pais. Então, acho que valeu muito ter feito esta última terapia, desde o começo".

O pesquisador passa lenços para ela e reitera que não precisa continuar, pela última vez na entrevista, no que ela responde que "não, tudo bem... estou acostumada a chorar, me emocionar" e ri ainda chorando. Assim, sem precisar de mais perguntas, continua a falar espontaneamente sobre seus pais e parece precisar disso.

Sob sua percepção, se anulou em função dos pais, mas insiste em dizer que não foi uma imposição deles, foi uma opção dela, sendo que não se arrepende, pois seria pior se eles tivessem morrido e ela ficado com a sensação de que não fez seu dever. Ressalta que faria tudo de novo, principalmente com seu pai.

> "Meu pai era um homem muito severo, muito castrador. Mas apesar de tudo isso... era um carinho muito grande que a gente tinha um com o outro. E acho que minha mãe se sentia... (silêncio) desprestigiada com isso, dizia que eu gostava mais do meu pai do que dela, mas eu gostava dela, só que vivíamos em conflito, até porque eu acredito que se a gente sente que já foi rejeitada na gravidez, pior ainda quando a mãe diz isso, fala que tentou te abortar e só não abortou porque já tinha feito um aborto um mês antes da minha gravidez e o médico não quis abortar... (chora... ofereço lenço... água). Então eu me sentia uma pedra no sapato dela. Como é que eu poderia me dar bem com ela, se ela não queria me ter. Às vezes ela brigava com meu pai e dizia pra mim: 'eu não gosto nem de te olhar porque você é a cara do seu pai'. Então os dois muitas vezes transferiam *pra* mim problemas deles e entre eles e principalmente por ter me gerado porque ela queria muito seguir muito todos os passos do meu pai, pois casou muito nova, era muito insegura, queria ficar vigiando ele e

> achava que um filho iria impedir. E me falava tudo isso. E realmente quando ela engravidou ele falou *pra* ela: 'eu não vou sair com você porque você *tá* grávida'. Quer dizer, se duas pessoas têm relação (sexual), evidentemente, se não usam nenhuma forma de contraceptivo, deviam saber que podia nascer uma criança. Mas aí uma não queria ter porque queria vigiar o marido pela rua e o outro não queria ter porque é feio andar com mulher grávida na rua. Sexo é coisa feia, para o meu pai. Mas ela *tava* grávida dele, não era do vizinho. Então... houve uma certa rejeição também da parte dele. Mas eu acho que a ligação entre mãe e filho é maior do que entre o filho e o pai, porque a criança está sentindo tudo da mãe. A mãe está passando para o filho tudo o que sente, para o feto, *pra* criança, né. Então foi bem conflituosa a relação com a minha mãe a vida inteira. Mas um tempo antes dela falecer, a gente conseguiu superar estas dificuldades, estas diferenças. Fiquei em paz porque ela também foi em paz. E eu falo muito para o meu primo, que não tem muita paciência com a mãe que tem 90 anos, porque ele vai sentir falta quando ela for embora".

As questões sobre sexualidade começaram a chegar no discurso dos pais desde muito cedo. Conta que até os seis anos de idade lembra de si como uma criança alegre e divertida, mas que, com o evento do câncer do pai, na região dos órgãos sexuais, os pais começaram a brigar muito, o pai a beber e o medo dela, ainda criança, em ter o pai morto a absorveram. Porém, mesmo antes dos seis anos, conta eventos dos quais se lembra como marcantes:

> "Eu me lembro que eu devia ter uns três anos e as duas irmãs dele chegaram com vários presentes, porque eu era a única sobrinha menina. E meu tio e minha tia me adoravam muito. Meu pai disse assim: 'não fiquem adulando muito ela com presentes, porque ela tem que saber que é filha de pai pobre... e eu não posso dar estas coisas *pra* ela... um dia ela vai crescer e vai querer estas coisas e eu não vou poder dar e ela não vai ter. E é aí que a mulher se prostitui', falou bem assim".

Outros eventos tristes de sua infância incluem grande falta de dinheiro, já que seu pai se aposentou por invalidez e, nesse momento, vivenciou a luta de sua mãe em busca de trabalho e, por necessidade, começou a preparar as refeições da casa para a mãe ir trabalhar. Nessa época encontrava conforto na casa da avó materna, a quem tinha como uma mulher bondosa e carinhosa, diferente da mãe. A avó paterna era portadora de todo mal, alguém que não era atenciosa nem carinhosa para com ela. Aparentemente os grupos sociais dos quais participou e participa ao longo da vida contém características de grupos de acolhimento, lugares nos quais se sente querida e amparada. Na adolescência teve um professor que a amparou e a incentivou a estudar e seguir outros caminhos na vida além daqueles que a família a colocava. Foi um personagem importante ao servir de pai ideal que a impulsionava a conquistar sucesso na carreira, contrapondo-se ao pai que limitava a filha e a figura da mulher a objeto sexual.

> “Ele disse: ‘você é apenas uma criança, mas tem os olhos muito tristes’. E ele começou a perguntar sobre a minha vida e me orientar. Eu falei que queria fazer medicina e ele me alertou da impossibilidade, porque minha família não tinha dinheiro nenhum. E me falou que eu escrevia muito bem, redigia muito bem e que eu devia explorar isso. Assim foi e quando eu terminei o magistério, entrei na faculdade e logo comecei a minha carreira nesse sentido. Fiz muitos amigos no meu local de trabalho, muitas amigas, que ficaram comigo nesse período em que me operei, se revezavam para cuidar de mim. Uma delas até ficou no hospital o tempo todo, me ajuda indo nos lugares comigo, faz compras comigo. Porque eu sou uma pessoa muito sozinha: filha única, não casei, não tenho filhos, nem namorado. De parente só um primo também já idoso e uma tia de 90 anos”.

Percebe-se o quanto os pais não davam conta de suas ansiedades individuais e de casal, tendo a filha única como alvo no qual atiravam todas as suas insatisfações, sendo que esse professor, vindo de fora deste grupo familiar, mostra que pode existir uma outra forma de ser e de viver, motivando-a em uma direção de pulsão de vida. Ela mesma coloca neste professor o papel de pai e complementa que ele “sabia o que eu estava sentindo, nem precisava falar”. E ele dizia que ela era melhor do que as filhas dele, que não queriam seguir carreira literária.

Uma professora de matemática ficava ao lado de Catarina nas aulas e gritava: “vai, faz alguma coisa para ver se você é capaz” e ele, sendo professor de português, estudou matemática para repassar para ela, em aulas particulares não cobradas, dizendo para a mãe de Catarina que, na verdade “ela não precisa de aulas particulares, ela é inteligente, ela precisa é de pessoas que acreditem nela para ela mesma acreditar”. Esse professor a acompanhou em todos os momentos durante o percurso escolar desde então e seu olhar era o espelho pelo qual ela se via da melhor forma.

> “Eu tirava 2,5 em média e eu precisava de 8. Na prova depois das aulas eu olhei e pensei que não sabia de nada, de nada, de nada. Ele abriu a porta, deu sinal para a professora, cumprimentando ela, me olhou, encostou a porta. Mas ela não sabia de nada. E aí eu olhei *pra* prova e vi que sabia fazer. Tirei 8,5”.

Nessa época Catarina tinha 15 anos e ganhou tamanha autoconfiança que passou a dar aulas em casa para poder comprar o seu material escolar. Dava aulas de português, francês, inglês e matemática. Este professor, após três anos nesse acompanhamento, se mudou de cidade, mas antes a chamou para um lugar alto na escola e disse, olhando para o horizonte, que ela poderia voar sozinha a partir de

agora, que poderia se sentir como uma águia pois tinha aprendido a confiar em si mesma, pois ele tinha ensinado ela a voar. E assim ela se formou e seguiu passos que ele já tinha seguido, passando por lugares de trabalho parecidos e encontrando os mesmos conflitos que ele havia encontrado.

Quando fala da despedida desse professor, em seguida, fala da morte do pai e de sua relação com a mãe:

> "Quando eu perdi meu pai eu disse: 'o que vou fazer agora?' Porque eu cuidava dele. E aí veio a depressão da minha mãe e eu pensei: 'agora eu tenho o que fazer...'. Mas era diferente do que foi com meu pai, porque era uma obrigação... (silêncio, abaixa a cabeça...)"

Nesse momento o pesquisador pensou que foi um acontecimento da mesma época, quando Catarina ainda era uma criança. Mas o fato é que o pai de Catarina faleceu quando esta já tinha cerca de 40 anos. A mãe faleceu 10 anos depois, quando Catarina já estava por volta de seus 50 anos. Porém seu discurso leva a pensar que ela ainda era uma jovem criança, sofrendo como no evento da despedida de seu professor, ainda na adolescência.

Antes de seguir com as demais questões da entrevista, a participante continua a falar sobre sua relação com os pais, explicando e expondo os acontecimentos de forma muito emocionada. Assim, defende o pai dizendo que este só se alterava quando bebia, mas que sempre viu nele um homem carinhoso. Percebe-se certa cisão nesse ponto, visto que anteriormente ela expunha o quanto esse pai era machista e relegava à mulher um papel de servidão ao homem. Sobre a mãe, expõe que era uma "mulher fria que nem sabia nem tentava fazer carinho". Nesse momento ela pára e tenta dar um sentido para isso, diminuindo a culpa dessa mãe contando de um acidente de infância da mesma, a qual sofreu a queda de um portão em sua cabeça. Em seguida retoma os ataques.

> "Acho que isso afetou alguma coisa no cérebro dela, mas não tinham condição para procurar saber melhor disso, nem conhecimento. Ela tentou matar o irmão colocando paus de canela na boca dele. Ele nasceu quando ela tinha quatro anos e ela perdeu o trono. Outra vez pegou a tia pelos pés para jogar de cima de um sobrado. Tudo isso bem conscientemente. Mas acho que ninguém prestou atenção nisso. E se tornou uma pessoa agressiva e irritada. Aos 28 anos, eu tinha uns 10, ela disse *pra* mim que não sabia como voltar pra casa e eu que tive que orientar ela. Ela tinha estas fugas de memória e eu ficava assustada. Um psiquiatra me disse que ela não aceitava a realidade em que vivia e por isso desligava às vezes, como mecanismo de proteção. Na verdade, então, eu não tive orientação alguma de coisas que eu acho essenciais,

> mas faz parte das coisas dessa época delas, de pessoas sem estudo e cultura. Então não era falado nada sobre sexo e menstruação entre mães e filhas. Ela sabia fazer filho, mas não sabia por onde nascia... então quando eu nasci ela pensou que filho nascia pelo umbigo e aí a bolsa estourou, ela foi fazer xixi e estranhou que não parava mais, então foi fazer o parto. Informações simples que tinha que ter, né. E depois de mim teve mais quatro abortos causados por ela, para você ver e eu ouvia estas histórias ao longo da infância e adolescência. O parto foi traumático *pra* ela, teve alucinação, dizia que via palhaço, espanhola".

Após relatar mais alguns fatos sobre essa época completou que achava que por conta dos abortos ela carregava a bagagem de sete filhos, tudo sozinha, mas ri ao final da exposição dessa percepção. E continua falando de sua menstruação, aos nove anos, momento ao qual a mãe reagiu com grande agressividade para com ela impondo que nenhum menino poderia chegar perto dela agora, pois senão ficaria grávida, sendo que um beijo já seria suficiente para isso.

> "Um momento normal que ela transformou em um momento trágico. Não podia nem lavar a cabeça, tudo era perigoso e eu pensei que minha vida tinha acabado, né. Eu carreguei isso, eu era muito nova para ouvir tudo isso, eu carrego ainda esta castração toda. E meu pai falava: 'se filha minha ficar grávida, coloco *pra* fora de casa...'. Muitos dos meus problemas sexuais que tive e ainda tenho são provenientes dessa criação. E eu morria de medo do meu pai. E... essa coisa da menstruação delineou muito toda minha vida, esta coisa toda sobre sexualidade. Eu ouvia meu pai falando de mulher grávida: 'fulana estava batendo o congo' e esta frase está martelando na minha cabeça até hoje. E eu dizia *pra* ele que a maternidade é uma coisa linda. E ele dizia que não, porque todo mundo ficava sabendo que ela '*deu*' para fulano. Então você pensa que foi fruto de algo que ele acha sujo e feio e se acha suja também".

Relata diversos acontecimentos relacionado a este discurso do pai, dirigindo a ele muita agressividade, chegando a mudar sua expressão facial e falar com irritação. Assim, passou sem nenhum namorado até a adolescência, porque o pai a perseguia e a mãe levava e trazia do colégio. Junto a essa observação constante, relata que tinha muito muito de se relacionar com meninos, visto o discurso constante e feroz dirigido pelos pais, além de suas ações punitivas ao menor sinal de transgressão.

> "E nossas saias eram longas e a gente, as meninas, dobrávamos um pouco a saia às vezes... e com uns 13 anos eu fui dobrar um pouco também. Meu pai viu e me deu um tapa muito forte, na frente de todos, e disse: 'isso é para você aprender a não fazer coisa errada'. Então... eu gostava de um menino ou outro, mas ficava só naquilo".

Em alguns momentos de sua argumentação olha para o alto e fica em silêncio, como se refletisse sobre aquilo que acabara de falar e soltava alguma frase para fechar o pensamento. Em um desses momentos diz que:

> "(...) eu dizia que eles me prendiam, mas eu acho que eu é que me acostumei a ficar presa. Depois que eles morreram, eu dizia: 'o que é que eu vou fazer agora que não tinha eles para cuidar?' Eu sou um pássaro que me criei dentro de uma gaiola e um dia a porta se abriu e vi este mundo como um mundo muito perigoso. E pensei: 'o que vou fazer lá fora?' E acho que pensavam que quando meus pais morressem eu iria aproveitar a vida loucamente. Mas minha vida continua um marasmo. Só era bom meio que fora desta gaiola, com o meu professor e com a minha vó".

Seu discurso vai e volta nos assuntos familiares relacionados aos pais e ao professor. E cada vez que volta a falar desse professor parece que algo a mais está perto de ser revelado. É no meio da entrevista que ela revela, com um misto de tristeza, chorando, mas também alegria, sorrindo, que o professor foi um grande amor de sua vida e fala do momento no qual ambos se declararam, porém, colocando a realidade do pai austero que ela tinha e do casamento no qual ele estava. Ela revela que "misturava ele como meu professor, amigo e aspirado futuro marido. Eu achava ele impecável em tudo o que ele fazia. Eu via como ele se referia à esposa e à filha e daí para diante eu precisei de aula particular e via o relacionamento deles. Era péssimo". Interessante pontuar esse "relacionamento" com o seu professor, pois foi algo não realizado, mas que a preencheu como nenhum outro relacionamento realizado na vida. Algo que parece ficar melhor por não ter se consumado.

> "E ele fez uma poesia quando eu era adolescente e me entregou... falava que meus olhos eram duas janelas para ver o amor que brincavam em seu coração e que eu o deixava feliz como uma gota de água no sertão. E ele me via como uma mulher nesse poema, mas eu era só uma menina para entender a dimensão disso. Ele diz até hoje que foi vivendo a vida por viver e que não encontrarei um homem que me ame tanto quanto ele. Ele diz que foi um covarde, que devia ter feito o certo e ficado comigo e que a gente ia ser muito feliz. Mas... já foi né... o tempo passou, ele está bem idoso e continua com a mulher e a vida seguiu".

Ainda falando sobre parceiros amorosos, fala sobre alguns namorados que teve, sendo que só teve coragem de levar alguém para casa aos 27 anos. E ficou noiva de um outro rapaz por quatro anos, mas o deixou para poder cuidar do pai, que estava ficando cada vez mais doente. Este rapaz dizia para ela que ela só seria feliz quando se libertasse dos pais, parasse de viver para eles, mas ela sentia necessidade

de cuidar deles, mesmo que deixasse de lado toda sua vida, mesmo que passasse grande parte do tempo ouvindo discursos pouco amistosos por parte deles. E relaciona esta trajetória com os pais à sua vida atual e seus conceitos sobre sexualidade.

> "Nessa época minha mãe dizia que era viúva de marido vivo e saia e tinha amantes, falava que eles eram separados de corpo. E esses amantes ligavam em casa. Eu dizia que era para fazer estas coisas longe, que não precisava trazer até o portão. Eu dizia que não concordava, mas não podia julgar, mas que tínhamos que preservar o meu pai. Não adiantava. E depois fiquei um tempo sem namorar, até ter uma pessoa com quem fiquei quatro anos e meio, morando junto, ele tinha uma filha e foi bom. Mas foi também desastroso porque minha mãe tentou matá-lo com três punhaladas, porque ela não concordava e morávamos os três juntos. E depois fui saber por ele que ela tinha tentado ficar com ele antes de começarmos a namorar. Depois dele fiquei muito escaldada, ele bebia e jogava e me atolou em dívidas. Fiquei sozinha por bastante tempo para passar por esta fase. Então... você vai vendo como teve influência na minha vida estas falas e acontecimentos da infância... que até hoje eu não ligo muito para o sexo, é só um complemento para justificar querer ficar com alguém. O que mais importa é o carinho, a cumplicidade, o companheirismo. Mas está muito difícil. Na minha faixa etária você encontra *pessoas que já estão casados*, que têm sua própria família, filhos. E quando não é casado, que não quer abrir mão da liberdade de ficar sozinho, querendo só alguém para sair, para ter sexo, para ir ao cinema, mas querendo ficar sozinho, pessoas que não querem abrir mão".

Após esse relato Catarina refere sobre um homem com quem tem uma história de alguns anos, se emociona e pergunta se pode falar sobre ele. Fica à vontade para falar e se demora nestes relatos. Ora sorri, ora chora falando de Rui. Conta que é um homem que conheceu há alguns anos em um site de relacionamento e eles se apaixonaram, começaram a sair, mas um tempo depois ele contou que é casado, tem filhos e esposa. No entanto, não conseguia mais deixar de vê-lo e isso perdura há dez anos. Ela diz que aceitou essa vida pelo sentimento que tem por ele e tudo caminhava bem. No entanto, há pouco tempo descobriu que além dela ele tem outras mulheres e é compulsivo sexual. Isso a abalou e, por sua incapacidade em lidar com isso, a descoberta a fez cair em uma profunda depressão. Após algum tempo passou a aceitar isso, por conta dos carinhos e da atenção que ele dá a ela, dizendo que ruim é estar com ele, mas pior sem ele. Após alguns quadros da vida a dois com Rui conta que recentemente contraiu HPV dele, o que foi mais um acontecimento difícil de "mastigar", mas fez o ritual necessário se tratando e trazendo o remédio que ele deveria tomar também. Deu a ele algumas orientações e falou de sua falta de respeito para com ela, no que ele ouviu calado. Após todos os conflitos, agora, está tudo bem novamente nessa relação, segundo ela.

Diz que sofre com esse relacionamento, mas que se contenta, baseado em tudo que já viveu de ruim no setor sentimental de sua vida. Por diversos momentos, quando ele percebe que ela está se afastando, tem alguns comportamentos de maior romantismo e então ela volta a acreditar que ela é o amor da vida dele, apesar das outras mulheres. Além disso, conta fatos sobre ele que faz o pesquisador pensar nos dados que ela já deu sobre o pai, como o fato dele sofrer de impotência sexual e ver a mulher somente como um "pedaço de carne", nas palavras dela, assim como fisicamente muito parecidos. Diz ainda que não precisa ouvir dele um "eu te amo", que ele nunca disse, pois basta ver isso demonstrado no olhar dele, que a faz se sentir calma a cada vez que se encontram. Após a cirurgia diz ter mudado um pouco seu jeito de pensar as coisas e relata isso e fala de uma certa paz que ele dá a ela, o que vai em desencontro com a história e o sofrimento que sente.

> "Então ele tudo pode, mas ele fica com ciúme de mim. Enfim... o que tem acontecido de legal é que eu passei a pensar diferente. É que teve um dia em que eu *tava* no Skype com ele e ele me deu 'boa noite, querida', e eu disse 'boa noite, querido'. E aí ele se confundiu na conversa das janelas e escreveu: 'abaixa tua *cam* e me mostra sua...'. Não vou te falar o nome que ele falou em letra maiúscula e no aumentativo (ela ri). Ora, estava me chamando de querida e falando baixaria com outra na mesma hora? Que homem tarado e broxado é esse? Então foi bom isso, porque eu mudei meu pensamento: não vou me esquentar com isso não, gosto dele e ele me faz mais bem do que mal, mas vou continuar buscando outras pessoas, estou aberta a outras pessoas. Não vou me esquentar com essas coisas fúteis, vou ignorar. Se existe uma relação na vida dele, é comigo... é duradoura, tem dez anos. (...) Eu disse *pra* ele que a paixão traz o desespero e que o amor traz a paz... e que ele tinha me dado a paz. É, ele me faz feliz" (respira fundo).

O pesquisador ficou com a frase "ele me faz mais bem do que mal" na cabeça até o final da entrevista. E esta seguiu adiante...

Relata ainda outros pequenos encontros amorosos no qual destaca um rapaz que tentava seduzi-la, mas que ela "não via nada de interessante nele, a gente só continuava saindo como amigos". No entanto, um dia viu em uma rede social que ele estava namorando e, nesse momento, sentiu algo que não conseguiu nomear, apesar de saber que estava, a partir de então, certa de sua atração por ele. Seus relacionamentos amorosos, assim, parecem buscar essa tríplice aliança, assim como em alguns momentos um pai ideal, mas encontrando uma repetição a favor da pulsão de morte quando opta por homens com o padrão trazido pelo pai ou que entram em conflito com o que ele acreditava. Um exemplo disso é o fato do pai sempre ver a mulher como objeto de prazer (com relatos de traição conjugal para com a mãe) e, no

caminhar de Catarina, ela ter encontrado um homem casado e sedutor com quem tem uma relação repleta de afetos ambíguos e da qual considera difícil se desvincular, além de não querer isso. O pesquisador, diante todo colorido das histórias e suas incongruências, pede para a participante fazer uma análise de sua vida, dizer o que pensa quando olha para o passado. Nesse momento ela faz comparações entre como se sentia antes e como se sente hoje.

> "Eu me lembro que o meu terapeuta dizia que eu caminhava com seis pés e duas cabeças. Uma simbiose com meus pais. Eu acho que estou começando a caminhar com dois pés e uma cabeça. Outra coisa... eu via o Rui como a solução de tudo, mesmo sabendo que ele nunca iria se separar da mulher, até mesmo porque ele nunca me prometeu isso. E eu me dei o direito de conhecer outras pessoas, buscando pela internet, essa foi uma mudança importante quando olho para isso tudo. Não precisa morar junto, mas eu queria um companheiro, alguém que esteja perto quando falo que estou triste ou preciso sair, para levar ao cinema. Os relacionamentos estão difíceis hoje em dia. E é com a minha profissão que eu me apeguei mesmo e tenho uma ótima relação, apesar de estar distanciada há alguns anos, por conta dos problemas de saúde físicos e da depressão e dos estresses que este trabalho me dava também. Eu gostaria muito de voltar a trabalhar e quem sabe eu consigo ainda, mesmo que seja para fazer trabalhos de revisão em casa. Hoje me sinto desmotivada, mas não no auge da depressão. No auge são estas emoções que me prostram muito e só quero chorar e só vejo coisas negativas. E hoje também é pouco que consigo andar sem sentir dor, ainda tenho muitas restrições, que não dependem da minha vontade. Minha autoestima hoje, apesar das limitações e da cirurgia, hoje está melhor do que já esteve. Eu tinha muito receio de encontrar o Rui por conta das mudanças no corpo, da cicatriz que é grande".

Em seguida fala de suas medicações atuais, que englobam diversos medicamentos, indicados por neurologista, psiquiatra e outras especialidades, incluindo antidepressivos e ansiolíticos, assim como remédios para controle da pressão arterial, anti-inflamatórios e relaxantes musculares. Não tem feito psicoterapia por questões financeiras, segundo afirma. Sobre casos de depressão na família cita sua avó materna e conta que o avô a abandonou para viver com outra mulher, o que a deixou na cama sem saúde e sem dinheiro. Se emociona falando dessa avó e comenta de seus medos de perdas.

> "Estas questões de perdas *pra* mim são muito importantes e uma vez comentei com uma psicóloga. E comentei que tinha constipação intestinal e também tinha congestão, mas não conseguia vomitar. Ela me disse que isso era medo de perder. Para não perder eu trancava tudo dentro de mim. Um monte de coisa dentro de mim que fica. Tem também esses problemas de pele, que a dermatologista disse também que são problemas emocionais que surgem na pele. Não sei se tem relação, mas não falava o que sentia, não queria magoar as pessoas, agora estou falando um pouco mais, deixando sair, mas ainda prefiro guardar *pra* mim do que magoar o outro".

Sobre o futuro, diz que pensa que a vida é muito curta, que perdeu muito tempo, que precisa recuperar este tempo. Fala que chora há décadas pela morte do pai e da mãe, entre outras perdas e que precisa mudar isso, ver um futuro além disso, mas ainda não consegue.

> "Expectativas para o futuro... bem... cada dia que passa, um dia a menos, né? (risos) É um dia a menos, mas também um dia a mais que vemos amanhecer, mais uma oportunidade de vida. Estou sempre colocando o contraponto agora. Sobre parceiros, eu quero, mas não desesperadamente como antes. Bem, vou esperar até a hora da morte".

4.1.2 Alice, 49a

> "Alegria, mais belo fulgor divino,
> Filha de Elíseo,
> Ébrios de fogo entramos
> Em teu santuário celeste!
> Teus encantos unem novamente
> O que o rigor do costume separou".
> (Schiller, trad., 1785)[1]

Após breve *rapport*, iniciou-se a entrevista. A mesma foi realizada em outubro de 2015 e sua duração foi de 1h42m. Esta contou com diversos momentos de risos enquanto a participante contava sua história de vida, mas também houve emoção e choro. O tempo excedeu o programado, deixando por conta dela o ritmo de seu discurso, por ver que parecia importante para ela falar sobre tudo o que discursava. Seu discurso vai de um assunto a outro, sem pausas, parecendo elaborar reflexões enquanto conta os fatos de sua vida. Nesse sentido, tomou-se o cuidado para deixá-la à vontade e confortável e, assim, ela respondeu as questões com muita disposição, contando as histórias de vida com muito colorido, se estendendo-se em muitos detalhes. Tem discurso bastante ansioso e verborrágico, se atendo bastante aos assuntos ligados à sua profissão como gerente de finanças em uma grande empresa

[1] *tradução do original conforme consta da Sinfonia n.° 9 em ré menor, op. 125 de Ludwig van Beethoven.

multinacional, sendo que agora está aposentada por conta de seus problemas de saúde físicos e psicológicos.

Alice tem 49 anos e é alta, com cabelos castanho-escuro e gesticula bastante. É separada do marido há 10 anos (mas não legalmente) e tem uma filha de 25 anos que mora com ela. É graduada em Direito e pós-graduada em vários cursos ligados à administração e negócios. Pontuou, quando da assinatura do TCLE, que a deixava um pouco ansiosa saber que a pesquisa poderia causar algum desconforto e ansiedade, mas que tudo bem, iria fazer, dando uma longa risada após fazer este comentário. Sua indicação para a pesquisa foi feita, segundo o médico, com o diagnóstico de Bipolaridade, alternando episódios depressivos com maníacos ao longo do tempo, prevalecendo a mania na maior parte do tempo e medicada para controle dos limites quando na mania. A participante está em tratamento, com o mesmo profissional médico, há mais de 20 anos. Durante a entrevista conta de apenas um episódio depressivo, que foi grave e durou dois anos, sendo que no decorrer do discurso percebe-se seu humor, em alguns momentos do discurso e da vida, se comportando de forma alterada, contendo excitabilidade, assim como os comportamentos que relata durante seu dia-a-dia fazendo pensar nisso como será descrito adiante. Logo, Alice apresenta, durante a aplicação dos dois instrumentos, excitação eufórica do humor, agitação psicomotora, tendência a supervalorizar-se, assim como a não ver os riscos e perigos embutidos em suas ações.

Alice começa se definindo pela sua profissão e envereda seu discurso pelos fatos que a fizeram deixar esta atuação.

> “Fui gerente de finanças por mais de 30 anos e hoje estou aposentada. Nos últimos episódios dentro da empresa, pensei que iria sair sem sequelas, mas acho que fui colocando tanta coisa embaixo do tapete embaixo do tapete embaixo do tapete... que isso explodiu de uma vez. Deixei minha carreira por conta de problemas de saúde, por momentos de muito estresse no trabalho que me causaram um AVC isquêmico há 10 anos. Eu não tenho aneurisma, nenhuma doença autoimune, nem colesterol alto, sem hipertensão, mas tive um momento de muito estresse e aí aconteceu o primeiro AVC, que foi isquêmico. Eu saí do trabalho depois de um dia no qual trabalhei com dor de cabeça o dia todo e nem sei como cheguei em casa dirigindo. No dia seguinte eu não reconhecia mais ninguém, nem minha filha, meu marido, minha casa, meu pai... ninguém. Tive um período no qual minha memória simplesmente acabou. É algo que me (pausa emocionada)... que eu não gosto de ficar lembrando. É a pior coisa que pode acontecer a uma pessoa, você olhar para as pessoas e para os objetos e não saber quem são e o que é aquilo. Eu perdi nove quilos nesse período, foi horrível. Eu tinha medo de tudo, pois eu não sabia quem eu era”.

O pesquisador acolhe esse momento em que ela se emociona com estas lembranças e logo ela continua seu discurso. Refere diversos procedimentos médicos pelos quais passou até encontrar o neurologista com o qual se trata até hoje, tendo com ele uma relação que considera de ótima qualidade, na qual sente-se ouvida e compreendida em sua dor que é física, mas também emocional. Ao longo da entrevista, após momentos de muita emoção e choro, como este, logo conta algo alegre, sorri e gargalha. E em muitas frases insere um acontecimento mais esperançoso após algum evento triste. Um desses momentos em que muda a forma de se expressar emocionalmente se dá quando fala que seu marido ficou ausente nesse período em que ela estava doente, mas que sua mãe a acompanhou em todos os procedimentos e cuidou dela, deu calma e tranquilidade. Em seguida relata que ao tempo que o físico foi melhorando, sua memória voltou e foi reconhecendo o ambiente e as pessoas. Nesse momento teve uma crise depressiva por não compreender porque aquilo tudo estava acontecendo com ela, uma pessoa tão forte e no controle de tudo.

> "Quando voltou a memória, voltou a minha personalidade, me reconheci como uma pessoa confiante, animada, determinada e que toma frente às situações. No momento da doença eu me via extremamente fraca e vulnerável. E esse paradoxo era muito difícil de viver. Eu sou uma pessoa que enfrenta as coisas. Tem um problema, vamos enfrentar. Pode ser que não dê certo, nem tudo tem que dar certo, mas vamos enfrentar. E se alguém na família não quer enfrentar, eu tomo a frente. Eu era tão forte e tão infalível, me sentia assim, mas durante a falta de memória fiquei diferente e fiquei depressiva, com toda fragilidade e limitação aparecendo, sendo que foi o que mais me deixou abalada quando a memória foi voltando. O período depressivo durou dois anos, no qual eu estava definhando, no qual os dias passavam e passavam. Eu ficava acordada o tempo todo na cama, não dormia. Minha mãe ficou tão preocupada nesse período (ri alto, mudando o ritmo mais melancólico que apresentava até agora). Eu estava dormindo na casa da minha mãe nessa época, tinha saído de casa porque minha mãe tinha maior disponibilidade para cuidar de mim. E aí eu ia para o quartinho dormir e minha mãe dizia 'filha, tem que dormir, você vai conseguir dormir hoje?' e eu dizia que sim. Quando todos na casa estavam dormindo e estava silencioso (fala com entusiasmo como se contasse uma história divertida), eu levantava da cama e subia até o terraço. Eu ficava ali, dr., olhando a noite toda passar".

Através do discurso de Alice se alcança um caminho para perceber a forma como se comporta perante as situações e como enfrenta a vida. Relata que compreende, pela vivência desta época, que as pessoas podem cometer atos insanos sem realmente quererem fazer porque, com a falta de sono que tinha, relata que se alguém piscasse diferente em sua direção já era motivo para causar algo dentro de si. Conta que se tivesse um copo na mão seria capaz de arremessar em direção à

pessoa, dado o grau de instabilidade que percebe em si quando se recorda daquela época. Junto a isso diz que sua mente hiperfuncionava o tempo todo, apesar do cansaço e da sonolência.

> "E sabe que eu acho que vivi todo tempo do meu trabalho assim, sonâmbula, pois todo dia quando eu deitava eu repassava todos os momentos do dia passado e todos os momentos da semana seguinte. Era uma coisa doida, de olhos fechados repassando a agenda da semana toda e falando comigo mesma nos pensamentos como se estivesse em reunião. Depois de vários medicamentos, hoje, sinto como se ficasse em atividade o tempo todo e que preciso dormir muito bem para me recuperar para o dia seguinte. E foi assim durante dois anos entre os médicos e os medicamentos e as sessões de terapia com meu psicólogo da época".

Conta que sua mãe tem um histórico de várias cirurgias nas quais ela a acompanhava em todos os procedimentos e consultas, passando a conhecer melhor o corpo humano e suas doenças. Diz que isso deveria dar a ela maior noção sobre as doenças e, consequentemente, perceber seu estado de saúde que estava dando sinais muito claros, em sua avaliação, de que algo estava errado.

> "Não compreendo até hoje como uma pessoa como eu, esclarecida, que era, infalível, não fui percebendo ao longo dos anos os sinais de que eu estava ficando doente. Eu tinha que dar conta de tudo, da casa, do casamento, do trabalho e eu dava. E o casamento também estava indo por água abaixo, mas eu não estava percebendo. Quando eu decidi me separar eu tive medo, eu tive medo de que minha filha fosse ficar com o pai. E isso de forma nenhuma podia acontecer. Hoje moro com ela".

Existe até certa dificuldade em acompanhar o ritmo da participante em seus relatos e, sem perceber, vai respondendo de forma aleatória a todas as questões da entrevista sem nem mesmo as perguntas serem feitas. Assim, só enuncia o assunto sobre o casamento e a filha, mas retorna à questão do trabalho, sobre o qual conta suas tensões enquanto gerente financeira. Foram diversos assaltos e uma tentativa de sequestro de seu marido e sua filha. Todos os eventos são contados sem sofrimento, relatando que enfrentava a tudo com coragem e sem se angustiar. Assim, ela ia até os assaltantes, conversava, pedia calma, pensava na solução que poderia ter, trabalhando todas as possiblidades em sua cabeça, observando o ambiente e o comportamento dos assaltantes e, no final, tudo dava certo. Até hoje não consegue passar perto de empresas como a que trabalhou, que envolvem dinheiro e risco de assalto e faz pouco tempo que conseguiu ir até caixas eletrônicos de supermercado.

> "Um dos assaltos teve vítima, na minha frente. No dia do sequestro eles tinham a intenção de ficar com a minha filha e meu marido dentro de casa, mas deu errado porque eles não estavam em casa. Mas quando eu saí de casa rodaram comigo de carro por nove horas, com a arma presente de um lado para o outro. Quando eles me disseram: 'tira seu paletó, seu sapato...' eu pensei: 'vão me violentar aqui'. Mas pediram para eu sair e me deixaram na rodovia. Então liguei para a empresa, tomei as providências de segurança, para avisar minha família, inclusive. Foi uma correria para proteger o meu marido, tirar minha filha da escola. Eles ficaram me ligando depois pedindo valores em dinheiro, ameaçando e dizendo que minha filha não voltaria para casa se eu não cumprisse o que pediam no horário em que pediam".

Ao ser questionada sobre seu medo quando passou por isso, responde:

> "Eu sempre fui de peitar as coisas e eu enfrentei isso. E eu sempre peguei rápido as coisas. Teve um momento de um cliente que me despertou desconfiança, fui pesquisar nas áreas da empresa e descobri que ele era um estelionatário e fui adiante para pegá-lo. Dá para escrever um livro com todas as coisas que eu enfrentei no meu trabalho. Uma vez entrou uma esquizofrênica em crise na empresa dizendo que foi roubada e que ali era a casa dela e que estava pegando fogo. Todo mundo com medo, ela estava alterada e agressiva. Eu fui até ela, me aproximei, conversei, acalmei ela e disse que iria ficar tudo bem. (...) Teve um momento em que ela estava agressiva dizendo que queria o dinheiro que tinham roubado dela. Então eu peguei uma folha de cheque minha, perguntei para ela quanto era e ela disse que era 188 mil tribais. Eu preenchi o cheque, carimbei, ela assinou. E falei *pra* ela que era um valor muito alto, que ela teria que ir para outro lugar para poder retirar e que aquelas pessoas iriam acompanhar ela. Então as pessoas da clínica e a irmã acompanharam ela. Nesta filial da empresa tive muitos desafios, enfrentei todos. Eu queria mudar de local de trabalho porque eu estava marcada ali, mas minha superintendente não queria me mudar, eu era referência para meus pares, sempre fiz tudo até o fim, cumpria o que pegava como responsabilidade para mim. Hoje talvez eu reconheça melhor minhas limitações, mas na época não".

Conta que ficou dois anos afastada e então voltou a trabalhar, quando foi transferida de local de trabalho e sofreu assédio sexual de um superior. Nesse momento tem um silêncio emocionado e constrangido. Diz que é um assunto que não gosta de lembrar nem de falar, mas continua a falar sobre isso e parece precisar falar sobre isso. Conta que pela primeira vez na vida ficou sem reação alguma e relaciona isso ao segundo AVC que teve, há oito anos, fazendo com que nunca mais voltasse para o trabalho na empresa. Em diversos momentos dessa parte do relato chora, mas sorri em seguida.

> "A questão é que eu passei a vida inteira... a vida inteira... tentando provar que eu consegui crescer dentro daquela instituição, que é machista e patriarcal, por mérito próprio. Uma mulher, uma mulher que tem sim seus atrativos, mas que cresceu por conta de seu trabalho. A gente via que as meninas que chegavam a algum cargo de gerência, e até hoje é assim, eram tratadas como objeto mesmo. Minha carreira inteira... foi para provar o contrário. Tem meu pai também. Ele é uma pessoa

> extremamente preconceituosa, machista. E eu passei a vida toda tentando provar que eu cresci nas áreas da minha vida pela pessoa que eu sou, pelo ser humano que eu sou, pelo que eu tenho de bom para mostrar, pelas minhas competências e pelos meus talentos. Não pelo rostinho bonito ou pelo corpo ou algo assim. E eu não tive a malícia de perceber o que estava acontecendo".

Relata que tinha muito trabalho todo tempo e não percebeu o que o chefe estava querendo com ela, aceitando marcar reuniões muito tarde da noite, situações que considera hoje como embaraçosas, visto que ficavam na empresa apenas os dois e o segurança.

> "Bem, até que um dia ele marcou de conversar comigo em uma sala da diretoria e deixou claro as intenções dele, inclusive com toques. Em situações nos quais eu perdia o controle eu sempre raciocinava e agia, mas não agora. Se tinha pressão para vender mais, eu era a filial que mais vendia de todas as filiais. Ali eu fiquei surpresa e sem reação".

Conta ainda que nesse dia chegou em casa um pouco diferente, no que o marido disse: "se é problema de trabalho, não me envolve, não quero nem saber". Dias depois ela foi selecionada por este chefe para trabalhar em outro lugar, para fazer outro trabalho, compreendendo isso como punição e por medo. Demora-se em seu discurso questionando como pode um homem ter esse comportamento para cima de uma mulher que é casada e funcionária da empresa. Questiona todo tempo o papel de gênero e volta nas referências sobre machismo que seu pai sempre fez questão de colocar em sua infância. "(...) o que faz um homem pensar que pode tratar uma mulher como objeto porque ele é homem e porque eu era mulher? (emociona-se)"

Junto a isso, já começava a aparecer seu pânico ao entrar na empresa e aos poucos foi levada para a aposentadoria por invalidez, após o segundo AVC. Este AVC aconteceu após ter dor de cabeça durante um mês e, ao voltar para casa de carona com um amigo, sente-se mal, ele a leva para um hospital próximo e lá ela fica quinze dias na UTI. Trabalhou as sequelas com fisioterapia e fonoaudiologia e hoje não tem mais nenhuma.

> "Hoje falo melhor sobre isso. E sobre a aposentadoria, por 'invalidez', isso me incomoda muito ainda, porque não sou uma inválida. Mas sim, não consigo voltar a este trabalho. E outra, vou fazer 50 anos. Em que outro lugar aplicaria o que sei se não fosse nesse tipo de trabalho? E eu não atuaria na área do Direito, que é minha primeira formação, de nenhuma forma, nem como advogada, nem como delegada, nem como juíza, nada".

Percebendo que seu discurso ia transcorrer pelos assuntos profissionais e acerca de seus cursos, o pesquisador pergunta sobre essa formação de Direito, sobre qual seria a motivação para ter escolhido esta profissão.

> "(ri um pouco antes de começar a falar) Aí vamos ter que falar do meu pai (ri). Meu pai é advogado e queria que eu seguisse o mesmo. Minha irmã também seguiu o mesmo e não trabalha na área. Eu queria mesmo é fazer Biologia, mas naquela época só tinha curso de Biologia no Rio ou em Santos. E meu pai disse que não ia pagar a faculdade de Biologia, muito menos para eu morar fora. E foi aí que eu comecei a trabalhar na empresa e, como eu disse, nunca entro em algo para fazer pela metade: comecei com meio-período e em seis meses já fui promovida. Tive então que seguir uma carreira que tinha a ver com o meu trabalho para crescer lá. Entre Contabilidade, Direito e outras, Direito é o que tinha mais a ver comigo. Mas não gosto".

O pesquisador pergunta: você acha que seu pai influenciou ou pressionou para você ter essa escolha?

> "Meu pai? Meu pai pressionou em tudo a vida inteira: você tem que ser pianista, você tem que casar, você tem que estudar direito, você tem que ser uma boa filha e uma boa mãe, você tem que fazer tudo como eu quero e como eu gosto. E hoje ele diz assim: 'Você não fez nada daquilo que eu mandei e a gente *tá* aqui... a gente podia estar muito longe, minha filha, mas estamos aqui nessa vida. Olha a vida que você tem'. E eu não entendo isso, eu tenho uma ótima vida: estou viva, tenho uma filha maravilhosa. Meu pai é a pressão até hoje, é bem difícil. Não se pode ter prazer nessa família, sabe, tem só que cuidar de doente".

Continua seu relato falando do pai e da pressão que este exerceu no sentido de sua escolha pelo Direito, alterando sua voz ao dizer que foi bem-sucedida em tudo que fez, como se esperasse algum reconhecimento do pai, mas não diz isso. Nesse contexto relata que a irmã acredita que o pai é incompreendido enquanto ela apoia mais a sua mãe.

> "E quando eu falo *pra* você que esta coisa do estigma de eu ter que mostrar a pessoa e o ser humano que eu sou independentemente do gênero, isso vem do meu pai". Ele fez um escândalo uma vez, com o cunhado da minha mãe quando eu tinha 17 anos. Estávamos em família voltando de uma viagem e celebrando e eu e minha irmã e meu irmão estávamos felizes ali. Fui até a cozinha levar a mala e o namorado da minha tia veio atrás, ele ia beber água, sei lá. Meu pai veio atrás fazendo um escândalo dizendo que ele estava me abordando, me pegando, que tinha visto várias coisas. Eu me senti humilhada, muito mal. Eu queria sumir, eu senti pela primeira vez que meu pai era falho e isso foi muito difícil *pra* mim. Eu queria me libertar disso, até hoje quero me libertar disso".

Refere diversas histórias nesse sentido, chegando até recentemente quando o pai fez o mesmo com a filha de Alice, indo até um local da casa, vendo sua neta com o primo e alertando a casa toda aos gritos, que ali estava acontecendo algo, que o garoto a estava assediando. São discursos sempre ligados à questão de gênero e à sexualidade que ouvia desde criança. Sobre sua dinâmica familiar, conta que para sua irmã acha que sempre foi uma referência que a atormentou, pois a família faz comparações o tempo todo, na qual ela, Alice, se destaca perante à irmã em altura, beleza, tipo físico e inteligência, sendo que esse discurso é colocado a todo momento. Relata que já se sentiu culpada disso, pois sempre foi muito autêntica e sempre fez e vestiu o que quis, fugindo do que eles consideram como um filho dentro dos padrões, tentando combater os preconceitos e admirando o diferente. Fala isso com certo entusiasmo, como se gostasse desse confronto, emendando um discurso no qual ataca os pais.

> "Meus pais sempre se relacionaram assim com a gente, por indiretas, sendo que somos frutos de um péssimo relacionamento. Meu pai e minha mãe não se falam, morando juntos, mas separados. Eles têm um discurso que inclui meu pai dizer que meu irmão não é filho dele. E além disso, uma grande falta de gratidão, já que meu pai ficou internado e minha mãe cuidava dele e limpava as sujeiras dele e ele não reconhece nada. Nós, filhos, vemos isso. Somos frutos de um relacionamento muito doente entre os pais e a família. Meu pai tem um gênio difícil, você tem que concordar com ele em tudo. Se discordar, será a pior pessoa do mundo para sempre. Depois do piano e do Direito, eu parei de ouvir as coisas que vinham dele. Na adolescência eu peitava ele e questionava mesmo, já sabia que ele não era perfeito, que tinha defeitos e que eu devia rebater as coisas que ele trazia. A primeira vez que eu senti algo diferente por alguém, um menino da escola, foi quando eu estava no primeiro colegial e o menino estava no terceiro. Ele me levou em casa, nada demais. Meu pai abriu a janela e chamou o menino de todos os piores nomes que você pode imaginar e, claro, ele não quis mais nada comigo. Depois de um tempo ele namorou uma amiga minha e eles vieram em casa e o discurso do meu pai, na minha frente, era: 'que menino bom, que menino bonzinho, que beleza de rapaz' e serviu ele com macarronada, quis conversar com ele. Não sei porque ele fazia isso, mas o meu sentimento foi péssimo. Eu chorei muito nesse dia, muito. Um rapaz estava interessado em mim, eu com 15 anos e gostando disso. Como podia meu pai ter um poder tão grande a ponto de separar a gente, sendo que a gente podia estar junto naquele dia, me senti submetida. Na minha cabeça eu questionava: qual é a diferença? O rapaz não é a mesma pessoa de antes? Porque agora o tratamento é diferente? E ele não explicava nada sempre que eu questionava. Por exemplo: porque eu não posso ir no baile com minha amiga? Me explica. E ele dizia que não porque ele não queria e ponto. Ele me batia com cinta a ponto de tirar sangue. Eu comecei a rebater: você é meu pai, você não é meu dono. Essas cenas que aconteciam entre a gente me fez refletir e rebater isso".

Em todo seu discurso, quando é questionada sobre a dinâmica familiar, foca-se no pai, fazendo com que a mãe nem apareça. Diz que o pai é aquele que comanda todos os acontecimentos e todas as pessoas nessa família, colocando-o como aquele que está no centro e pelo qual todos funcionam em torno, sendo que a mãe sempre foi mais submissa e passiva. Conta que o pai falava que todo homem que se aproximava de mulher era com a intenção de ter sexo com ela e ri quando relaciona esse conceito de seu pai ao fato de ter passado a vida toda em busca de mostrar que a mulher tem valor além disso.

> "Sempre passaram uma imagem de família perfeita na minha família, que tem os pais e os filhos e tudo maravilhoso, onde o mal não existe. Eu fui criada para não acreditar no mal. De cinco anos para cá tenho acreditado no mal e isso é bom, pois a gente tem que conhecer o mal para poder ter armas para se lidar com isso. Outra coisa: irmão sente ciúme e inveja de irmão sim. E pai e filho também tem inveja entre si sim. E pai sente raiva de filho sim. E filho sente raiva de pai sim! (levanta a voz, ao afirmar isso, ganha um tom cheio de ira). Há cinco anos quando eu pensava que estava tendo raiva do meu pai, eu pensava que eu estava louca, estava ruim da cabeça, sabe. Ou seja, antes era uma ilusão, que me fizeram acreditar e que era conveniente acreditar, influenciando em tudo na minha vida, inclusive no casamento. Porque eu casei grávida e tive essa filha e esse casamento. Se fosse hoje eu teria minha filha, mas não teria casado. Porque quando eu tive o segundo AVC eu não tive suporte algum dele. Já quando meu sogro ficou doente eu cuidei dele com tudo o que eu podia, eu tinha um carinho muito doce por ele. Era um homem rude, sem muito carinho ou cuidados, mas eu adorava ele e sabia que ele tinha esse carinho por mim também. E não foi difícil cuidar do meu sogro de forma alguma. Já da minha sogra, foi diferente, eu visitava no hospital, mas qualquer coisa eu chamava a enfermeira para fazer. Eu achava ela falsa, intrometida e mal-humorada. Ela vinha em casa no fim de semana e abria todas as panelas e criticava e abusava da minha paciência. Ela me via correndo para fazer a comida *pra* eles e quando eu colocava a comida na mesa ela dizia: meu filho vai me levar para uma churrascaria. Eu ficava com muita raiva! Mas não admitia, né (ri muito ao contar essa passagem, em substituição ao tom de ira que sustentava até aqui)".

Em seu discurso coloca que hoje tem uma vida mais limitada financeiramente, muito diferente de antes, porém diz viver com maior tranquilidade e equilíbrio, aceitando suas limitações. Diz que tenta, hoje, aceitar somente o que pode, diferente de antes. Porém, tem algumas atividades de seu dia-a-dia que parecem sempre forçar Alice em seus limites. Um exemplo disso é o CrossFit, atividade física que leva seus participantes aos limites de seu corpo. Conta com entusiasmo sobre esta atividade, que a faz se sentir "viva, alegre e com saúde, como a vida deve ser!". Complementa que às vezes sente passar dos limites de seu corpo, mas é para alcançar algo maior, maior resistência e força. Em um episódio, quebrou o punho com estas atividades, mas continuou os treinos normalmente assim que pôde. Falando sobre a vida atual,

também se diz mais feliz por ter terminado seu casamento, o qual teve seus últimos dez anos como uma relação na qual ele não dava suporte a nada do que precisava. Relata ainda que as relações sexuais já inexistiam, apesar das tentativas de Alice em fazer com que o interesse do marido se reavivasse.

> "E ele era muito parecido com o meu pai, fui percebendo e percebo mais isso hoje: cheio de estereótipos e preconceitos. E eu só tive ele de homem do começo ao fim do casamento, por influência do controle do meu pai que não deixava eu ter ninguém antes. Ele é dez anos mais velho que eu. Assim, muito importante você saber: eu nunca me preocupei se eu iria casar, mas sim se eu iria ser mãe. A questão da maternidade é algo muito importante para mim. Eu adoro adoro adoro adoro ser mãe e adoro minha filha, criar e educar ela. Curto muito ser mãe! Eu cheguei em um momento da nossa relação que eu pensei: o que eu estou fazendo comigo? E o que eu estou fazendo com ele? Eu sentia que ele estava infeliz e eu me sentia responsável por aquilo. Um dia, no hospital, depois de um procedimento, tive que ficar lá no hospital e passar a noite e liguei *pra* ele para avisar. Eu queria ouvir algo como... 'estou indo pra aí', 'se precisar de algo, vou aí', 'que horas saí amanhã para eu te buscar?'... mas não. Desliguei, chorei, religuei e disse: 'vou embora daqui amanhã, de alguma forma que seja, de táxi, vou *pra* casa da minha mãe e volto *pra* casa daqui três dias. Quando eu chegar aí, não quero sentir nem o seu cheiro.' Ele disse: '*tá* bom'. E quando eu cheguei em casa não tinha mais nada dele. Hoje temos uma relação cordial e a nossa filha com quem ele não tem assunto nem relação".

Depois de falar sobre a separação começa a falar sobre um relacionamento que teve há pouco tempo, uma história que viveu por dois anos com um ex-colega de trabalho, com quem diz ter vivido muito feliz, um homem que a fez se "sentir mulher", se sentir valorizada e se sentir cuidada. Porém, há um ano ele sofreu um infarto fulminante e morreu. É indecifrável saber ao certo se ela ri ou chora quando fala dessa pessoa e é compreensível perante as lembranças de momentos muito bons que teve com ele, junto ao fato da morte repentina.

> "Foi uma relação tão sincera e linda, que eu não pensava que poderia ter com outra pessoa. Totalmente diferente do que vivemos na minha família: de esconder, tramar e deixar a sujeira sempre para debaixo do tapete. Me pego pensando e revivendo com ele nossos momentos. Depois dele não me vejo mais com ninguém. Pode ser um boicote meu? Talvez, mas foi tão maravilhoso, dr. Sinto muita saudade dele. Às vezes sinto falta de sentir o que eu sentia com ele, aquele sentimento que eu vivi, que eu tive com ele".

Comenta que esse relacionamento a fez perceber a sexualidade de outra forma e busca elementos sobre esse assunto em diversas passagens de sua vida, passando pelo casamento, no qual, apesar de buscar, não tinha o olhar do marido, até antes, na infância e na adolescência, quando ouvia seu pai falando sobre o assunto e

direcionando as filhas. Conta que sempre encarou a sexualidade como uma coisa normal, natural, parte do ciclo de vida do ser humano. E isso é algo que tocava muito seu pai, que via como algo sujo e imoral. Acha também que pelas coisas que vivia com meu pai, ouvia de seu pai, podia ter crescido com uma imagem ruim sobre a sexualidade, mas não, sempre teve curiosidade. Nas férias da família, na fazenda, via os bichos fazendo sexo e a família toda incomodada. Ela, ainda criança, se questionava e questionava a família sobre o que era aquela cena que se via. E questionando o porquê de todo mundo ficar incomodado com essas coisas. E então fala de sua relação com a filha, sendo que diz para a mesma que "é ótimo fazer sexo com alguém que se ama. Mas se não se ama, mas surge um grande tesão, ok... curta! Com os cuidados, mas curta!" Diz que uma das piores coisas é sentir vergonha do que se sente, e não quer ser como o seu pai. "Sempre gostei de conviver com as pessoas, nunca fui de me esconder, sempre fui de aprender com as pessoas, uma sede insaciável em mim, de estar com as pessoas, de conviver. Nunca me acovardei perante à vida!"

Parece que Alice não percebe, mas suas falas sempre vão na direção de um embate e um combate com esses ideais familiares, principalmente provindos do pai. São as questões que fundamentam sua psique. Ela complementa dizendo que é uma pessoa que procura a verdade, que tem coragem e que ama ser mãe. Comenta que sua relação com a filha é ótima e que gostaria que a sua com sua mãe tivesse tido alguns elementos assim, como maior comunicação e sinceridade, abertura para falar de todos os assuntos. Envereda seu discurso por afirmar que tudo sobre si vai em desacordo com o que a família é. Ainda sobre a mãe diz que, segundo sua avaliação, é depressiva e ansiosa, assim como a irmã é depressiva e o pai tem TOC. Se afirma sendo "uma pessoa alegre, de bem com a vida. Complementa: "Já fui muito melancólica, hoje sou alegre. E quando eu trabalhava eu via a vida com menos coisas do que eu vejo hoje".

Sobre suas relações terapêuticas diz que é importante ter muita liberdade para se expressar e ter confiança no profissional, como o médico que a acompanha há 20 anos. Diz ter deixado a psicoterapia há algum tempo pois o terapeuta achava que algumas coisas ruins que aconteceram com ela, como o assédio no trabalho, foram atraídos por ela, no que ela discordava. No entanto, diz sentir falta da terapia e dele, por quem tinha muito respeito.

> "É muito legal (fazer terapia), eu gosto muito de falar sobre o que eu sinto, de refletir sobre o que eu penso e sinto. O dia-a-dia não permite isso, mas o momento da terapia é ótimo. Pretendo retornar, principalmente para compreender algumas coisas referentes à minha pessoa, meu papel enquanto pessoa no mundo, que eu estou buscando ainda incessantemente. Quanto aos meus pais também".

Quando questionada em como vê sua história de vida, diz, em uma frase, sorrindo, que "nada é definitivo e mudanças sempre são importantes na vida da gente". Demonstra bastante agressividade, mais uma vez quanto ao pai e aos elementos que o mesmo traz continuamente e contrapõe este discurso ao do médico e ao do terapeuta, dizendo que os mesmos "sempre foram muito amáveis comigo".

Antes do fim da entrevista complementa que o trabalho para ela era sagrado, mas que agora não é mais, sendo um lugar a ser preenchido com algo que não sabe o que. Religião também era imprescindível, hoje sendo a fé somente. Comenta, sobre isso, que seus pais ensinaram a adorar dois deuses: seu pai vê Deus como opressor e punitivo e sua mãe como misericordioso e protetor de uma maldição da área do trabalho que atinge essa família.

Seu discurso, com o observar do tempo que já passou, parece findar a qualquer momento, mas continua enveredando pelos caminhos mais diversos. Assim, fala que hoje em dia é muito difícil se relacionar amorosamente, visto que "vendo as pessoas com quem convivo, eu acho que as pessoas estão tentando, tentando, tentando... se entender e encontrar um ponto de equilíbrio nas suas diferenças, o que é muito difícil". E faz outras reflexões sobre a vida e o existir humano.

> "Eu acho que não tem coisa mais deliciosa do que nascer, crescer, aprender com as pessoas, viver a vida, ter um filho, aproveitar as coisas boas da vida. É o máximo isso tudo! Se tivessem perguntado antes dos AVC´s eu diria que o existir humano era o fruto do trabalho, os objetivos e metas e ganhos. No meio do furacão eu ia responder que a vida era horrível, que eu tinha medo e que era tudo muito cheia de violência e exposição da dignidade. Viver é sangrar, eu diria".

Diz que já passou muito tempo e não quer atrapalhar o horário e ocupar demais o tempo do pesquisador, coloca que sabe que fala demais e que é muito agitada. Comenta ainda que o CrossFit a ajuda a eliminar um pouco essa energia toda, assim como o hábito de fumar, que revela somente ao final, com certo constrangimento, dizendo não gostar que saibam. E em alguns momentos de seu relato parece ao pesquisador que chegar aos limites, superar os limites e ir além cada vez mais faz parte do que busca nessa atividade física que pratica, sendo que fala novamente que

já se feriu algumas vezes com ela. Por fim o pesquisador pergunta sobre as expectativas da participante quanto ao futuro e o discurso começa em um lugar anterior, no passado.

> "Fui educada a ser alguém que eu não era: vestir e ser alguém politicamente correta. E eu sou mais transparente que isso. E eu gosto e eu toco e me aproximo, demonstro afeto e amor sem nenhum problema. Imagine uma pessoa assim viver no mundo corporativo como eu vivi por décadas. Com meus pais antes eu abraçava o sofrimento deles, hoje ajudo como eu posso, entendendo que algumas coisas eles que tem que fazer e sobre o relacionamento deles quem tem que questionar são eles, não eu. Eu sofria: coitada da minha mãe, coitada do meu pai, ouvindo eles falando no meu ouvido o tempo todo. Hoje penso que eles me amam, do jeito deles. Eles ficam disputando a atenção dos filhos, muito. Hoje vou menos lá até mesmo para poder me envolver menos, estava acabando comigo ir muito lá. Converso muito com minha filha sobre isso e defendo meus pais, que eles têm a história deles. Minha filha é mais dura, diz que meu pai é bem problemático, depois daquele episódio que fez ela passar vergonha com o primo. Ela diz assim 'mãe, você vive no mundo da Alice, ninguém é tão bom assim como a senhora fantasia'. No geral, acho que acordei de tudo isso tarde demais, depois dos meus problemas de saúde, mas acho que ainda dá tempo, né? Meu pai gostaria que nós, filhos, fôssemos bem-sucedidos, não necessariamente em dinheiro, mas ter o que ele queria ter: domínio sobre as pessoas. Ter um cargo público, ter poder, influenciar, ter domínio. Eu, hoje, quero viajar, conhecer outros países, degustar da vida o que eu não consegui degustar até então. Viver mesmo, não vivia antes, eu passava pela vida. Eu quero degustar com meus amigos, jogar conversa fora. Hoje ela está mais leve, não sei se amanhã estará. E quero ver minha filha realizada, como ela quiser, com quem ela quiser, com liberdade e de forma plena e com tudo de bom que a vida tem a oferecer".

4.2 O TAT

Dada a extensão do relato das histórias do TAT, assim como sua interpretação, o texto referente a esta parte encontram-se em anexo: ANEXOS 5 e 6 que contém os protocolos da aplicação e ANEXO 7, que contém as interpretações.

Vale ressaltar que as histórias contadas pelas participantes através do estímulo do TAT carregam imenso conteúdo simbólico, como se vê nos anexos, assim como imensa gama de conteúdos agressivos, pulsão de morte, angústia e mecanismos de defesa de forma maciça. Assim, durante o discurso das histórias, os mecanismos de projeção, repressão/recalque e identificação são inerentes à técnica do TAT, presentes em quase toda história. Os demais resumem-se a seguir na tabela 2.

Tabela 2 – Mecanismos de defesa identificados pelo TAT e suas pranchas

Mecanismos de defesa	Pranchas de Catarina	Pranchas de Alice
Racionalização	11	
Intelectualização	11, 18MF	
Cisão	6MF, 16, 15, 18MF, 16	2, 18MF
Ambivalência	16	18MF
Idealização	15	11, 16
Expiação	15	18MF
Resistência	15, 18MF	3MF
Identificação Projetiva	15, 18MF, 16	

Fonte: Autoria própria.

Contextualizando com os transtornos de humor, vale ressaltar que se observaram conteúdos ligados à Mania em algumas histórias do TAT de Catarina, mas muito frequentemente durante todo relato de Alice. Levando em conta “Luto e Melancolia”, de Freud (1915/1996c) e refletindo em como este autor vê a depressão, pensa-se que o TAT possibilitou o emergir de conteúdos que demonstram partes cindidas do ego, perdidas, deixando-o vazio, mostrando o caminho pelo qual se constrói a subjetividade daquele que sofre de transtornos afetivos, sua psicodinâmica.

Junto a isso, Roudinesco e Plon (1998) afirmam que, no caso da melancolia, o superego se apodera do sadismo para arrasar o eu. Mas se trata, nessa situação, daquela parcela do sadismo que é irredutível ao amor: sua instalação no superego e seus ataques exclusivamente dirigidos contra o eu constituem o caso singular de uma dominação absoluta da pulsão de morte, passível, com muita frequência, de levar o eu a seu fim. Neste sentido, parece que as histórias do TAT e sua ampla gama de mecanismos de defesa levam a pensar este contexto. Portanto, a fragilidade do ego em lidar com as demandas externas e internas aparece com forte colorido nas pranchas 15 e 16 de Catarina gerando uma aniquilação de si para poder resolver o conflito existencial.

Portanto, como descrito nas análises (Anexo 7), as histórias projetadas pelas participantes contêm uma ampla gama de cisões e mecanismos que servem à pulsão de morte, com suas características de repetição, sadismo e masoquismo. Há a questão da melancolia se encontrar a favor da existência das pulsões de morte e neste ponto, observa Freud (1923/1927), nisso contrariando o senso comum, que, quanto mais um homem restringe sua agressividade contra o exterior, mais ele a aumenta em relação a si mesmo. Podemos inclusive encontrar nesse comportamento, esclarece o

autor, os fundamentos da concepção do ser superior que pune, do Deus vingador e repressivo. Este caminhar pela pulsão de morte leva o sujeito na contra direção da vida (Mijolla, 2005). Neste sentido, Catarina demonstra de forma intensa estas características em quase todas as histórias, como por exemplo a 15 e a 18MF. A sensação de culpa vai de encontro com estas características e podemos visualizar isso na prancha 15 da mesma participante, onde se castiga por algo, tentando encontrar a resposta do porquê de tanto sofrimento.

Análises mais detalhadas das histórias do TAT serão realizadas abaixo juntamente com a inserção e integração do pensamento de Bion.

4.3 DISCUSSÃO DOS CASOS

Pretende-se, nesta parte, realizar um diálogo que possibilite a comunicação dos transtornos do humor com um recorte significativo do pensamento de Bion. Assim, esta discussão contempla a entrevista e as histórias do TAT, assim como sua interpretação. Importante lembrar que, como condiz com o método psicanalítico, será sempre preservada a singularidade do indivíduo, mesmo que, em alguns momentos, características de ambas as participantes sejam colocadas de forma a unir um conceito ou produzir contraste, porém sem o intuito de compará-las nem refletir uma generalização.

Adicionalmente, visualizar-se-á que há diferenças nas manifestações dos sintomas de uma e de outra participante, sendo uma delas com maior tendência à melancolia (Catarina) e outra com maior tendência à mania (Alice). Mas, apesar disso, importante lembrar que as defesas maníacas protegem o ego do desespero, sendo uma forma de se superar o sofrimento, colocando os transtornos ligados à mania e à depressão na mesma estrutura psíquica quando se olha pelo vértice psicanalítico. Mania, sendo um estado de excitação, tanto psicomotora quanto de humor, muitas vezes demonstrando uma inversão do humor melancólico, segundo Mijolla (2005).

Assim, Bion, através do seu encontro com os psicóticos e das leituras das obras de Freud, motivou-se a estudar em profundidade assuntos relacionados a origem e a função dos pensamentos. A teoria do pensamento de Bion (1967, 1988), inspirada no seu contato com a psicanálise de Freud, leva em conta a capacidade do indivíduo em ter um aparato mental disponível que possa lidar com a grande carga de estímulos que chega, uma vez que nem tudo pode ser descarregado no exterior. Neste processo,

a frustração tem importante papel, exigindo do sujeito um mecanismo para se lidar com esta pressão interna que pede por direcionamento.

Neste sentido, visualiza-se que Catarina apresenta história de vida e conteúdos projetivos na direção de um ego que não mostra grande capacidade de tolerar a agressividade proveniente do processo de frustração, sendo que em alguns momentos esta carga é tão grande que a faz ser cindida pelos mecanismos de defesa, levando o ego a sucumbir. De outro lado, Alice também se utiliza de defesas nesse caminhar, apresentando um ego aparentemente potente e forte para se lidar com o as demandas que lhe chegam, necessitando se impor a todo custo. Pode-se inferir que a utilização destas defesas serve, de um lado a uma fuga ao conflito e, de outro lado, ao enfrentamento deste mesmo que leve à dor. Parece que ter um limite à frente, enfrenta-lo e superá-lo, motiva a ação, como uma forma da pulsão de morte testar a força de sua pulsão de vida. De qualquer forma, grande carga agressiva surge do contato com o desamparo em ambas. Parece, ainda, que a maior parte dos conteúdos das quais se defendem aparecem nas projeções do TAT e as pulsões em forma bruta mais presentes na entrevista. Os conteúdos trazidos pelas participantes nos mostram imagens embaçadas antes de se formar um pensamento conforme Bion (1967, 1988). Parece que esse processo do qual Bion fala vai de encontro ao mecanismo de defesa da ambiguidade, principalmente, não conseguindo chegar a uma nomeação/definição/simbolização. São pré-concepções em busca de se tornarem concepções, uma espera, um desejo, uma expectativa, pensamentos anteriores ao próprio pensamento.

Catarina preenche a entrevista com muita agressividade impressa nos relatos. Fala de um pai castrador e de uma mãe submissa e, sendo filha única, ficando no meio de diversos momentos angustiantes entre os dois, sentindo, desde a infância, um misto de ódio e amor por ambos, revelando uma ambiguidade. A prancha 15 da participante, na qual descreve um ser metade homem e metade mulher parece ir de encontro com estas reflexões. Outra prancha significativa neste sentido é a 18MF.

Alice também demonstra grande carga de agressividade durante seu discurso e relata muitos embates diretos com o pai, desde a adolescência, fazendo com que seu ego responda a essa grande carga agressiva que também provém do exterior e alimenta seu interior. No momento da entrevista enfatiza a sua relação com o pai em diversos momentos e coloca a mãe em segundo plano, tendendo a cindir todo tempo a questão de gênero, passando dos pais para si e sua trajetória por toda vida.

Portanto, Bion (1963), em “Elementos da Psicanálise”, pode ajudar a explicar esse processo. No livro supracitado o autor aborda os elementos alfa (α) e beta (β). Diz, Bion, que há diversos aparatos no processo de pensar, entre eles: um aparelho para pensar os pensamentos; a diferença entre pensamento e função de pensar; e pensamentos sem pensador. Neste contexto, os elementos β, como descritos por Bion, constituem-se de protopensamentos, ou seja, experiências emocionais primitivas, assim como experiências sensoriais primitivas, sendo “coisas em si mesmas”. São aquelas experiências que não puderam ser pensadas, não contêm em si um nível de abstração, podendo chegar a se tornarem elementos α. Neste sentido, *rêverie* seria a capacidade da mãe (ou terapeuta, etc.) em poder conter os elementos da identificação projetiva advindos do bebê para ela, o que faz Bion criar o modelo continente-conteúdo. Logo, pede-se uma mãe que possa conter os elementos advindos do bebê e devolvê-los de forma desintoxicada, como descreve o autor.

Neste contexto, dependendo das demandas do bebê, assim como da capacidade da mãe em tolerá-los, o bebê adquire maior ou menor tolerância à frustração. O continente (seio) contém a solução que aplaca a angústia de seu filho (a fome, o conteúdo), mas nem todos os pais tem esta capacidade de continência. Utilizando-se do modelo de Klein (1975) acerca das posições depressiva e esquizoparanóide, Bion formula que os pensamentos podem ajudar a integrar ou desintegrar o ego, fundamentado nesta relação continente-conteúdo, assim como no modo como acontece a passagem da posição desintegrada (esquizoparanóide) para a posição mais integrada (depressiva). Bion vê este processo como algo que integre as perdas durante a vida dando um sentido a elas ou as substituindo, o que exige do ego certa força e do sujeito certa maturidade emocional. De outra forma ficam prejudicadas as formas de pensar, a estrutura do ego, que inclui resolução de problemas, criatividade, abstração, etc. A transformação dos elementos beta em elementos alfa é um processo delicado e inclui a capacidade da mãe receber os elementos β, devolvê-los de forma desintoxicada e, junto a isso, anexar a sua função α, o que possibilitará ao bebê aprender a pensar, se este for apto a receber. Inclui, portanto, não somente os movimentos na relação do bebê com a mãe, mas também uma capacidade inata do próprio bebê em integrar prazer e dor.

Portanto, as participantes apresentam muitas histórias, tanto da infância quanto da vida adulta no sentido de uma falha parental no processo continente-conteúdo. No decorrer do processo de desenvolvimento ambas as famílias tinham o hábito de

compartilhar com as filhas todos os seus conteúdos β disponíveis sem ressignificação, deixando suas angústias pessoais e grupais à céu aberto. Parece que, anteriormente, na relação com seus pais, ocorreu o mesmo processo. Assim, além da não contenção dos elementos não estruturados das participantes, os pais parecem jogar para dentro delas suas próprias frustrações, angústias, medos e preconceitos de forma a ignorar os efeitos disso sobre um aparelho mental ainda insuficiente para poder pensar estes pensamentos. Não há, portanto, a possibilidade de aquisição de uma função α, pelo contrário, maiores elementos β chegam. Esse contexto claramente exige defesas e promove ataques.

Catarina oferece ilustração dessa afirmação em diversas passagens de sua entrevista demonstrando, inclusive, certa cisão entre as figuras parentais, deixando o bom para um e o mal para outro, o que se repete também nas histórias do TAT (6MF, 18MF e 16). Parece que seu maior conflito aconteceu por volta de sua fase edípica, o que a fez colocar sobre o pai o símbolo de alguém “muito severo, muito castrador”, mas dentro de uma relação com “um carinho muito grande que a gente tinha um com o outro”. Neste mesmo processo de falha parental no contexto dos elementos propostos por Bion, Alice conta diversas histórias sobre o vínculo que teve com seus pais e projeta conteúdos cindidos nessa direção nas histórias do TAT (2, 5, 18MF) e também reserva a carga do bem para um e do mal para outro. Interessante notar que em alguns momentos durante as histórias do TAT as participantes se colocam na história e colocam suas histórias nas projeções aparentemente sem perceber, o que faz pensar na força dos mecanismos de defesa envolvidos nesse processo. Em outros momentos elas se colocam conscientemente, como faz Catarina logo na prancha 1 e Alice na 3MF. Porém, a necessidade de descarga dos conteúdos internos é evidente e, por isso, continuam o discurso.

Ambas parecem buscar este esvaziamento em profissionais de saúde do gênero masculino (e na entrevista com o pesquisador), assim como um amparo, a busca por um olhar continente, como aparece nas histórias de vida de ambas. A atitude de se passar para outras figuras a mesma impressão que outrora se teve com os pais, no sentido de uma transferência é frequentemente relatado pelas mesmas, parecendo ir em busca de ressignificação ou, ao menos, certa continência que aplaque as angústias provenientes do desamparo. Importante pensar, também, que ambas as participantes têm mais de 20 anos de tratamento com seus médicos, sendo que continuam sofrendo e não trocam de profissional. Levando em conta essa relação,

interessante notar que ambas veem seus profissionais de saúde com quase as mesmas palavras, descrevendo-as como pessoas generosas, cuidadosas, amigas e companheiras, de quem recebem afeto e se sentem compreendidas e acolhidas: tudo o que faltou em suas infâncias, tudo o que necessitam hoje para que sintam algum conforto, assim como não lhes seja exigida angústia em lidar com conteúdos ansiogênicos, culpas e reparações.

Um ponto de vista sobre esta busca com os profissionais de saúde que gera relações complementares pode ser obtido com Bion (1992/2004) quando se observa a passagem na qual o autor relata a necessidade do neurótico de manter sua estrutura defensiva como está, temendo a loucura. Esse modo de ver é sustentado quando se pensa que, ao trazer estes elementos à tona para a consciência, visualizamos a estrutura psicótica em ação conforme o autor descreve (e muito estudou). É compreensível pensar que levar os desejos e conteúdos inconscientes para um estado consciente, causaria uma evacuação, deixando fragilizada a estrutura de defesa das participantes, gerando maior vulnerabilidade.

Catarina teve, na adolescência, uma possibilidade de dar novos significados a muitos conteúdos de sua vida, encontrando um professor que, oposto ao pai, pôde desenvolver nela um pouco de segurança, autoestima e vontade em direção a realizações profissionais. No entanto, parece algo como um processo de imitação de um modelo de ser e pensar, como se o ego não tivesse sido ensinado a pensar os próprios pensamentos, nos termos de Bion (1963), levando-a a seguir um modelo que se apresentou. Parece que, apesar deste outro modelo continente ter aparecido, não foi suficiente para dar contorno ao que já estava desestruturado. Com esta figura ela teve a oportunidade de se desenvolver profissionalmente, pela pessoa que ele era e pelo profissional que serviu de modelo. Porém, quanto ao lado amoroso, foi mais uma figura, ou a primeira figura, de outras que vieram em uma onda de repetições que serviram à pulsão de morte, não deixando espaço para um melhor delineamento nessa área de sua vida, estando em busca até então.

Parece que a busca de ambas segue pela vida afora, uma busca por vínculos facilitadores que possam fazê-las sonhar. Chuster, Soares e Trachtenberg (2014) abordam a complexidade da obra de Bion e colocam o pensamento como algo que se inicia com a imaginação. Dizendo de outra forma, neste processo existem os elementos brutos, β, sendo os que não tem significado algum, necessitando serem trabalhados pela função α e transformados em imagens de um sonho. Logo, frente a

fatos sem significado, sonha-se, no mesmo passo da respiração. *Rêverie*, sendo imaginação, devaneio, remete à *rêve* (sonho, em francês), como uma capacidade de sonhar aquilo que o outro não consegue, sonhar o sonho do paciente (no caso do analista), contendo a angústia do outro. O trabalho do sonho em pensamentos mais complexos é um processo amplo e que exige habilidades do sonhador, facilitados pelo vínculo.

A mãe ou pessoa continente que as participantes não tiveram em suas vidas é a que faltou no sentido de ser aquela que, em estado de *rêverie*, seria capaz de estimular e despertar curiosidades e interesses, dando espaço para a criatividade e para um contato intersubjetivo de aprendizagem com a experiência emocional (capacidades da presença da funçao α). Este tipo de vinculação pode ser vivido em alguns períodos pelas participantes, como se observa com Catarina no contato com seu professor na adolescência e com Alice no curto relacionamento que teve após o fim de seu casamento. Estas relações, além de não serem complementares aos seus sintomas, demonstraram grande enriquecimento, na qual elas puderam ver a vida com curiosidade e experimentá-la com prazer.

Assim, na proposta de um diálogo dos transtornos do humor com o pensamento de Bion, parece que alguns conceitos e desenvolvimentos teóricos até então abordados facilitam a compreensão da psicodinâmica destes pacientes que sofrem com os transtornos do humor. Logo, vê-se um ego frágil diante às frustrações e ao desamparo desde a infância, transferindo os papeis parentais para outras figuras ao longo da vida, em busca de algo perdido para sempre; falhas de maternagem/paternagem na relação continente-conteúdo e grande carga de elementos beta jogados pelos pais aos filhos, suas próprias angústias (principalmente relacionadas a conteúdos sexuais), em um ser em desenvolvimento; e um aparato primitivo que não tem a possibilidade de poder lidar com estes conteúdos que, parece terem chegado antes mesmo de sentir a dor da frustração.

Entretanto, importante refletir o quanto estes pais, assim como estes filhos, estavam (estão) em busca de alguém que conseguisse ser um modelo de relação sadia, o que faz compreender ao invés de julgar e culpar. As figuras que buscam pela vida afora não foram encontradas até então, sendo algo muito antigo no tempo inconsciente e, pensando no psiquismo fetal (conforme explanações de Bion, 1992a), ainda mais antigo, inerente e regredido, algo que estava na personalidade dessas participantes antes mesmo de nascerem, na relação, comunicação e transferência

parental. Vê-se uma busca incessante, ao longo da vida, por um continente para abarcar estes elementos, uma busca por simbolização por parte de algum vínculo que possa servir como função α. Interessante pensar nesta grande carga de elementos que se carrega e associá-la às grandes dores que Catarina sente em seu corpo que, além dos distúrbios físicos, denotam uma dor que se amplia e se projeta além desta, a depressão.

Observa-se, portanto, a presença de relações parentais conflituosas na infância, com grandes pressões ambientais gerando uma grande carga de elementos β não digeridos pelos pais e na relação atual. Parece que existem aqui pensamentos sem pensador, buscando por simbolização e por um pensador, sendo esboços de imagens que são vistas como verdades que se impõem ao sujeito. Como visto na análise do TAT estas participantes buscam por algo que termina em interrogação, na busca pela parte que falta ou pela lente para melhor ver. O ego, neste caminhar, utiliza dos mais diversos mecanismos de defesa para conseguir sobreviver a toda carga β proveniente do interior e do exterior, vendo na aniquilação de si um fim para a história (alegoria recorrente nas histórias do TAT).

Assim, Catarina conta uma história de muita opressão por parte dos pais e falta de continência, além de angústias de ambos sendo colocados para ela desde muito cedo, telas beta, segundo Bion (1963). No decorrer da vida demonstrou sensibilidade às demandas externas e conflitos de relacionamento afetivo e sexuais que se perpetuaram fazendo com que se sentisse cada vez mais incompreendida, desamparada e solitária. Filha única, pais mortos, com poucos familiares presentes, hoje conta que ir a uma festa ou a um velório lhe traz o mesmo sabor, mas que tem esperanças de encontrar alguém com quem possa conviver e construir algo.

Faz-se importante frisar esta questão presente nestes vínculos primitivos que as participantes relatam com seus pais. Esta sobrecarga de experiências sensoriais e emocionais primitivas provindas de fora pelos pais e de dentro, pela criança em desenvolvimento, demonstram, assim, uma relação que auxilia na desintegração do ego (pensamento, abstração, criatividade, imaginação, entre outros).

Levando em conta Bion (1973, 1985b) e Zimerman (2004) e o fato do desenvolvimento do bebê começar com uma vinculação com seus pais, a forma de vinculação estabelecida entre estes na infância, com maior ou menor grau continência irá determinar muito do que vem depois vida afora. No caso das participantes, as angústias e demandas ansiogênicas dos envolvidos se misturavam de tal forma que

geravam uma tela beta (Bion, 1963) e observam-se pais que pedem continência a um ser sem aparelho psíquico para poder suprir tais pedidos, deixando as demandas deste à mercê. A relação das participantes ao longo da vida com os terapeutas e parceiros amorosos demonstra uma busca por continência e ressignificação de uma grande carga afetiva angustiante que não contém apenas os seus elementos particulares, mas de todo um grupo familiar, composta de um romance familiar muito específico em cada caso. É interessante notar a fala de Catarina quando se vê carregando a bagagem de sete filhos, contando os que a mãe abortou, como se carregasse os abortos (elementos angustiantes, restos, coisas sem nome e sem corpo e produções mortas) da mãe (e nesse processo protege o pai).

Levando em conta a forma de vinculação que se estabeleceu, houve uma introjeção de personagens com as mais diversas máscaras ao longo da vida das participantes, desde bebês, desde os seus vínculos mais primitivos. Estes personagens continuam interagindo no palco presente, de dentro para fora determinando os vínculos ao longo da vida, assim como a qualidade destes. É importante notar que o discurso desses personagens primitivos e suas verdades continuam a ecoar vida afora na subjetividade e na vida das participantes, levando a uma dificuldade em se encontrar enquanto indivíduos autônomos e livres. É interessante ouvir Catarina dizendo que caminhava com três cabeças e seis pernas, aceitando a pontuação de seu terapeuta, e desejando caminhar de outra forma no presente, quando se pensa sobre isso, quando essa possibilidade de pensar esse pensamento está disponível. Parece que ao longo da vida ambas as participantes ficaram aprisionadas em um tipo de vínculo na qual as expectativas dos pais foram internalizadas e entram em conflito constante com quem elas desejam ou poderiam desejar ser. Catarina aceitando o modelo com maior facilidade e Alice combatendo e lutando com este modelo proposto, fugindo a todas as regras colocadas.

Zimerman (2004), inspirado nas teorias bionianas, coloca um subtipo de vínculo de amor o qual nomeia de amor tantalizante, inspirado na mitologia grega acerca de Tântalo, que, sendo castigado pelos deuses, lhe era negado comer e beber. Assim, quando ele se aproximava de alimentos e bebidas, estes sumiam. Parece que o comportamento de Catarina com o parceiro com quem tem um romance no presente pode ser pensado desta forma. Em alguns momentos ela tenta se afastar e buscar outro caminho, mas imediatamente é seduzida por uma nova visão de felicidade nessa parceria.

Levando em conta os vínculos de amor (L) e de ódio (H), percebe-se o quanto esses elementos estão presentes de forma ambígua quando falam de seus pais e dos objetos da vida. A ambiguidade faz parte do contexto da vivência com os outros personagens de suas vidas, como não poderia deixar de ser, levando em conta a expressão dos vínculos com os seus objetos internos no exterior. Um ponto de destaque que se pode dar nesse ponto é acerca do ataque aos vínculos (Bion, 1959), visto que a base da compreensão deste conceito está no fato da comunicação da criança com a mãe ocorrer com um fracasso comunicativo, entremeado pela identificação projetiva. Excessos de ódio e de inveja numa criança e uma mãe pouco receptiva aos elementos do filho faz com que o indivíduo nutra, assim, a sensação de um desastre, que é exatamente o que ambas as participantes relatam sobre as formações emocionais recebidas em seus cuidados parentais. Ligado à pulsão de morte e à parte psicótica da personalidade, o ataque aos vínculos busca destruir e impedir o construir. Daí a presença dos mecanismos de defesa em forma maciça, principalmente a cisão e a ambiguidade. Parece que o mecanismo proposto por Bion (1962) faz sentido aqui quando se pensa que a função α das participantes, que deveria pensar o pensamento e as impressões sensoriais primitivas (elementos β) não está disponível, não parece ter sido formada. Ao se colocar na vida em funcionamento somente com os elementos β, corre-se o risco de evacuação constante no exterior e em suas vinculações, utilizando-se de identificação projetiva, além da dificuldade na escolha de objetos segundo critérios adultos e sadios, visto que é a função α seria a responsável por transformar os elementos β em elementos alfa, mas, por conta das falhas primitivas e traumas vividos, estas podem se encontrar de forma debilitadas na vida adulta e, devido a singularidade de cada sujeito, cada um tem, em sua vida adulta, uma forma de expressão desse funcionamento. Assim, Catarina não se coloca à disposição para viver as emoções positivas, vinculando-se sob uma configuração L. De outro lado, Alice nega toda fragilidade egóica e tenta forçar os limites em busca de algo maior do que este ego consegue alcançar no momento, provocando sua pulsão de vida. Em ambas as formas de vinculação há instabilidade e angústia, cisão e ambiguidade, o que leva a uma forte vinculação H com os objetos internos e, consequentemente, externos. Importante sintetizar nesse momento o papel destes mecanismos de defesa utilizados: a cisão se opondo à integração, impedindo o aprender com a experiência, fazendo parte da construção de uma psicodinâmica em conflito, definindo assim a subjetivação das participantes.

Em relação ao contexto de trabalho, ambas demonstram grande interesse e motivação quanto às funções que escolheram e realizaram, se vinculam pela égide de L em relação a esta parte da vida, pois tiveram dali grande retribuição do afeto investido em termos de prazer e reconhecimento. Coincidentemente ambas demonstram esta característica e ambas estão aposentadas por "invalidez" de suas funções, como se aquilo que trazia um contorno para a estrutura de ambas não mais existisse, deixando-as, então, "inválidas". Pode-se pensar que não estão inválidas para o trabalho, mas que a falta da atuação nesse campo da vida as deixa um tanto mais angustiadas com o restante. É interessante notar, no entanto, para efeito de singularização do sujeito, como ambas agem de formas diferentes em relação a este objeto no momento atual. Assim, Catarina relembra dos momentos de sua vida laboral com grande estima e demonstra o desejo de retomar seus projetos relacionados à educação, sendo impossibilitada pela realidade de sua situação física atual, após a cirurgia ortopédica. De outra forma, Alice, que teve grande trauma no seu ambiente de trabalho, desenvolveu grande fobia só ao fato de pensar no retorno a ele. Nesse caso percebe-se como o fato ocorrido quando do assédio sexual a aproximou de tudo aquilo que se configura como uma imensa gama de elementos β interiorizados, que até então funcionava sob o controle da sua resistente estrutura egóica. Ainda nesse quesito não se pode deixar de citar Zimerman (2004) quando amplia o pensamento de Bion e desenvolve a teoria acerca do Vínculo de Reconhecimento (R, *Recognizing*), sendo que elas se vincularam desta forma com seus afazerem laborais e Catarina mantém esta relação. O fato de Alice não a manter pode se explicar pelo fato de que o acontecimento traumático mostrou, em sua própria interpretação, uma falsidade deste reconhecimento. Logo, segundo o autor, quando não há reconhecimento, para evitar a dor no ponto narcísico, age-se pela defesa.

Outro ponto de vista desse acontecimento traumático na vida de Alice pode ser compreendido por Bion (1973), quando aborda a questão da Mudança Catastrófica. Esta mudança desordena algo dentro da subjetividade, segundo o autor, causando a sensação de um desastre e, dependendo da intensidade da violência experenciada pela pessoa pode gerar maior ou menor ansiedade. O autor ainda diz que antes da mudança catastrófica em si existe algo como uma tensão pré-catastrófica e, após, uma situação a qual nomeia de pós-catastrófica. Assim, parece que Alice questiona em seus relatos o fato de não ter percebido o que estava acontecendo em seu trabalho e ao que ela estava sendo levada e, se levarmos em conta que esta possibilidade de

ser assediada estava inconscientemente protegida, pensamos no quanto existia ali um momento pré-catastrófico em andamento. Outro fato catastrófico para sua vida e para seu psiquismo foi o fato de ter sido acometida pelos AVC´s, ter passado por momentos de pânico e se aposentado. Hoje em dia parece estar se recuperando da situação e buscando dar um sentido e um nome a toda mudança mental que foi forçada a ter, além das mudanças práticas que a aposentadoria causou em sua vida.

Junto a isso, de uma forma ou de outra parece prevalecer uma estrutura de vinculação –L, pois ao se focarem nas questões mais traumáticas de suas vidas e da vida de seus pais, acabam por produzir a anulação dos prazeres, sendo mais com Catarina e menos com Alice. Esta última acrescenta que “nessa família não se pode sentir prazer, somente cuidar de doente”. Ela também exemplifica -H pela grande carga de idealização da relação com sua mãe, tanto nos relatos da entrevista quanto nas histórias do TAT, sendo que vale a pena ressaltar a história contada na prancha 18MF. Nessa história demonstra dificuldade em aceitar as “verdades penosas” como ressalta Bion (1962). Vale reproduzir um trecho significativo quando fala da relação entre mãe e filha que vê na prancha:

> “Mas de outra forma se sente muito segura com essa filha e se sente muito grata... se sente realizada e muito bem porque pode dar e receber esse carinho e esse amor. // Ah, ama demais essa filha! (fala com euforia, sorrindo)

Pesquisador: Mais algo?

> “Ah... (gargalha)... essas duas não param de falar, falam o tempo todo, tem assunto pra toda vida.”

Acerca da busca de seus relacionamentos com as pessoas, Catarina parece seguir algo como uma receita imposta por seu pai, sem se aperceber desta ação. Talvez a carga de elementos sem nome, confusos, ambíguos e introjetados dentro dela sejam tão cindidos que não alcançam a compreensão de que tem buscado se relacionar de forma edípica colocando-a sempre na mesma posição de filha abandonada, em uma configuração tríplice, e fugir de qualquer relação que contrarie este padrão. Atualmente traz um relacionamento com um homem que a “faz feliz", como diz, sendo que este de quem fala é um homem que não pode ser dela, pois tem esposa.

Alice parece ter desenvolvido algo parecido no sentido de buscar estar em contato com aquelas figuras admiradas pelo pai, homens e de grande poder de influência no trabalho e um marido que não a satisfazia emocionalmente. No entanto, o evento relacionado aos problemas de saúde e ao assédio recebido no trabalho a fez mudar a visão sobre como vinha conduzindo sua vida. Hoje, parece, tem clareza do que não considera sadio para si, mesmo que com dificuldade de seguir adiante a partir daí, necessitando descobrir qual é o seu desejo (alcançar uma relação de K consigo mesma). Quanto a Alice ainda vale ressaltar que este padrão de relacionamento condiz com uma busca por tarefas desafiadoras de alto grau, o que se vê quando discursa sobre as tarefas ligadas ao seu trabalho na instituição financeira, no passado e, da mesma forma, como se liga à atividade de CrossFit na atualidade. Ou seja, observa-se a ligação das participantes a formas variadas de ser e viver, sem variar, em alguns momentos, a essência da vinculação.

Parece que, em ambos os casos, há um padrão no sentido de um relacionamento consigo mesma que não se vê como merecedora de ser feliz e com um desejo intenso de punição. Corrobora esta reflexão o fato da estrutura psíquica das participantes terem se construído sob o pedido de intensos desejos parentais e seus conteúdos sem nome, sem adquirir o aparelho para pensar, a função α. Seria como crescer com a sensação de não ter satisfeito as vontades e necessidades dos pais, o que seria impossível perante a falta de um aparato para pensar esses conteúdos.

Neste contexto importante lembrar que há relevância e supremacia, para Bion (1962), quanto ao vínculo K, sendo o tipo de vínculo mais estudado pelo autor. Assim, a compreensão do presente deve encontrar as histórias de vida passadas do sujeito, buscando assim uma ligação, um elo entre o que houve e o que há, havendo uma transformação em K, ou seja, um conhecimento do sujeito sobre si mesmo. O objetivo é levar K a se tornar O (zero ou origem), fazendo o sujeito não só compreender racionalmente, mas encontrar a si mesmo e tornar-se ele mesmo. Nesse sentido vale lembrar o quanto Catarina ressalta, em sua trajetória no contexto educacional, no seu trabalho, que caminhou pelos mesmos caminhos de seu orientador, o professor que a ajudou a estruturar sua carreira e foi a figura mais continente que encontrou. Com toda clareza fala de sua satisfação em sua carreira como educadora, mas não se pode deixar de ver o quanto essa carreira foi construída sobre outros alicerces que não os seus próprios. Junto a isso, relata por diversas vezes que só se sentia útil em relação

ao outro, como foi enquanto teve que cuidar do pai e, depois, da mãe, tendo uma crise quando se viu, não somente sem os pais, mas sem ninguém para cuidar: sem um espelho.

Percebe-se, então, que a utilização dos variados mecanismos de defesa impede que as participantes cheguem a este momento de transformação, nos termos de Bion (1984), sendo que os vínculos mais importantes de suas vidas não são com K, mas sim com as figuras de suas vidas, predominantemente masculinas, muitas vezes fazendo parte da configuração vincular que o sintoma e as defesas buscam manter. Para Bion (1965/2004) este “aprender com a experiência” só acontece quando se chega à abstração quanto aos elementos β existentes e, com eles, se pode fazer algo. Talvez, aqui, o autor coloque uma das funções a qual o psicanalista deva ficar atento, evitando ser levado a ter com o seu paciente um tipo de vinculação complementar ao que ele exige envolto em seu sofrimento/sintoma. E, aqui, Bion adverte sobre a necessidade de o terapeuta ter sido analisado em profundidade antes de encontrar seu paciente.

É preciso destacar que ambas as participantes demonstram, apesar de seus sintomas e sofrimento, motivação em busca de algo, deste K. Em alguns momentos esta aproximação revela grande desprazer, gerando afastamento, mas em outros, grande satisfação na relação com os objetos da vida. Há de se ter presente a importância da singularidade que cada uma das participantes revela em seu discurso e em sua caminhada no decorrer da vida, o que coaduna com as premissas bionianas da primazia da questão sobre a resposta e com o fato da busca incessante da psicanálise por preservar o estatuto de ser um longo e continuado exercício de singularização, como acredita Figueiredo (2014). Nesse sentido, não se pode deixar de se recordar Bion (1992/2000, 1992b, 1994) quando orienta que o psicanalista possa convidar o paciente a ir de encontro com K, vivendo a experiência emocional, com maiores ou menores dificuldades, podendo ter contato com esta aprendizagem através da experiência, ou seja, alcançar a função α. O aprender com a experiência, nos termos bionianos é o que estas pessoas estão buscando e tentando. Talvez a maior lição de Bion sobre a melancolia seja de que ela é necessária e, se bem utilizada, gera conhecimento de si e do mundo, levando ao sucesso e, indo além: quanto maior a depressão e o insucesso, maior seria a glória. Ironicamente, passagens que falam sobre esse tipo de processo não está em seus livros teóricos,

mas nas suas cartas familiares, como se pode ver, postumamente à sua morte, em Bion (1985a).

Constata-se, portanto, que através dos instrumentos aplicados pôde-se chegar a uma considerável compreensão da psicodinâmica das participantes e de seu sofrimento através da utilização do pensamento de Bion. Em específico as participantes não apresentam sistemas de vinculação consigo mesmas e com os demais que levem a promoção da saúde justamente por se apresentarem aprisionadas em modelos primitivos de relacionamento advindos de seus fantasmas introjetados. Da mesma forma, seu desejo é abandonado, visto que há um outro (ou outros) que as habitam, impedindo a aproximação com K. Vale refletir esse ponto em relação ao que Siqueira (2007) diz sobre depressão e desejo, colocando a depressão sendo o oposto do desejo. E, assim sendo, esse navegar na vida através do desejo do outro afeta a subjetivação das participantes no sentido da melancolia, por um lado e da mania, vontade de existir perante este nada infinito, por outro. Em ambos os casos gerando sofrimento pessoal, assim como vínculos frágeis e complementares a este sofrimento.

Buscando interlocução entre os transtornos afetivos e o pensamento de Bion, demonstrou-se, ainda, o quanto não somente as entrevistas, mas também os conteúdos do TAT facilitam o emergir de um discurso que se relaciona com o corpo teórico de Bion. Assim, os mais variados mecanismos de defesa emergem com os estímulos do TAT e foram aqui demonstrados, gerando discursos como um sonho. Construtos importantes de Bion como a sua teoria do pensamento, a relação continente-conteúdo e o sentido de *Rêverie* aparecem como em um sonho embaçado, buscando contornos. Interessante notar nas histórias, neste sentido, que a busca por significados nas pranchas é repleta de perguntas. Assim, Catarina, mais do que contar a história, atém-se à busca pelos significados dos mais variados e pequenos gestos como o dedo do menino no ouvido (1), o significado do retângulo branco (1), os dedos da mulher no ouvido da outra (18MF), entre outros.

Outro ponto que merece destaque é o fato de que a análise do TAT pelas pautas propostas por Hirsch (1981) mostram como o instrumento é, basicamente, uma análise de discurso e um discurso que vem de outro lugar, do inconsciente. Neste sentido, pautas como a 3 (possibilidade de dar passado, presente e futuro à história), 4 (sequência lógica ou ilógica na construção da história) e 6 (possibilidade de fantasiar na construção das histórias e capacidade criativa para organizar o discurso) auxiliam

o pesquisador a considerar a linguagem do discurso inconsciente da história do TAT e, com o viés de Bion, abrir novos vértices de pensamento. Talvez este processo seja parecido com o que Bion quis demonstrar em sua trilogia “Uma memória do futuro” (Bion, 1975a, 1977a, 1979), publicações integrantes de sua fase mística e literária, já próximo ao fim de sua vida. Vale lembrar que para Talamo (2011) estas obras têm enorme relevância clínica.

Constata-se, portanto, que o TAT é um teste bastante rico para se analisar pelo corpo teórico de Bion por possibilitar o emergir de conteúdo do inconsciente que podem ser interpretados por seu pensamento, assim como demonstra conteúdos brutos em busca de um sentido. Além disso, a forma de análise conforme foi realizada permite a análise do discurso de uma história que surge do inconsciente com uma linguagem muito específica na forma primitiva de protopensamentos.

5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Através das informações obtidas pelos instrumentos e pelas análises realizadas pelos ângulos propostos pode-se pensar que o método deste estudo contribuiu para o alcance dos objetivos, sendo uma forma prolífica para se estudar a mente e o comportamento humanos. No entanto, se, por um lado, pode-se pensar algumas questões acerca das causas do sofrimento psíquico das participantes, por outro fica aberta a reflexão sobre o que isso diz a respeito desses pacientes que estabeleceram, ao longo da vida, por décadas, um mecanismo de vinculação tão aprisionados aos instantes traumáticos da infância. Fica também a questão sobre quais seriam as nuances e se estas existiriam quanto à pesquisa com participantes que tragam outras configurações de sofrimento psíquico, como no caso da psicose, dos transtornos de ansiedade, etc.

Por outro lado, a utilização do TAT como instrumento para leitura do inconsciente (se assim se pode chamar), demonstra que o campo das técnicas projetivas se configura pela expansão de seu terreno e deve ser explorado para compreensão e tratamento em psicanálise. Assim sendo, o TAT se mostrou um instrumento prolífico na observação da psicodinâmica de pacientes depressivos, gerando conteúdos vastos que podem ser avaliados sob a ótica das teorias de Bion. Sugere-se, portanto, que sejam estimuladas as pesquisas utilizando técnicas projetivas, buscando sua relação com teorias psicológicas no sentido de ampliar o conhecimento acerca dos mecanismos psicodinâmicos dos transtornos afetivos (e demais formas de sofrimentos contemporâneos), senão produzindo respostas, mas proliferando os questionamentos. Entretanto, um enorme cuidado deve ser tomado no sentido destas técnicas não se renderem ao apelo do imediatismo e da objetividade presentes na sociedade contemporânea, como relata Bauman (1991, 1997, 2006) e Birman (2001), de forma a perderem o contato com o tempo inconsciente.

Nesse sentido, em específico, sugere-se analisar as pautas de Hirsch (1981) em relação à teoria de Bion com maior atenção em pesquisas futuras. E, junto a isso, começando por situar o sujeito dentro do momento histórico e social vigente, assim como Freud (1934/1930) se ateve.

Além disso, o psicólogo/psicanalista deve estar atento para que suas práticas possam ir na mesma direção. Os desafios impostos pela contemporaneidade às pessoas que sofrem com transtornos afetivos podem ser colocados para todos os

sujeitos contemporâneos imersos na cultura atual. Assim, se a falta de integração e a ambiguidade que permeiam a cultura colocam impasses para a pessoas com depressão, também coloca para a pessoa com ansiedade, com esquizofrenia, enfim, para nós e nossas relações, conosco e com os demais.

A título de reflexão, um ponto importante a colocar é acerca da questão do feminino em um contexto cultural dominado pelo masculino e sua relação com as psicopatologias. As participantes demonstram fortes elementos relacionados a questões de gênero, sejam eles colocados pelos pais em seus discursos, pelas suas relações parentais ou pelas imposições da sociedade nos contextos de trabalho. Parece ser importante pensar em que algumas estruturas sociais compostas por polaridades podem suplantar a subjetividade do indivíduo, se não promovendo, agravando alguns quadros psicopatológicos. E, se assim for, é um ponto que merece atenção dos psicanalisas e da psicanálise.

Por fim, levando em conta as teorias utilizadas para este trabalho, o pesquisador do campo da psicologia talvez precise sempre ter em mente um retorno a Freud, sem cessar. O trabalho do pesquisador psicanalista necessita de mente aberta, levando em conta os teóricos que contribuíram em todas as épocas e também Freud que, mesmo tendo sua obra cessado em 1939 parece ter sua voz a ecoar por todas as épocas seguintes, sempre tendo algo a nos dizer nos dias atuais. Assim, pede-se ouvidos que possam ouvi-lo. Esta é uma discussão ampla a qual necessita de integração multidisciplinar da psicanálise com a sociologia, literatura, química, física e outras áreas do conhecimento, ampliando os vértices de pensamento.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

Afonso, R. M. L., & Faria, A. P. (2012). Aplicação do thematic aperception test (T.A.T.) como instrumento de avaliação da psicoterapia breve. In : Amparo, D. M., Okino, E. T. K., Osório, F. L., Hisatugo, C. L. C. & Tavares, M. (orgs.). *Métodos projetivos e avaliação psicológica: atualizações, avanços e perspectivas* (pp. 136-151). Brasília, DF : Congresso da Associação Brasileira de Rorschach e Métodos Projetivos.

Avellar, L. Z. (2009). A pesquisa em psicologia clínica: reflexões a partir da leitura da obra de Winnicott. *Contextos Clínicos*, Vila Velha, ES, 2(1), 11-17

Azevedo, E. C., & Moreira (2012). Psiquismo fetal: um olhar psicanalítico. *Diaphora: Revista da Sociedade de Psicologia do Rio Grande do Sul,* 12(2), 64-69.

Bandeira, D. R., Trentini, C. M., Winck, G. E., & Lieberknecht, L. (2006). Considerações sobre as técnicas projetivas no contexto atual. Em: A. P. P. Noronha, A. A. A. Santos, & F. F. Sisto (Orgs.). *Facetas do fazer em avaliação psicológica.* (pp. 126-139). São Paulo, SP: Vetor.

Baptista & Campos (2014). *Metodologias de Pesquisa em Ciências - Análises Quantitativa e Qualitativa*. Rio de Janeiro, RJ: LTC.

Bauman, Z. (1991). *Modernity and Ambivalence*. Ithaca, NY: Cornell University Press.

Bauman, Z. (1997). *Postmodernity and its Discontents*. New York, NY: New York University Press.

Bauman, Z. (2006). *Liquid Fear*. Cambridge, CC: Polity.

BBC Brasil (2009). Depressão será a doença mais comum do mundo em 2030, diz OMS. Recuperado de http://noticias.uol.com.br/ciencia/ultimas-noticias/bbc/2009/09/02/depressao-sera-a-doenca-mais-comum-do-mundo-em-2030-diz-oms.htm

Bion, W. R. (1948). Experiences in groups, Human Relations. London: Tavistock Publications.

Bion, W. R. (1952). Group dynamics: a review. *International Journal of Psycho-Analysis*, 33.

Bion, W. R. (1959). *International Journal of Psychoanalisis*, 40, 308-315.

Bion, W. R. (1961). *Experiences in groups and other papers.* London: Tavistock Publications.

Bion, W. R. (1962). *Learning from experience.* London: W. Heinemann.

Bion, W. R. (1963). *Elements of psychoanalysis*. London: Karnac Books.

Bion, W. R. (1967). *Second Thoughts.* London: W. Heinemann.

Bion, W. R. (1973). *Atenção e interpretação: uma aproximação científica à compreensão interna na psicanálise e nos grupos.* Rio de Janeiro, Imago.

Bion, W. R. (1975a). *A Memoir of the Future, Book 1: The Dream.* Rio de Janeiro: Imago.

Bion, W. R. (1975b). Conferências brasileiras 1. Rio de Janeiro, RJ: Imago.

Bion, W.R. (1977a). *A Memoir of the Future, Book 2: The Past Presented.* Rio de Janeiro: Imago.

Bion, W.R. (1977b). Two Papers: The Grid and Caesura. Rio de Janeiro: Imago.

Bion, W.R. (1979). *A Memoir of the Future, Book 3: The Dawn of Oblivion.* Perthshire: Clunie Press.

Bion, W. R. (1985a). All my sins remembered: Another part of a life and The other side of genius: Family letters (F. Bion, ed.). London: Karnac Books.

Bion, W. R. (1985b). *Evidência. Revista Brasileira de Psicanálise*, 19(1), 129-41.

Bion, W. R. (1988). Uma teoria sobre o processo de pensar. In: Estudos psicanalíticos revisados (trad. Wellington M. de Melo Dantas). Rio de Janeiro, RJ: Imago. (Trabalho original publicado em 1962)

Bion, W. R. (1992a). *Conversando com Bion*. Rio de Janeiro: Imago.

Bion, W. R. (1992b). Seminário clínico com Bion (Trad. de Yvonne Giannetti da Fonseca e Maria Olympia de Azevedo Ferreira França), IDE, 17, 26-29.

Bion, W. R. (1994). *Clinical seminars and fous papers.* London: Karnac Books.

Bion, W. R. (2000). Cogitações. Rio de Janeiro, RJ: Imago. (Trabalho original publicado em 1992)

Bion, W. R. (2004). *Transformações: mudança do aprendizado ao crescimento.* Rio de Janeiro, Imago. (Trabalho original publicado em 1965)

Birman, J. (2001). *Mal-estar na atualidade: A psicanálise e as novas formas de subjetivação,* 3 ed. Rio de Janeiro, RJ: Civilização Brasileira.

Bleger, J. (2001). *Temas de Psicologia: Entrevista e grupos.* São Paulo, SP: Martins Fontes.

Brelet-Fourlard, F., & Chabert, C. (2005). *O novo manual do TAT: abordagem psicanalítica*. São Paulo, SP: Vetor.

Chuster, A., Soares, G., & Trachtenberg, R. (2014). *W. R. Bion: A obra complexa.* Porto Alegre, RS: Sulina.

Delouya, D. (2002). *Depressão, Estação Psique: Refúgio, Espera, Encontro.* São Paulo, SP: Escuta.

Fédida, P. A. (2002). *Dos Benefícios da Depressão: Elogio da Psicoterapia*. São Paulo, SP: Escuta.

Fensterseifer, L., & Werlang, B .S. G. (2008). Apontamentos sobre o status científico das técnicas projetivas. In. Villemor-Amaral & Werlang, B .S. G. *Atualizações em Métodos Projetivos para Avaliação Psicológica* (pp. 15-33). São Paulo, SP: Casa do Psicólogo.

Ferreira-Rodrigues, C. F., & Villemor-Amaral, A. E. (2012). Avaliação dos artigos publicados de 2001 a 2011 sobre as técnicas projetivas gráficas. In : Amparo, D. M., Okino, E. T. K., Osório, F. L., Hisatugo, C. L. C. & Tavares, M. (org.). *Métodos projetivos e avaliação psicológica: atualizações, avanços e perspectivas* (152-159). Brasília, DF: Congresso da Associação Brasileira de Rorschach e Métodos Projetivos.

Figueiredo, L. C. (2014). *Bion em nove lições - Lendo transformações.* São Paulo, SP : Escuta.

Fernandes, S. R. (2014). Compor imagens: clínica psicoterápica da melancolia e dos estados depressivos. *Revista Latinoamericana de Psicopatologia Fundamental*: São Paulo, 17(4), 831-844.

Folha de São Paulo (2014). *Depressão já é a doença mais incapacitante, afirma a OMS.* Recuperado de http://m.folha.uol.com.br/equilibrioesaude/2014/12/1563458-depressao-ja-e-a-doenca-mais-incapacitante-afirma-a-oms.shtml

Freud, S. (1927). *The Ego and the Id. In : The Standard Edition of the Complete Psychological Works of Sigmund Freud* (Volume XIX: 1923-1925, pp. 1-66): The Ego and the Id and Other Works. (Trabalho original publicado em 1923)

Freud, S. (1934). *Civilization and its Discontents. The Standard Edition of the Complete Psychological Works of Sigmund Freud* (Volume XXI: 1927-1931, pp 57-146): The Future of an Illusion, Civilization and its Discontents, and Other Works. (Trabalho original publicado em 1930)

Freud, S. (1996a). *A história do movimento psicanalítico. In Freud, Edição Standard Brasileira das Obras Psicológicas Completas de Sigmund Freud* (Vol. XIV: A História do Movimento Psicanalítico, Artigos Sobre a Metapsicologia e Outros Trabalhos, J. Strachey trad., pp. 85). Rio de Janeiro, RJ: Imago. (Trabalho original publicado em 1915)

Freud, S. (1996b). A história do movimento psicanalítico. In Freud, *Edição Standard Brasileira das Obras Psicológicas Completas de Sigmund Freud* (Vol. XIV: A História do Movimento Psicanalítico, Artigos Sobre a Metapsicologia e Outros Trabalhos, J. Strachey trad., pp. 16-82). Rio de Janeiro, RJ: Imago. (Trabalho original publicado em 1915)

Freud, S. (1996c). Luto e Melancolia. In Freud, *Edição Standard Brasileira das Obras Psicológicas Completas de Sigmund Freud* (Vol. XIV: A História do Movimento Psicanalítico, Artigos Sobre a Metapsicologia e Outros Trabalhos, J. Strachey trad., pp. 243-263). Rio de Janeiro, RJ: Imago. (Trabalho original publicado em 1915)

Formiga, N. S., & Mello, I. (2000). Testes psicológicos e técnicas projetivas: Uma integração para um desenvolvimento da interação interpretativa indivíduo-psicólogo. *Psicologia: Ciência e Profissão*, 20, 8-11.

Hall, C. S., Lindzey, G., & Campbell, J.B. (2000). *Teorias da Personalidade* (4. ed.). Porto Alegre, RS: Artes Médicas Sul.

Hirsch, S. B. (1981). Guia de interpretação do teste de apercepção infantil (CAT-A) de L. Bellak. In Ocampo, M.L. (1981) *O processo psicodiagnóstico e as técnicas projetivas* (pp. 149-166). São Paulo, SP: Martins Fortes.

Houzel, D. (1991). Identification introjective, réparation, formation du symbole. *Journal de la Psychanalyse de l'Enfant*, 10, 4772.

Klein, M. (1975). *The collected Writings of Melanie Klein v. 1: Love, Guilt and Reparation: And Other Works 1921-1945*. London: Hogarth Press.

Klein, M. (1946). Notes on some schizoid mechanisms. *Intenational Journal Psychoanalisis*, 27, 99-110.

Kupermann, D. (2009). Sobre a produção psicanalítica e os cenários da universidade. *Psico*, 40(3), 300-307.

Lima, A. F. de B. & Fleck, M. P. de A. (2009). Qualidade de vida e depressão: uma revisão da literatura. *Revista de psiquiatria*. Porto Alegre, RS, 31(3), 0-0.

Mijolla, A. (2005). *Dicionário Internacional de Psicanálise* (v. 1 e v. 2). Rio de Janeiro, RJ: Imago, 2005.

Minayo, M. C. S. (2000). *O desafio do conhecimento: pesquisa qualitativa em saúde* (7ª ed.). São Paulo, SP: Hucitec.

Monteiro, K. C. C., & Lage, A. M. V. (2007). Depressão - uma 'psicopatologia' classificada nos manuais de psiquiatria. *Psicologia Ciência e Profissão*, 27(1), 106-119.

Murray, H. (1943). *Manual for the Thematic Apperceptión Test*. Cambridge, CC: Harvard University Press.

Neto, A. N. (2006). A pesquisa psicanalítica. *Jornal de Psicanálise*, 39(70), 234-255.

Nogueira, L. C. (2004). A pesquisa em psicanálise. *Psicologia USP*, 15 (1-2), 71-80.

Ocampo, M. L. & cols. (1981). *O processo psicodiagnóstico e as técnicas projetivas*. São Paulo, SP: Martins Fontes.

Organização Mundial da Saúde. (2007). *Classificação de transtornos mentais e de comportamento da CID-10. Descrições clínicas e diretrizes diagnosticas.* Porto Alegre: Artes Médicas.

Oz, A. (2005). *De amor e Trevas*. São Paulo, SP: Companhia das Letras.

Parada, A. P., & Barbieri, V. (2011). Reflexões sobre o uso clínico do TAT na contemporaneidade. *Psico-USF*, 16(1), 117-125.

Pereira, M. E. C. (2000). A paixão nos tempos do DSM: sobre o recorte operacional do campo da psicopatologia. In: Filho, P. & Albino, R. (Orgs.). *Ciência, pesquisa, representação e realidade em psicanálise.* São Paulo: Casa do Psicólogo. p.119-152.

Peres, U.T. (2003). *Depressão e Melancolia*. Rio de Janeiro, RJ: Jorge Zahar.

Phillipson, H. (1983). Una Breve Introducción al Test de Relaciones Objetales. In: R. F. Verthelyi (Comp.). *Actualizaciones en el T.R.O* (PP 17-60). Buenos Aires: Paidós.

Pigeaud, J. (1998). Introdução. In: Aristóteles. *O problema XXX,1: O homem de gênio e a melancolia.* Rio de Janeiro, RJ: Lacerda.

Pinto, E. R. (2014). Conceitos fundamentais dos métodos projetivos. *Ágora: Estudos em Teoria Psicanalítica*, 17(1), 135-153.

Pizeta, F. A. (2009). *Depressão materna associada a múltiplos estressores e a socialização de crianças em idade escolar.* Dissertação USP Filosofia: Ribeirão Preto.

Radó, S. (1928). The problem of melancholia, *Internacional Journal of Psyco-Analysis*, 9, 420-438.

Rocha, Z. (2008). Para uma abordagem estrutural da depressão: contribuições freudianas. *Psiche*, São Paulo, SP, 12(23).

Roudinesco, E., & Plon, M. (1998). *Dicionário de psicanálise*. Rio de Janeiro, RJ: Jorge Zahar.

Safanelli, C., Rodrigues, J. K., Cyrino, L, A. R. (2012). Transtorno afetivo bipolar relacionado ao abuso de substâncias psicoativas: uma revisão bibliográfica. *Contexto & Saúde*, 12(23), 15-25

Scaduto, A. A. (2016). O Teste de Apercepção Temática (TAT) em adultos: dados normativos para o sistema morvaliano. Tese de Doutorado, Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras de Ribeirão Preto, Universidade de São Paulo, Ribeirão Preto. Recuperado em 2017-04-24, de http://www.teses.usp.br/teses/disponiveis/59/59137/tde-11052016-104942/

Scaduto, A. A. & Barbieri, V. (2013). Em defesa do TAT: uma revisão crítica das pesquisas sobre o teste no Brasil. *Avaliação Psicológica*, 12(3), 299-305.

Schiller, F. (1.786). An die Freude. In: Thalia. *Herausgegeben von Schiller* (vol I, no.2, p.1). Leipzig: Georg Joachim Göschen.

Silva, M. C. V. M (1989). *TAT aplicação e interpretação do Teste de Apercepção Temática*. São Paulo, SP. Pedagógica e Universitária.

Silva, M. E. L. (1999). Bion: o zero da experiência. *Psicologia USP*, 10(1), 119-139.

Silveira, L. C., Aguiar, D. T. & Dourado, S. M. N. (2011). A mãe em sofrimento psíquico: objeto da ciência ou sujeito da clínica? *Escola Anna Nery*, 15 (3), 622-662

Siqueira, E. S. E. (2007). A depressão e o desejo na psicanálise. *Estudos e pesquisas em psicologia,* Rio de Janeiro, RJ, 7(1), 0-0.

Soler, C. (1999). Um mais de melancolia. In: Quinet, A. *Extravios do desejo: depressão e melancolia.* Rio de Janeiro, RJ: Marca d'Água.

Talamo, P. B. (2011). Uma memória do futuro - sua relevância clínica. *Jornal de psicanálise*, São Paulo, SP, 44(80), 141-146.

Turato, E. R. (2003). *Tratado da metodologia da pesquisa clínico-qualitativa*. Petrópolis, RJ: Vozes

Zimerman, D. E. (2004). *Bion: da Teoria à Prática* (2. ed.). Porto Alegre, RS: Artmed.

ANEXO 1 – ROTEIRO DE ENTREVISTA SEMI-ESTRUTURADA

Pesquisa: “Transtornos do Humor: Diálogo com o pensamento de Bion”

1. Identificação:

Nome:_____ **Idade (anos):**_____

Sexo: ( ) feminino ( ) masculino

2. Estado Civil: _____

3. Número de filhos: _____

4. Escolaridade: _____

5. Por favor, me fale um pouco sobre você, como se define?

6. O que te fez buscar tratamento?

7. Como você se sente? (sintomas, afetos, pensamentos)

8. Há quanto tempo sente-se assim?

9. Busca melhora há quanto tempo?

10. Quais tratamentos realizou e realiza?

11. Existe histórico de questões assim em sua família?

12. Me fale um pouco sobre sua configuração familiar, dinâmica familiar, relações pessoais.

13. Quando você olha para seu passado, como visualiza sua história de vida? (verificação do posicionamento da pessoa em relação à sua história e relações objetais)

14. Poderia me dizer, por favor, quais suas expectativas quanto ao futuro? (motivações, desejos)

Anexo 2 - Parecer CEPH

INSTITUTO DE PSICOLOGIA
DA UNIVERSIDADE DE SÃO

PARECER CONSUBSTANCIADO DO CEP

DADOS DO PROJETO DE PESQUISA

Título da Pesquisa: TRANSTORNOS DO HUMOR: DIÁLOGO COM O TESTE DE APERCEPÇÃO TEMÁTICA E A TEORIA DE BION NA CONTEMPORANEIDADE

Pesquisador: Kleber Aparecido Brigido Godoy

Área Temática:

Versão: 2

CAAE: 43382115.6.0000.5561

Instituição Proponente: UNIVERSIDADE DE SAO PAULO

Patrocinador Principal: Financiamento Próprio

DADOS DO PARECER

Número do Parecer: 1.097.130

Data da Relatoria: 08/06/2015

Apresentação do Projeto:

Projeto de mestrado que, por meio do uso de entrevistas e aplicação do TAT, pretenderá compreender melhor indivíduos portadores de Transtorno do Humor. Pretende-se obter dados subjetivos significativos através das histórias contadas pelo TAT, gerando discussão acerca do modo de vinculação utilizado pelos participantes (de 04 a 06) e sua consequente configuração. Espera-se que este entendimento complexo e panorâmico possibilite uma melhor escuta: tanto do ser humano que procura atendimento na clínica atual, como das
coletividades, contribuindo deste modo para a prevenção de doenças e promoção da saúde.

Objetivo da Pesquisa:

O presente estudo pretende realizar uma análise em indivíduos que sofrem com transtornos do humor,propondo uma discussão a partir dos conceitos de Bion. Logo, a dinâmica psicanalítica será analisada pelo Teste de Apercepção Temática (Murray, 1943). Após este processo, os resultados serão refletidos à luz das características da era pós-moderna como proposto por autores como Bauman e Birman. O entendimento da dinâmica da pessoa que sofre com transtornos afetivos pela psicanálise, quando compreendidos à luz do contexto cultural e social em que vivem, pode levar à evolução da ciência que os acolhe em atendimento, renovando a prática clínica.

Endereço: Av. Prof. Mello Moraes,1721 - Bl. "G" sala 27
Bairro: Cidade Universitária **CEP:** 05.508-030
UF: SP **Município:** SAO PAULO
Telefone: (11)3091-4182 **E-mail:** ceph.ip@usp.br

Avaliação dos Riscos e Benefícios:

A aplicação da pesquisa poderá causar pequenos riscos, como desconforto emocional (ansiedade) ao responder às questões da entrevista ou contar as histórias do teste. Em caso de mobilização de sofrimento, a aplicação dos instrumentos poderá ser interrompida sem qualquer ônus, sendo oferecidos, se necessário, encontros extras com o participante.

Aponta-se como benefícios, que este entendimento complexo e panorâmico possibilitará a melhor escuta: tanto do ser humano que procura atendimento na clínica atual, como das coletividades. A pessoa que sofre de algum tipo de transtorno de humor, como os participantes da pesquisa, pode se beneficiar através da maior compreensão clínica de seu

quadro pelo profissional que trabalha com a clínica. Em última e ampla análise, o tema parece ter importância para a prevenção de doenças e promoção da saúde.

Comentários e Considerações sobre a Pesquisa:

Pesquisa relevante para a área da saúde e o atendimento a pacientes com transtornos do humor.

Considerações sobre os Termos de apresentação obrigatória:

São apresentados todos os itens para uma adequada análise ética. Todas as recomendações foram atendidas.

Recomendações:

Sem recomendações.

Conclusões ou Pendências e Lista de Inadequações:

Sem pendências ou inadequações.

Situação do Parecer:

Aprovado

Necessita Apreciação da CONEP:

Não

Considerações Finais a critério do CEP:

Se o projeto prevê aplicação de TCLE, todas as páginas do documento deverão ser rubricadas pelo pesquisador e pelo voluntário e a última página assinada por ambos, conforme Carta Circular no 003/2011 da CONEP/CNS.

Salientamos que o pesquisador deve desenvolver a pesquisa conforme delineada no protocolo aprovado.

Eventuais modificações ou emendas ao protocolo devem ser apresentadas ao CEPH de forma clara

e sucinta, identificando a parte do protocolo a ser modificada e suas justificativas. Lembramos que esta modificação necessitará de aprovação ética do CEPH antes de ser implementada. De acordo com a Res. CNS 466/12, o pesquisador deve apresentar a este CEP/SMS o relatório final do projeto desenvolvido, conforme preenchimento de Protocolo disponível na página do Comitê de Ética em Pesquisa com Seres Humanos do IPUSP, do site do IPUSP. Em seguida, o protocolo preenchido deverá ser enviado ao CEPH pela Plataforma Brasil, ícone Notificação, logo que o mesmo estiver concluído.

SAO PAULO, 08 de Junho de 2015

Assinado por:
FRAULEIN VIDIGAL DE PAULA
(Coordenador)

Endereço: Av. Prof. Mello Moraes,1721 - Bl. "G" sala 27
Bairro: Cidade Universitária **CEP:** 05.508-030
UF: SP **Município:** SAO PAULO
Telefone: (11)3091-4182 **E-mail:** ceph.ip@usp.br

INSTITUTO DE PSICOLOGIA
DA UNIVERSIDADE DE SÃO

PARECER CONSUBSTANCIADO DO CEP

DADOS DA EMENDA

Título da Pesquisa: TRANSTORNOS DO HUMOR: DIÁLOGO COM O PENSAMENTO DE BION
Pesquisador: Kleber Aparecido Brigido Godoy
Área Temática:
Versão: 3
CAAE: 43382115.6.0000.5561
Instituição Proponente: UNIVERSIDADE DE SAO PAULO
Patrocinador Principal: UNIVERSIDADE DE SAO PAULO
Financiamento Próprio

DADOS DO PARECER

Número do Parecer: 1.734.919

Apresentação do Projeto:
Trata-se de emenda a projeto já aprovado que, por meio do uso de entrevistas e aplicação do TAT, pretende compreender melhor indivíduos portadores de Transtorno do Humor. Pretende-se obter dados subjetivos significativos por meio das histórias contadas pelo TAT, gerando discussão acerca do modo de vinculação utilizado pelos participantes e sua consequente configuração. Espera-se que este entendimento complexo e panorâmico possibilite uma melhor escuta: tanto do ser humano que procura atendimento na clínica atual, como das coletividades, contribuindo deste modo para a prevenção de doenças e promoção da saúde. A emenda informa a redução do número de participantes de 4 para 2 e a modificação do título da pesquisa, modificações que foram sugeridas pela banca de qualificação visto que o conteúdo advindo de dois participantes já englobam o objetivo da pesquisa e o título fica mais claro e alinhado à proposta de pesquisa desta nova forma.

Objetivo da Pesquisa:
Realizar uma análise em indivíduos que sofrem com transtornos do humor,propondo uma discussão a partir dos conceitos de Bion, pelo Teste de Apercepção Temática (Murray, 1943). Após este processo, os resultados serão refletidos à luz das características da era pós-moderna como proposto por autores como Bauman e Birman.

Endereço: Av. Prof. Mello Moraes,1721 - Bl. "G" sala 27
Bairro: Cidade Universitária **CEP:** 05.508-030
UF: SP **Município:** SAO PAULO
Telefone: (11)3091-4182 **E-mail:** ceph.ip@usp.br

Avaliação dos Riscos e Benefícios:

A aplicação da pesquisa poderá causar pequenos riscos, como desconforto emocional (ansiedade) ao responder às questões da entrevista ou contar as histórias do teste. Em caso de mobilização de sofrimento, a aplicação dos instrumentos poderá ser interrompida sem qualquer ônus, sendo oferecidos, se necessário, encontros extras com o participante.

Aponta-se como benefícios, que este entendimento complexo e panorâmico possibilitará a melhor escuta: tanto do ser humano que procura atendimento na clínica atual, como das coletividades. A pessoa que sofre de algum tipo de transtorno de humor, como os participantes da pesquisa, pode se beneficiar através da maior compreensão clínica de seu quadro pelo profissional que trabalha com a clínica. Em última e ampla análise, o tema parece ter importância para a prevenção de doenças e promoção da saúde.

Comentários e Considerações sobre a Pesquisa:

Pesquisa relevante para a área da saúde e o atendimento a pacientes com transtornos do humor.

Considerações sobre os Termos de apresentação obrigatória:

São apresentados todos os itens para uma adequada análise ética.

Recomendações:

Sem recomendações.

Conclusões ou Pendências e Lista de Inadequações:

Sem pendências ou inadequações.

Considerações Finais a critério do CEP:

Se o projeto prevê aplicação de TCLE, todas as páginas do documento deverão ser rubricadas pelo pesquisador e pelo voluntário e a última página assinada por ambos, conforme Carta Circular no 003/2011 da CONEP/CNS.

Salientamos que o pesquisador deve desenvolver a pesquisa conforme delineada no protocolo aprovado.

Eventuais modificações ou emendas ao protocolo devem ser apresentadas ao CEPH de forma clara e sucinta, identificando a parte do protocolo a ser modificada e suas justificativas. Lembramos que esta modificação necessitará de aprovação ética do CEPH antes de ser implementada. De acordo com a Res. CNS 466/12, o pesquisador deve apresentar a este CEP/SMS o relatório final do projeto desenvolvido, conforme preenchimento de Protocolo disponível na página do Comitê de Ética em Pesquisa com Seres Humanos do IPUSP, do site do IPUSP. Em seguida, o protocolo preenchido deverá ser enviado

ao CEPH pela Plataforma Brasil, ícone Notificação, logo que o mesmo estiver concluído.

Este parecer foi elaborado baseado nos documentos abaixo relacionados:

Tipo Documento	Arquivo	Postagem	Autor	Situação
Informações Básicas do Projeto	PB_INFORMAÇÕES_BÁSICAS_749546_E1.pdf	27/08/2016 10:55:59		Aceito
Folha de Rosto	FolhaRostoAgostoCOPIA.pdf	27/08/2016 10:52:47	Kleber Aparecido Brigido Godoy	Aceito
Comunicação de Início do Projeto	Comunicação_de_Início_do_Projeto_03/07/2015_17:05:12.pdf	03/07/2015 17:05:12		Aceito
Outros	PP 5 Carta ao CEP 2.pdf	19/04/2015 17:12:36		Aceito
Outros	PP 4 Carta ao CEP 1.doc	19/04/2015 17:12:04		Aceito
TCLE / Termos de Assentimento / Justificativa de Ausência	zzzzAnexo 3 - TCLE revisado.doc	19/04/2015 17:11:42		Aceito
Projeto Detalhado / Brochura Investigador	zzzzProjeto MestradoKleber B.docx	24/03/2015 14:07:34		Aceito
Projeto Detalhado / Brochura Investigador	zzzzProjeto MestradoKleber A.docx	24/03/2015 14:07:23		Aceito
TCLE / Termos de Assentimento / Justificativa de Ausência	zzzzAnexo 3 - TCLE.doc	24/03/2015 14:07:12		Aceito
Outros	zzzzAnexo 8 - Carta de Anuência.pdf	23/03/2015 16:57:12		Aceito
Outros	zzzzAnexo 7 - Declaração Colaborador.pdf	23/03/2015 16:54:52		Aceito
Outros	zzzzAnexo 6 - Declaração Pesquisador.pdf	23/03/2015 16:54:19		Aceito
Outros	zzzzAnexo 5 - Declaração do Colaborador.docx	23/03/2015 16:51:03		Aceito
Outros	zzzzAnexo 4 - Declaração do Pesquisador.docx	23/03/2015 16:50:02		Aceito
Outros	zzzzAnexo 2 - Carta de Anue¿ncia.docx	23/03/2015 16:49:18		Aceito
Outros	zzzzAnexo 1 - Entrevista.doc	16/03/2015 18:24:30		Aceito

Situação do Parecer:

Aprovado

Necessita Apreciação da CONEP:
Não

SAO PAULO, 19 de Setembro de 2016

Assinado por:
Helena Rinaldi Rosa
(Coordenador)

Endereço: Av. Prof. Mello Moraes,1721 - Bl. "G" sala 27
Bairro: Cidade Universitária **CEP:** 05.508-030
UF: SP **Município:** SAO PAULO
Telefone: (11)3091-4182 **E-mail:** ceph.ip@usp.br

ANEXO 3 - CARTA DE ANUÊNCIA
(Dr. (dado sigiloso))

Convido o senhor a participar da pesquisa intitulada “Transtornos do Humor: Diálogo com o Teste de Apercepção Temática e a Teoria de Bion na Contemporaneidade”. Trata-se de uma pesquisa em nível de mestrado, desenvolvida sob a responsabilidade do pesquisador Kleber Aparecido Brigido Godoy, sob a orientação da Profª Dra.Eliana Herzberg, do Departamento de Psicologia Clínica do Instituto de Psicologia da Universidade de São Paulo. Este trabalho se propõe a realizar uma análise em indivíduos que sofrem com transtornos do humor, propondo um diálogo com os conceitos psicanalíticos de Bion e seus conceitos sobre psicologia, assim como de contrastar os resultados com o Teste de Apercepção Temática (TAT), que coleta informações acerca da dinâmica psicológica das pessoas. O trabalho também contrastará as informações obtidas com as características da era pós-moderna como proposto por autores como Bauman e Birman, que estudaram como o sujeito se insere na sociedade contemporânea. Tal pesquisa é importante para o entendimento, através da psicanálise, da dinâmica do sujeito que sofre com transtornos afetivos que, quando compreendidos à luz do contexto cultural e social em que vivem, pode levar à evolução da ciência que os acolhe em atendimento, renovando a prática clínica psicológica. Assim, este entendimento complexo e panorâmico possibilitará a melhor escuta: tanto do ser humano que procura atendimento na clínica atual, como das coletividades. Em última e ampla analise, o tema pode ser de relevância para a prevenção de doenças e promoção da saúde. A pesquisa consiste em três etapas (uma em cada dia, segundo cronograma estabelecido entre as partes), sendo encontros com os participantes em sala cedida pelo responsável pelo consultório médico (Dr. (sigiloso), Rua (sigiloso), sendo: 1) contato com os supostos participantes, individualmente, explicação e discussão acerca da pesquisa e assinatura do Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (TCLE) pelos mesmos; 2) realização da entrevista semi-estruturada, individualmente, com duração de cerca de 1:30 hs. (uma hora e trinta minutos), sendo que este constitui em uma entrevista com algumas perguntas sobre o histórico de vida, dos sintomas e dos tratamentos realizados e; 3) aplicação de pranchas do Teste de Apercepção Temática, individualmente, com duração de cerca de 1:30 hs. (uma hora e trinta minutos). O Teste consiste de quadros com figuras que serão mostradas, pedindo para que se conte histórias sobre elas. O pesquisador ficará à disposição para dar retorno acerca dos resultados da pesquisa quando esta terminar. Para tanto, preciso da colaboração do senhor em ceder o espaço e o contato com os usuários dos serviços prestados pelo senhor (cerca de seis), sendo que a participação dos participantes será de livre e espontânea vontade, com Termo de Consentimento Livre e Esclarecido assinado. No entanto, em caso de mobilização de sofrimento, o processo poderá ser interrompido e, se necessário, poderão ser oferecidos encontros extras, caso haja interesse dos participantes, sem que isto implique custos ou penalizações. O mesmo vale para o seu Consultório Médico, lhe sendo garantido o sigilo, a privacidade e a confidencialidade das informações obtidas, de modo que estas serão utilizadas apenas para o propósito da pesquisa, não sendo divulgados nomes ou outras informações pessoais. Caso tenha alguma consideração ou dúvida sobre os aspectos éticos da pesquisa, poderá entrar em contato com o pesquisador responsável ou com a orientadora nos contatos do final deste documento. Poderá, ainda, contatar o Comitê de Ética em Pesquisa com Seres Humanos do Instituto de Psicologia da USP. Av. Prof. Mello Moraes, 1.721 - Bloco G, 2º andar, sala 27, CEP 05508-030. Cidade Universitária - São Paulo/SP. E-mail: ceph.ip@usp.br / Tel. (11) 3091-4182.

Declaro que li e entendi os objetivos deste estudo, e que as dúvidas que tive foram esclarecidas pelo Pesquisador Responsável. Estou ciente que a participação é voluntária, e que, a qualquer momento tenho o

direito de obter outros esclarecimentos sobre a pesquisa e de retirar-me da mesma, sem qualquer penalidade ou prejuízo e uma via deste Termo de Consentimento encontra-se sobre minha posse e a outra com o Pesquisador Responsável, com todas as páginas serão rubricadas.

Nome, documentos, assinatura e carimbo do representante:

_____

Dr. (sigiloso)
CPF.: (sigiloso)
RG.: (sigiloso)
CRM.: (sigiloso)
Consultório Médico Neurológico (Rua (sigiloso), São Paulo-SP)

_____

Declaro que expliquei ao representante do consultório que os procedimentos a serem realizados neste estudo, seus eventuais riscos/desconfortos, possibilidade de retirar-se da pesquisa sem qualquer penalidade ou prejuízo, assim como esclareci as dúvidas apresentadas.

São Paulo,___de_____de 2015.

_____

Kleber Aparecido Brigido Godoy
Psicólogo 06/104.336
Pesquisador Responsável
Programa de Mestrado Área de Concentração: Psicologia Clínica - Instituto de Psicologia da Universidade de São Paulo
Telefone: (11) 9 7475-4643
kleberxbagatelli@usp.br

Orientadora: Profa. Dra. Eliana Herzberg
Instituto de Psicologia da USP - PSC
Av. Prof. Mello Moraes 1721 - Bloco F
CEP 05508-030
Cidade Universitária - São Paulo -SP
Telefone: 3091-4911 / eherzber@usp.br

ANEXO 4 - TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO
INSTITUTO DE PSICOLOGIA - USP

Título da Pesquisa: "Transtornos do Humor: Diálogo com o Teste de Apercepção Temática e a Teoria de Bion na Contemporaneidade"

Assinando este Termo de Consentimento estou ciente de que:

1- O objetivo da pesquisa é o de realizar um estudo com pessoas que sofrem com transtornos do humor (como depressão e bipolaridade), propondo uma reflexão com estudos da psicologia sobre este assunto;
2- Tal pesquisa é importante para se entender melhor esta pessoa que sofre com transtornos afetivos, possibilitando que o psicólogo possa trabalhar melhor com o paciente que traz estas dificuldades;
3- A pesquisa consiste em três etapas (uma em cada dia, segundo o planejamento estabelecido entre nós). Serão encontros individuais em sala do consultório (dado sigiloso) (Rua (dado sigiloso), São Paulo), sendo: 1) contato com o pesquisador para explicação sobre a pesquisa e assinatura deste Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (TCLE); 2) entrevista com duração de cerca de 1:30 hs. (uma hora e trinta minutos), sendo que as perguntas serão sobre a história de vida, dos sintomas e dos tratamentos realizados e; 3) aplicação de um teste psicológico, com duração de cerca de 1:30 hs. (uma hora e trinta minutos). O teste chama-se Teste de Apercepção Temática e consiste de algumas figuras que serão mostradas, pedindo para que se conte histórias sobre elas. Ao final da pesquisa, o pesquisador ficará à disposição para dar retorno acerca dos resultados obtidos.
4- A aplicação da pesquisa poderá causar pequenos riscos, como desconforto emocional (ansiedade) ao responder às questões da entrevista ou contar as histórias do teste. Em caso de mobilização de sofrimento, a aplicação dos instrumentos poderá ser interrompida sem qualquer ônus, sendo oferecidos, se necessário, encontros extras com o participante;
5- A participação neste estudo é voluntária e poderá recusar-se a participar ou retirar o consentimento de sua participação, sem qualquer penalidade ou prejuízo;
6- Obtive todas as informações necessárias para poder decidir conscientemente sobre a participação na pesquisa. Não terei nenhum custo assim como não receberei nenhum pagamento por participar da pesquisa;
7- Os dados pessoais do participante serão mantidos em sigilo (manutenção do sigilo e da confidencialidade) e os resultados gerais obtidos através da pesquisa serão utilizados apenas para alcançar os objetivos do trabalho, expostos acima, incluída sua publicação na literatura científica especializada, com a utilização de nomes fictícios;
8- Poderei contatar o Comitê de Ética em Pesquisa com Seres Humanos do Instituto de Psicologia da USP. Av. Prof. Mello Moraes, 1.721 - Bloco G, 2º andar, sala 27, CEP 05508-030. Cidade Universitária - São Paulo/SP. E-mail: ceph.ip@usp.br / Tel. (11) 3091-4182;
9- Poderei entrar em contato com a professora responsável pelo estudo, Profª. Eliana Herzberg, sempre que julgar necessário, pelo telefone (11) 3091-4911 ou e-mail eherzber@usp.br, assim como com o pesquisador responsável pelo telefone (11) 97475-4643 ou e-mail kleberxbagatelli@usp.br;
10- Este Termo de Consentimento é feito em duas vias, sendo que uma permanecerá em meu poder e outra com o pesquisador responsável, com suas páginas rubricadas.

Assim posto, Eu, ..., idade ....., residente a ....., cidade de ....., com documento de identidade (RG) ....., dou meu consentimento livre e esclarecido para a participação como voluntário do projeto de pesquisa supra-citado, o qual é de responsabilidade do pesquisador Kleber Aparecido Brigido Godoy, aluno em nível de Mestrado e da Profª. Drª. Eliana Herzberg do Departamento de Psicologia Clínica do Instituto de Psicologia da Universidade de São Paulo.

São Paulo, _____ de _____ de 20_____.

Assinatura do Sujeito da Pesquisa acima identificado:_____

Nome do Pesquisador Responsável pelo estudo e assinatura: _____

Psicólogo Kleber Aparecido Brigido Godoy
CRP: 06/104.336

ANEXO 5 - Protocolo: TAT - CATARINA

Observações: Catarina não pôde comparecer na semana seguinte a entrevista, pois teve uma crise de dor de dente, que precisou ser extraído. Em ligação a mim se mostrou muito preocupada com o andamento de minha pesquisa dizendo que se fosse imprescindível, mesmo com dor no dente ela iria antes ou depois da cirurgia, sendo que se pudesse esperar, ela viria logo após a recuperação. Deixei-a calma dizendo que poderia ser após e assim remarcamos. No dia da sessão, após breve *rapport*, iniciamos a sessão com a aplicação do TAT e somente após o término da história, vendo algum sinal de que teria terminado, iniciei o inquérito. Calma como na entrevista e com muitas pausas em seu discurso, pontuadas pelas reticências. A digitação "//" indica breve pausa e os tempos (latência, história e inquérito) de cada história constam no início da mesma. Outras manifestações são pontuadas no meio do texto entre parênteses.

A aplicação foi feita no dia 21 de julho de 2015 e teve duração de 1h18m.

- Catarina, hoje vamos fazer a segunda parte, a aplicação de um teste psicológico. Tudo bem?

Sim, tudo bem.

- É um teste de contar histórias. Vou te mostrar algumas imagens, nove, uma de cada vez. Peço para que imagine uma história a partir da imagem e me conte. Imagine o que aconteceu antes e o que acontece agora. Também fale o que os personagens estão pensando e sentindo. E como a história termina. Tudo bem? Alguma dúvida?

Tudo bem.

- A primeira é esta...

Prancha 1
(Tempos: latência: 10s; história: 2m43s; inquérito: 28s.)

É... posso dizer o que é que a figura representa primeiro. Bem, a meu ver, o menino está bastante contrariado pensando no que ele vai ter que fazer com este violino. Parece que não foi o que ele escolheu. // É... interessante, não sei explicar o que significa este retângulo branco, não dá a impressão de ser uma mesa, apesar de ter uma cadeira e ele estar sentado. Quem eu acho que trouxe eu acho que é... (risos)... vou lá eu projetar meus pais... pai ou mãe que obrigou o infeliz: "você vai tocar!". E ele não quer, não parece nem um pouco feliz com isso. Não sei o que mais dizer. Ah, ele tem uns 10 ou 11 anos. // Parece que ele está com um dedinho na orelha, acho que ele não gostaria de ouvir ordens. // Bem, ele vai acabar tocando, vai acabar tocando mesmo contrariado. E talvez descubra que... foi bom. Ele vai gostar do que tocar.

- Ok. Mais algo para falar sobre esta imagem?

Tem este retângulo branco que eu estou intrigada. Deve ter algum significado, mas não é uma partitura, porque não tem nada escrito. Deve ter algum significado, mas não estou adivinhando.

- O importante é o que você vê, não tem certo ou errado.

Ok. É isso então.

- A segunda imagem é esta...

Prancha 2
(Tempos: latência: 12s; história: 3m2s; inquérito: 3m25s.)

Puxa! Muitos detalhes. // É... o formato dessa, não sei se é casa, acho que não, é lápide. Mas não faz sentido. // Aqui parecem lápides de cemitério, mas de outra forma aqui parecem terras, arado, areia, estes sulcos. Aí esta deve ser uma camponesa cansada. Talvez grávida. A posição típica da mulher, né, protegendo a barriga. Ou pode só estar de braços cruzados. // Esse homem... // *Tá* difícil. // A moça pode ser uma estudante, uma professora. Com um olhar bem triste. // É uma estudante. Acho que uma pessoa privilegiada, em função de outros menos privilegiados, que não tiveram estudos. O fato de tudo ser branco e preto dificulta ver o que tem de fato, mas acho que eu vejo isso. E este homem com cavalo é quem arou a terra. Acho que é isso.

- E porque esta moça está com o olhar triste?

// Talvez condoída com os outros que tem menos condições que ela. Percebe-se que tem as mãos finas, está bem vestida. É o lado oposto né. Ela está se sentindo um pouco culpada, talvez por não poder fazer nada para mudar esta situação, nada pelos outros. E imaginando coisas diferentes do que estes têm, coisas melhores, com o olhar no horizonte. Já que ela vem deste pretenso vilarejo... é um vilarejo aqui atrás. E tem esta pessoa que está de costas *pra* ela, que não tem conhecimento dela, acho que ela veio vê-lo, este homem, e ela está insatisfeita também com isso. Ela estava na aula e veio aqui para vê-lo.

- Ela veio ver este homem... e está insatisfeita com isso?

Eu acho que ela gosta dele e ele está dando as costas para ela. E está parada ali nesta cena.

- E o que acontece depois?

Bem, esta que está grávida, não sei a relação dela com os outros, vai ter o filho. E esta menina vai ser professora da criança. O rapaz vai passar a enxergar ela com outros olhos. Mas primeiro ela vai crescer, o tempo vai passar, ela vai se formar professora e ser professora da criança. E aí ele vai ver ela, vai reconhecer. E então serão felizes para sempre.

- Ok, vamos para a terceira imagem.

Prancha 3MF
(Tempos: latência: 25s; história: 2m44s; inquérito: 1m29s.)

What? Bem, ela está saindo de casa e atrás está escuro, ela está abrindo a porta e algo de muito ruim aconteceu e ela está em desespero pois se vê impotente para fazer algo com o que aconteceu. Está em busca de socorro. O que aconteceu? Alguém morreu, alguém querido por ela morreu. A primeira impressão é que é uma pessoa jovem, acho que é o pai que morreu. Se fosse mais velha seria o marido ou o filho. // Só estavam os dois e eu acho que por ser uma situação irreversível, ela está querendo fugir da casa e da realidade. Pelo desespero que ela aparenta, ela sabe que nem socorro vai adiantar ela pedir para alguém. Talvez ela esteja buscando alguém para desabafar, não para dar um jeito nesta situação. Foi uma situação repentina porque eu acho que quando está doente, o desespero não é tão grande assim, tem um preparo e ela já aparenta estar muito desesperada. Não sei o que aconteceu, mas foi de repente. Não consigo imaginar o que aconteceu.

- Quantos anos ela tem?

Uns 20 e poucos.

- E o que acontece depois?

Diante do irremediável ela se conforma, mas depois de muito tempo. Ela sai da casa nesse dia e encontra familiares e divide o sofrimento, que não acaba naquele momento, é claro. Mas depois se conforma. // É uma imagem muito forte.

- A quarta imagem é esta...

Prancha 5
(Tempos: latência: 23s; história: 3m40s; inquérito: 45s.)

Acho que isso remonta a uma época passada. // Um século talvez, atrás, pelos móveis. Tem uma criada e o patrão chamou, ela veio ver o que era. O patrão e a patroa chamando. A meu ver me lembra uma mucama, algo semelhante. Os móveis são antigos, bem antigos. Uma casa de pessoas cultas e estão na sala, provavelmente. // Ela é a ama-de-leite da criança e a patroa está pedindo para ela amamentar a criança, pois na época era normal ter a ama e não a mãe amamentar. É questão de status, a empregada servir de todas as formas. O que criava um vínculo entre a ama e a criança, maior do que com a mãe. Antes disso ela estava fazendo trabalho doméstico e agora vai amamentar, não por satisfação, mas por obrigação. Ela amamenta a criança, devolve para a mãe e com o tempo se afeiçoa a criança e a criança a ela e gosta de fazer este trabalho, pela criança.

- E como é a relação dela com esta família?

Não se dá muito bem com esta patroa. Fez o trabalho por obrigação, porque foi mandada. Mas depois, com a afeição com a criança, que foi crescendo, melhorou a relação entre as duas mulheres. Mas é aquela coisa típica de feitora de escravos, não é boa a relação.

- Vamos para a próxima...

Prancha 6MF
(Tempos: latência: 17s; história: 3m10s; inquérito: 2m23s.)

Parece uma imagem de cinema. É... cabelinho típico das estrelas de Hollywood, o perfil também. Tipo Rita Hayworth, minha mãe se parecia com ela. // Interessante. // Me vem bem uma imagem de ficção. Não é uma imagem real, é de cinema. Ele é o galã do filme, fino... // Ele se declara para ela e ela fica bastante surpresa, não esperava por isso. Ele tem mais idade que ela, por isso, talvez, ela não esperasse. Mas é charmoso, acabou conquistando a mocinha e se casando com ela. Típico final feliz. // Talvez pela idade, ele fosse amigo do pai, mas no fundo ela gostava dele e acabou cedendo às investidas dele. Enquanto atores é diferente... (risos)

- Desculpe. Não entendi. Enquanto atores é diferente?

Fora de cena eles não se dão bem. Realmente estão interpretando a cena que estão vivenciando. O olhar que dão um para o outro é bem diferente. Não só o corpo fala como os olhos são a janela da alma. Então, ela está se esquivando. Meio falando “vai pra lá...”. Mas no fim o amor vence na ficção. Fora, profissionais, se suportando.

- Tem algum motivo deste desagrado?

Talvez por ele ser mais experiente ele é arrogante. Alguns são mais pacientes, ele é arrogante. Não trata ela bem e ela não gosta disso, se sente mal.

- Como é este "se sentir mal"?

Não gosta, fica incomodada. Mas se suportam e trabalham bem na ficção.

- A próxima imagem é esta...

Prancha 11
(Tempos: latência: 42s; história: 2m55s; inquérito: 2m20s.)

É bem abstrata, né? Tudo bem. Tem várias coisas que chamam atenção, mas não se sabe a relação entre uma coisa e outra. Esta figura é uma sombra, aqui outra sombra, em forma de pirâmide, que pode ter algum significado, mas no geral são estas sombras todas nas pedras, que no todo é um desfiladeiro. Até certo ponto tem luminosidade, nas laterais, abismos. Tem um caminho pedregoso e difícil. Tem isso que eu não consigo identificar, poderíamos dizer que é um brilho que vem de algum lugar subterrâneo e um tipo de túnel depois do caminho pedregoso, talvez uma saída para algum lugar, mas pode ser uma caverna que não tem saída para nenhum lugar. O fato é que para qualquer lugar que você pense em ir, existem obstáculos: pedras, vazio, luminosidade de um túnel ou uma rocha com abertura. É tudo escuro, uma incógnita: pode ser que seja uma saída, pode ser que seja mais um caminho sem saída. É isso.

- Você fala de caminhos que alguém pode ir. Tem alguém nesta cena?

Tem alguém documentando, um explorador, não somente para fotografar. Um pesquisador querendo ver algo diferente aqui. Alguma coisa geológica... // Ele achou que valeu a pena ir e se tem a imagem aqui *pra* gente ver é porque ele achou a saída, ele saiu de lá, tinha uma saída. E alcançou o objetivo dele. Mas eu não tenho a menor ideia de onde tem uma saída aqui. Tem alguns caminhos que realmente a gente não sabe onde é a saída. // Mas, apesar de achar a saída, ele não achou um significado para todas estas coisas, principalmente para esta coisa que está no meio das luzes que irradiam. // Figuras abstratas são difíceis porque a gente muitas vezes fica buscando explicação para algo que não tem um significado. Por exemplo, no modernismo faziam qualquer coisa e não tinha significado na maior parte... eram só rabiscos... (risos). Eu gosto da pintura clássica, do impressionismo, do expressionismo, porque está representando uma realidade, algo que existe. Eu acho que eu sou muito criança, eu tenho que saber o porquê, senão não adianta... (risos...)

- Mais uma imagem...

Prancha 15
(Tempos: latência: 0s; história: 7m11s; inquérito: 2m.)

Ui, meu Deus do céu! (risos) Esta é pesada. Feio. Feio. É um cemitério. À noite? Só iluminado pela luz da lua. Dá para perceber os jazigos, as cruzes. E é interessante... // da cintura para baixo é uma roupa de mulher, mas o resto não combina, nem o rosto, nem os braços. Não parece ser uma pessoa muito velha, mas tem cabelos brancos. São mãos masculinas, é um rosto masculino. Talvez seja uma figura sobrenatural, porque aí a dimensão em que ele se encontra é outro. Me parece que ela ou ele ou o misto dos dois, porque dizem que no outro plano não tem a separação de sexo... está de mãos

juntas, orando. O que ele teria ido fazer a noite no cemitério? // Não é habitual, então mais um motivo para pensar que este ser não é um ser humano, sem ser um homem ou uma mulher, um espírito. // Ele está fazendo um ritual, não sei para quê... // Está sozinho. // Eu acredito que está pedindo paz, porque aparenta não ter alcançado isso. Ou, vou mudar, é uma pessoa em vida que mesmo em vida está se sentindo morta. Sendo um espírito, dá na mesma, sendo um espírito que não se conscientizou de que morreu. // Ao mesmo tempo que dá a impressão que isso aqui são mangas, dá a impressão de que tem algo que prende estas duas mãos. Um ser que não se desprendeu da matéria. Que ainda pensa que está vivo, mas está morto. // Ele está diante do crucifixo tentando ter uma explicação para o porquê está preso e pedindo explicação a Deus olhando no crucifixo.

- E depois, o que acontece?

Bem, depois ele se conscientiza, consegue ouvir a explicação de que não está mais vivo e volta para o túmulo dele, aceita a morte.

- E o que ele está sentindo?

Dor, muita dor porquê... normalmente... no espiritismo dizem que quando se morre de forma abrupta ou numa mesa de cirurgia, sem saber, fica se buscando uma explicação. Foi o caso dele. E ele fica sentindo dor, não está em paz, quer saber o que aconteceu. Até que ele ouve um outro espírito que é Deus, uma consciência espiritual. É uma imagem tenebrosa.

(Ao terminar esta última frase, prontamente me entrega a imagem, o que me faz pensar, na hora, que não queria mais falar sobre aquela imagem...)

- Próxima...

Prancha 18MF
(Tempos: latência: 0s; história: 4m15s; inquérito: 3m45s.)

Não... mais tenebrosa do que aquela é esta. // É... // É uma pessoa amparando outra morta. Você pode ver que este corpo está largado. // Não. Eu me precipitei. Esta está com as mãos no ouvido da outra, então na verdade ela está desmaiada porque ouviu algo que abalou muito e então para ela não ouvir mais, a outra colocou o dedo no ouvido dela, para protege-la, para que ela não ouça o resto. Mas a feição está consternada... impotente, não de desespero... não está tão afetada pelo que ouviu... // O que teria provocado este desmaio? // Eu vou mudar a história de novo. Esta caiu da escada e a outra amparou ela. Este dedo é significativo, mas como não sei o que aconteceu, o que ela ouviu, então vou falar que ela caiu da escada e foi amparada. É isso.

- Você contou três histórias. Poderia escolher uma?

Eu escolheria a do desmaio, mas não sei o que ela ouviu. Não sei te dizer.

- Qual a relação entre elas? Talvez ajude pensar nisso.

Tem idades próximas, então não são mãe e filha, talvez irmãs. São irmãs. E eu vou considerar que ela caiu da escada mesmo, porque não sei o que ela ouviu na versão do desmaio. E aí ela se machucou, mas como foi amparada ficou bem e agradeceu à irmã. E foi uma queda acidental. // Mas a relação delas não é tão boa. A feição dela amparando a irmã é uma feição normal, como faria para qualquer uma. // E me lembra um sonho que eu tive: eu sonhei que via a Pietá, do Michelangelo, mas ao invés de estar com Jesus nos braços, estava com meu pai. E eu dizia, no sonho: “meu pai morreu!”. E fiquei

desesperada e comentei com meu professor, o C. Era na época da escola. Ele me disse que, indiretamente eu o estava matando, pois eu tinha insatisfações com ele e tinham muitas castrações. Até na missa ele não deixava mais eu ir, porque dizia que muita gente ia para namorar na igreja, não para rezar. Isso me fez muito mal porque eu gostava de ir. Ele pré-julgava as pessoas e colocava isso *pra* mim, eu só tinha que aceitar. Ele achava que tinha que me proteger porque ele tinha sido um garanhão quando podia. Então me colocava em uma redoma de vidro. Eles pensavam muito diferente de mim, os meus pais. Eu dizia *pra* eles que se eu tivesse um filho faria tudo completamente diferente deles. E não teria um filho só, pois é muito peso ter um filho só, tanto para os pais quanto para o filho, aguentar todas as coisas um do outro, sozinho. É... não falava tudo o que pensava, né. Porque preferi sempre guardar e me magoar a magoar os outros. Então as quatro perninhas do sapo estão aqui na garganta, os quatro nódulos da tireoide. Um sapo de perna aberta, que entala, não sai nem desce... uma sensação de sufocamento, como na imagem.

- Agora a última imagem. Peço para que olhe e, como nas outras, imagine uma história e me conte...

Prancha 16
(Tempos: latência: 3s; história: 3m56s; inquérito: 1m11s.)

Ai ai ai ai ai ai ai ai ai... // É... // Isso me remete a uma coisa que eu li ontem no WhatsApp, sobre duas crianças gêmeas. Porque uma folha em branco é uma vida que ainda não começou. Algo que não começou. Eram duas crianças, uma conversando com outra e você vai dizer assim: "esta história não está sendo contada por você...". Mas é que eu achei que tem uma lógica muito grande entre esta imagem em branco e esta história eu li. É... um gêmeo falava para o outro: "o que será que tem além daqui? Como será que é lá fora?" E o outro dizia: "Não tem nada lá fora, só existe escuridão, não existe nada além daqui." E o outro respondia: "Mas e a nossa mãe?" E o outro: "Não estamos vendo nossa mãe, então ela não existe, estamos sozinhos e perdidos na escuridão.". Ou seja, esta história explica a crença em Deus, se ele existe ou não existe, já que o que acreditava na mãe disse para o outro ficar bem quietinho que mesmo sem ver poderia ouvir o som da voz da mãe, querendo dizer: "lá fora existe vida e existe a nossa mãe." E aí tem uma continuidade da conversa dos dois e a conclusão é que embora não vejamos Deus, podemos sentir a presença dele de outras formas. Então, de modo geral, esta parece ser uma folha em branco de uma pessoa que ainda não nasceu. Que ainda vai nascer e começar a escrever sua história. A vida vai começar a ser escrita, ela existe, mas eles vão se desenvolver para preencher este espaço em branco. Quando o espaço em branco for totalmente preenchido, eles voltarão a ser um pontinho. Do pó viemos, ao pó voltaremos.

- Você falou no final, de modo geral. Mas... e estas crianças em específico, o que acontece com elas?

São gêmeos, mas não são univitelinos, então vão ter personalidades diferentes, escolhas diferentes, caminhos diferentes. Um laço de sangue muito forte, mas cada um vivendo sua vida independentemente do outro. E serão felizes, um mais e outro menos, pois embora haja uma igualdade na concepção, as escolhas de vida farão a vida de um serem melhores que a de outro.

- Mais algo a comentar?

Não, só isso.

- Ok. Bem, agora, me diga, por favor, qual destas imagens você menos gostou e porquê.

(Tempos: latência: 1m11s.)

A do cemitério. Porque não depende *dele* aceitar ou não aceitar, não tem opção, já aconteceu. Agora, a morte pode ser o fim de tudo, mas também pode ser o começo de outra vida. A imagem em si passa uma sensação forte, ruim, pesada.

- E qual mais gostou e porquê?

(Tempos: latência: 25s.)

Fiquei entre esta da professora, porque tem um final feliz. E esta da cena de cinema, pela história de amor, mas é fictícia. A imagem mais bonita é esta do cinema. Mas o significado de superação desta ganha... fico com esta, da professora, pois fala de superação.

- Superação de qual deles?

De todas as dificuldades apresentadas: esta já ter tido o filho, o filho crescer e ser aluno desta, que se tornou, de aluna, professora. E com o decorrer do tempo este homem ter olhos para enxerga-la. Todos com final feliz.

- Ok, Catarina. Como está se sentindo?

Bem, estou bem. Algumas imagens fortes, mechem um pouco por dentro... mas tudo bem. Eu nem chorei nenhuma vez hoje... (risos). Estou bem.

- Então, terminamos por aqui. Semana que vem você retorna para eu te ouvir, acolher, para dar conta dessas coisas que mechemos.

Ok. Tudo bem. Espero que ajude a sua pesquisa e os pacientes que possam se beneficiar destes estudos.

- Ajuda sim. Obrigado pela disponibilidade!

(Em uma das semanas seguintes fizemos uma sessão de acolhimento, na qual falou de sonhos após as aplicações, mas sem lembrar de conteúdos específicos, apenas lembrando que foram com o pai e com a mãe. Também enfatizou a questão de estar sendo mais fria e racional para se proteger mais, dando exemplos de repercussão deste posicionamento em sua atitude com os homens, sendo em especial com o homem com quem tem um relacionamento conturbado há anos. Nesta sessão não chorou, nem mostrou tristeza e quando pontuei isso, disse que está mesmo se sentindo mais forte perante a vida. Também fala de uma indisposição física grande aumentando com o passar das semanas, sendo que está relacionada com hipotireoidismo que começará a tratar.)

ANEXO 6 - Protocolo: TAT de Alice

Observações: Alice compareceu no dia e horário marcados. No dia da sessão, após breve *rapport*, iniciamos com a aplicação do TAT e somente após o término da história, vendo algum sinal de que teria terminado, iniciei o inquérito. Com discurso bastante fluente e tom alto de voz, como na entrevista, e com poucas pausas em seu discurso, conta as histórias e vai refletindo sobre o que se apercebe dizendo. Ao mostrar a prancha para ela, logo já pegava a mesma da minha mãe e ficava o tempo todo contando a história com olhar fixo nos detalhes da imagem. Eu sabia quando realmente era hora de terminar o inquérito pois, nesse momento, ela me devolvia a prancha. Parece disposta a participar e fazer a tarefa corretamente. A digitação "//" indica breve pausa e os tempos (latência, história e inquérito) de cada história constam no início da mesma. Outras manifestações são pontuadas no meio do texto entre parênteses.

A aplicação foi feita no dia 20 de outubro de 2015 e teve duração de 1h15m.

- Alice, hoje vamos fazer a segunda parte, a aplicação de um teste psicológico. Tudo bem?

Sim, tudo bem. Vamos lá!

- É um teste de contar histórias. Vou te mostrar algumas imagens, nove, uma de cada vez. Peço para que imagine uma história a partir da imagem e me conte. Imagine o que aconteceu antes e o que acontece agora. Também fale o que os personagens estão pensando e sentindo. E como a história termina. Tudo bem? Alguma dúvida?

Ok. É a primeira vez que me aplicam um teste, estou empolgada. Vamos lá.

- A primeira é esta...

Prancha 1
(Tempos: latência: 20s; história: 3m22s; inquérito: 40s.)

Engraçado né, é um violino. Sempre quis tocar violino. O que aconteceu antes? Bem... eu acho que ele teve uma aula com um professor e agora está descansando da aula e tentando memorizar o que ele aprendeu. Ele está com uma carinha de cansado. O que mais? Ele está pensando que a aula foi cansativa, muito cansativa. E está sentindo que // um pouco de frustração porque ele não conseguiu tocar do jeito que ele queria. Ele não conseguiu tocar com a destreza que o professor queria que ele tocasse. // Ele lembra meu irmão quando era criança, o cabelo dele.

E como termina a história?

Ele vai treinar mais para surpreender o professor no dia seguinte. Ele vai ficar triste, pensando no que fez errado e vai superar as dificuldades, vai surpreender esse professor no dia seguinte.

E como é a relação dele com esse professor?

Ele tem admiração por esse professor, mas também tem medo.

E com a família?

// Não sei dizer. Acho que se dá bem, não sei, estou pensando na relação com o professor ainda. Mas acho que é filho único e se dá bem tanto com o pai quanto com a mãe. Só isso.

- A segunda imagem é esta... *(Prancha 2)*

(Tempos: latência: 22s; história: 1m25s; inquérito: 3m19s.)

Ah, a história aqui é assim // essa moça é uma estrangeira e veio para essa terra, esse lugar pitoresco, para ser professora, ela ensina. E está tentando convencer esse casal aqui a deixarem os filhos irem para a escola. Pois eles, os pais, querem que os filhos fiquem na terra para trabalhar. A mãe é submissa e tem medo do marido, então concorda com o marido, apesar de querer que os filhos tenham aulas. A professora vai embora triste por não conseguir convencer esses pais a deixarem os filhos irem para a escola. É isso.

E qual é a motivação dessa professora em tentar isso?

Porque ela não teve muita chance na vida e ela agarrou a única chance que teve na vida. Ela quer que essas crianças tenham as chances que ela mesma não teve. Eu acho que esse pai era um líder dessa comunidade e ela foi falar com ele pois se conseguir o apoio dele vai conseguir o dos demais.

E ela foi embora...

Foi embora, mas voltou! Isso! (fala com tom de vitória) Ela voltou e conversou com essa mãe novamente e ela falou com o marido. E aí por causa dela o marido aceitou, pois ele ama muito essa esposa e concordou com o desejo dela. Então, porque ela é uma pessoa tenaz, que acredita no que ela faz, ela consegue. Ela não desistiu e conseguiu.

E na vida pessoal, quem é essa mulher?

Ah, ela é uma pessoa solitária. Por isso... // por isso ela se dedica tanto. //

Mais algo sobre essa história?

// ah, essa mãe que está linda grávida esperando outro filho, olha que barriga linda! (fala com euforia)

E como é o relacionamento dela com os filhos?

Ela é extremamente amorosa e por isso aceita a inflexibilidade do marido, mas ama muito os filhos e ele. E vai amar demais demais demais esse novo filho que está chegando. E essa professora entrar na vida deles vai acabar deixando as coisas melhores também. É isso.

- Vamos para a terceira imagem... *(Prancha 3MF)*
- *(Tempos: latência: 0s; história: 2m; inquérito: 30s.)*

Nossa. Então... aqui eu acho que ela acabou de receber uma notícia de que perdeu alguém. // Acho que alguém morreu. // Acho que o grande amor da vida dela morreu. E não é só tristeza, é um sentimento de desolação. // Não tem como não colocar a vida da gente nisso (no teste, na prancha), né? (ri) // Bem... em um primeiro momento ela esperou um pouco pensando que não conseguiria seguir em frente, mas toda vez que ela lembra dele, de alguma coisa que eles tinham vivido, que tinham compartilhado, apesar de ele não estar mais presente fisicamente, ele estava dentro dela. Então, porque não continuar? Nesse momento ela está pensando que não vai conseguir.

Depois desse momento de saber da notícia, o que acontece?

// Ela está sozinha, na casa dela e depois ela vai se despedir dele. E nesse momento ela não fala com ninguém, ela quer sentir essa dor, viver aquilo, talvez pra acreditar que aquilo está acontecendo e depois ela vai se despedir dele. (se emociona bastante) É isso. E segue em frente na vida.

- A próxima imagem é esta... *(Prancha 5)*
- *(Tempos: latência: 0s; história: 2m05s; inquérito: 3m05s.)*

(solta uma gargalhada) Aqui é a tia pegando o sobrinho fazendo traquinagem no quarto do papai e da mamãe. Ele está mexendo em uma caixinha com recortes e segredos do quarto do papai e da mamãe. E não pode! Sabe aquele lugar do quarto do papai e da mamãe que não pode mexer? Ele vai e mexe. E a tia que está na casa deles sente falta do sobrinho e vai ver o que está acontecendo e pega ele: "a-há! Peguei. O que está fazendo aí, hein, menino?" E ele diz que nada, só vendo umas coisinhas. E ela chama ele pra brincar fora e pede pra ela não contar pro papai e pra mamãe. E ela diz: "só se você se comportar e fazer tudo o que eu mandar!" (e gargalha novamente)

Essas coisas que ele estava mexendo, o que eram?

Nada demais, nada importante, tudo coisa insignificante dos pais, mas que despertaram a curiosidade do filho.

E como é a relação dessa tia com esse sobrinho?

É maravilhosa, uma tia amorosa, que gosta de abraçar ele, de estar com ele, que está sempre junto, sempre perto e conta histórias pra ele, é uma relação maravilhosa, eles adoram ficar juntos.

E a relação dele com esses pais?

Então, ele gosta mais de ficar com a tia porque a tia é menos rígida. O pai e a mãe querem um comportamento mais quieto, calmo, como se fossem uma lady e um cavalheiro, algo do século passado, dos dois irmãozinhos. A tia é mais simples e menos aristocrática, vê a singeleza das crianças e no quanto é bom serem crianças. Não vê adultos em miniatura.

E como esse menino está se sentindo em relação a esta criação?

Eles, as crianças, ficam tristes quando a tia não está com eles, pois ela faz eles entrarem em contato com o mundo da imaginação, com algo que faz eles serem eles mesmos e não quem querem que eles sejam. E assim ela faz eles se sentirem felizes e alegres com a vida e todo aquele colorido das histórias.

- Vamos para a próxima... *(Prancha 6MF)*
- *(Tempos: latência: 0s; história: 2m15s; inquérito: 1m40s.)*

Aí... essa é uma pobre coitada de uma secretária que tem um chefe horroroso que está mandando ela fazer uma coisa que ela não acha que deve fazer, porque ela conhece melhor do funcionamento do escritório. Ele é um poço de machismo e intolerância e manda e desmanda e não dá nenhuma atenção pra ela porque ela é uma reles funcionária e é mulher. Ela está morrendo de vontade de dar um tabefe na cara dele, de falar poucas e boas pra ele. Mas... ela se controla. Porque ela se controla? Porque ela não quer descer ao nível dele e porque receia uma violência maior da parte dele. Além de saber que não vai mudar nada, pois ela vai continuar sendo secretária e continuar sendo inferiorizada por esse cara medíocre.

O que acontecia, o que ele pedia?

Ele pediu um relatório e ela foi além do relatório, fez um serviço completo. Quando ele viu que ela superou a si e a ele mesmo, ele deu a bronca.

Então ela continua fazendo o trabalho dela como ele pediu?

Não exatamente. Ela vai continuar fazendo o trabalho dela com dedicação e precisão e cada vez melhor. Ela se sente indignada com essa relação de patrão e empregada e sabe que não tem poder para mudar o peso da balança nesse momento. Mas ela sabe que ela é melhor do que ele... em tudo. E vai provar isso, com certeza. E depois ficar superior a ele.

Mais algo sobre essa cena?

No futuro ele vai ficar sozinho, não vai ser ouvido por ninguém e não vai mandar em mais ninguém. É isso.

- A próxima imagem é esta... *(Prancha 11)*
- *(Tempos: latência: 5s; história: 2m55s; inquérito: 4m35s.)*

Eu acho que não estou conseguindo enxergar direito. Ou é bagunçado mesmo? Sem contornos?

É uma imagem mais abstrata mesmo.

Ah, ok. Então estou vendo certo... (ri). Estou vendo um ser, como descrever isso. Aqui tem uma passarela, uma ponte, que leva a um lugar exótico, com bichos exóticos e uma queda d´água. Nossa! // (gargalha) Sabe o que isso aqui parece? Um desfiladeiro dentro do mar, uma fenda enorme dentro do mar, submerso, de uma época pré-histórica. Um bicho pré-histórico saindo da fenda desse penhasco. Nossa... uma coisa muito antiga, pré-histórica, submersa, com uma passarela para que você possa, quem sabe, até alcançar o topo. É isso que eu vejo.

E alguém passa por essa passarela?

Agora não, mas já passou. Tanto passou que parece que foi um casal... e eles estão tentando alcançar o topo, mesmo sofrendo o perigo desse bicho pré-histórico. Mas sabe qual é o problema? O problema é que um quer ir para um lado e o outro quer ir para o outro. Eles não sabem trabalhar juntos. Um está vendo a possibilidade de saída de um lado e o outro está vendo do lado oposto. Eles não estão conseguindo focar para poder enxergar e ter sucesso. É um conflito que eles vão ter que resolver primeiro acabando com esse bicho horroroso que os ameaça. O amor deles é tão grande que eles pensam e agem juntos para poder prender esse monstro, que volta para a caverna. Com essa atitude eles percebem que a solução para que possam ir para a superfície é poder ficarem juntos e conseguem. Aí podem vivenciar um sol amarelo lindo e um ventinho bem fresquinho.

Como eles se sentiam alí?

Antes de conseguir trancar o bicho eles se sentiam angustiados e desolados, com medo. Mas a relação deles é boa, apesar dos ciúmes que o marido tem de vez em quando.

Quem eram eles?

Eles eram um casal de exploradores que estavam explorando e aí o solo cedeu em algum momento e eles chegaram aqui, embaixo d´água. Agora... não me pergunta como eles conseguiram respirar embaixo d´água (gargalha), mas conseguiram. Nadaram e nadaram e viram essa passarela, foram andando e conseguiram escapar, mesmo com esse bicho horroroso no caminho deles.

- Próxima imagem... *(Prancha 15)*
- *(Tempos: latência: 5s; história: 1m35s; inquérito: 3m40s.)*

Ah, morte de novo? // Mas aqui, sabe o que é que é... essa figura, essa pessoa, ela já morreu. Mas ela não consegue se libertar, entendeu? // Ela fica vagando e procurando alguém que possa mostrar o caminho ou dar as respostas que ela precisa para poder se desprender. Ela é soturna, triste e melancólica, mas ela, ao mesmo tempo, ela não quer ser isso. Ela está sofrendo. Ela sabe que ela não é isso, mas algo a fez ficar desse jeito. Ela sabe, no fundo, que não é assim. Se ela encontra alguém? Hum... // nesse momento ela não encontra ninguém. Ela ainda vai ficar aqui um tempinho.

Você disse que é uma pessoa que não está mais viva. O que aconteceu? E porque ela reaparece já que está morta?

Bem, na vida dela, ela deu valor a coisas que não tinham que ser valoradas, era uma pessoa um pouco fútil. Até que ela se sentiu tão vazia, tão vazia, que não tinha o porquê de continuar vivendo, não tinha sentido algum em viver como ela vivia. Meio que era uma mulher morta em fida. Quando ela quis mudar, se transformar e ser melhor, a vida deu uma rasteira nela e ela morreu. Na hora em que ela estava enxergando a verdade e iria se transformar, ela morreu. E por conta dessa quase libertação que ela não teve, foi um quase, ela permanece aqui em busca dessa resposta final.

O que acontece depois?

Aqui... ela está procurando alguém ou algo que traga a resposta final pra ela, que no momento ela não vai ter. // Ela quer terminar aquela transformação que começou lá atrás. Ela... // só tinha relações superficiais, porque ela era superficial. Não teve nada que foi duradouro na vida. E é isso que ela está procurando. // Ela era uma alta executiva e tinha uns 40 anos quando morreu, mas não conseguiu manter nada na vida.

- Faltam somente duas imagens. Agora é esta a próxima... *(Prancha 18MF)*
- *(Tempos: latência: 20s; história: 2m05s; inquérito: 2m30s.)*

Ah, é uma filha ao lado da mãe. A mãe // estava descendo a escada, escorregou, machucou, a filha ouviu o barulho e veio ajudar a mãe. A filha deve ter se sentido culpada porque não estava perto da mãe e ela caiu, mas depois passou essa culpa, ela deve ter sofrido um pouco com isso e se martirizado. E deve ter dado uma bronca na mãe dizendo: “mãe, já falei pra senhora não descer a escada sozinha, que é perigoso.” E a mãe disse: “Eu sei, mas eu não quero te incomodar, não sou uma inválida” e a filha: “Mas mãe... é que eu te amo tanto... é preferível depender de mim e chamar do que cair, que depois vai dar mais trabalho ainda.” Mas não foi nada de grave, só uma luxação no braço e nas pernas, e a filha vai cuidar da mãe com muito carinho e amor e vai ficar tudo bem. Ela vai fazer um chazinho e elas vão conversar sobre quando essa filha era criança e a mãe ficava preocupada e ela também caia. E a mãe comenta que agora trocaram de papel, ontem a mãe cuidando e agora a filha. E pronto. Cuida dessa mãe com muuuuuito amor.

E nessa casa moram mãe e filha...

Sim, só as duas, o pai foi embora. A mãe deve ter uns 70 anos e a filha uns 50. // E as duas são aposentadas... (solta uma gargalhada) e estão curtindo a vida, fazendo tricô, crochê e convidando amigas para um joguinho de cartas.

O pai foi embora?

É... foi embora, ninguém sabe o que aconteceu. Foi embora. Mas as duas estão muito bem sem ele.

E essa moça, a filha, sempre morou com a mãe? Ou já morou em outra casa?

Sempre com a mãe. Ela se apaixonou uma vez, mas o rapaz a enganou, ela ficou amargurada. Quando o pai foi embora ela viu que tinha que cuidar da mãe mesmo e então não buscou mais relacionamentos. Mas ela não se sente mal assim, se sente muito bem, cuidando dessa mãe, satisfeita, se sentindo útil e retribuindo o amor e o carinho que a mãe sempre deu pra ela por toda vida.

E a mãe, como se sente?

Essa mãe queria outra realidade para a filha, queria que ela tivesse uma família, sua casa, vivesse, talvez, aquilo que ela não viveu no próprio casamento. Mas de outra forma se sente muito segura com essa filha e se sente muito grata... se sente realizada e muito bem porque pode dar e receber esse carinho e esse amor. // Ah, ama demais essa filha! (fala com euforia, sorrindo)

Mais algo?

Ah... (gargalha)... essas duas não param de falar, falam o tempo todo, tem assunto pra toda vida.

- Agora a última imagem. Peço para que olhe e, como nas outras, imagine uma história e me conte... *(Prancha 16)*
- *(Tempos: latência: 5s; história: 1m25s; inquérito: 2m55s.)*

Nossa! // Essa é linha dura hein!! // Eu vejo aqui um campo de girassóis MA-RA-VI-LHO-SO. Eu sempre quis ter girassóis na minha casa. Bem amarelo, bem verde. Lá ao fundo desse campo de girassóis tem uma casinha branca, uma casinha térrea, nada de escadas, térrea! E tem uma hortinha, árvores frutíferas e um caminho limpo para as pessoas chegarem e visitarem. Uma fumacinha na chaminé, sentindo o cheiro de bolo. É isso.

E girassol te faz pensar em que?

Em energia! Porque o girassol se volta para o sol e o sol é uma fonte de energia, de brilho, de luz, de vida!

Vive alguém nessa casinha que você vê aqui?

Vive! Uma família maravilhosa. Um casal que se ama muito e um casal de filhos, um casalzinho. Há muito amor dentro dessa casa, tanto amor, tanto amor que transborda!

Conflitos?

Com certeza, diferenças, mas mesmo nas diferenças eles se harmonizam pelo amor que eles têm um pelos outros.

Imagine, por favor, um conflito cotidiano nesse contexto e me conte como acontece o desfecho...

Fácil! Hoje aí está um dia lindo, ensolarado. Mas durante a noite foi terrível, foi uma noite de tormenta, com muita tempestade e trovões. E aí o teto desabou com a força da natureza. Então hoje eles vão ter que se unir para dar conta de arrumar esse telhado que se quebrou. Tem uma escada, o marido subiu e a mulher ficou embaixo com os filhos para entregarem as telhas para o marido. A noite eles sentiram muito medo, pois foi uma tormenta forte. Mas como estavam juntos, um acabou

dando força para o outro e a mulher, um pouco mais desesperada que o marido, se acalmou quando o marido disse: “calma, é só um telhado que está caindo, amanhã a chuva passa e a gente arruma.” E no dia seguinte arrumaram e ele disse: “tá vendo, foi só um telhado, pior seria se fosse a casa toda.”

Mais alguma coisa sobre essa casa, essa imagem?

Sim! Tem cachorro. Já estava me esquecendo. Um cachorrinho bem bonitinho. Só isso.

- Ok... Agora, me diga, por favor, qual destas imagens você mais gostou e porquê.

(Tempos: latência: 0s.)

A que eu mais gostei foi essa! (16) Porque... (ri) eu acho que é um sonho que eu tenho, de ter uma casa e uma família assim, algo que eu almejava... ou almejo ainda realizar, não sei. Viver assim, dentro dessa casa com essa família perfeita.

- E qual menos gostou e porquê?

(Tempos: latência: 10s.)

Essa... (6MF) desse homem horroroso com essa secretária inocente. // A história que eu contei lembra a minha história e é algo que eu preciso trabalhar ainda, uma ferida que não está bem cicatrizada ainda. // (se emociona com a voz embargada) É algo que eu gostaria que ele pagasse pelo que ele fez. // Essa coisa de eu sempre ter tido que brigar por ser mulher, mas não ser só isso, de ser mais que isso. // E ser inferiorizada por ser mulher. Algo que eu briguei a vida toda. // Sempre me senti assim, inferiorizada por ser mulher. E uma pessoa te tratar assim, com uma falta de dignidade tão grande, ignorando seu aprendizado, seu conhecimento e sua história dentro da empresa... é muito duro se ver dentro de uma situação dessa. É como se você não tivesse valor nenhum, nenhum. É dolorido... (abaixa a cabeça e coloca as mãos no rosto como se fosse chorar) // Resumindo minha vida, eu sempre achei que era infalível, que não iria sofrer nunca. E quando vi eu já estava sofrendo há muito muito muito tempo. Eu não acreditava no mal e também não acreditava em relativismo. Ou era certo ou era errado e, de repente, me vi com uma vida completamente relativizada. No fim estou tentando harmonizar as partes para entender que o que importa não é o certo ou o errado, uma menina má ou uma menina boa dentro de mim. Mas sim uma construção que foi feita ao longo da vida. É difícil. Hoje tenho menos poder de todas as formas: poder de liderança, poder material, etc. Mas tenho maior satisfação e maior equilíbrio. Eu me gosto mais. Eu era insuportável, dr.

Muito obrigado pela participação, Alice Como está se sentindo?

Bem, estou bem, um pouco estressada por conta desse homem horroroso, mas bem. Espero ter ajudado o senhor a fazer sua pesquisa.

Ajuda sim. Obrigado! Nos vemos para uma sessão de acolhimento, nas próximas semanas, tudo bem?

Tudo bem, é só marcar e eu venho. Obrigada, foi muito bom falar dessas coisas todas, muito bom, adoro falar das coisas que me acontecem quando tenho a oportunidade de falar e não ver julgamento nas coisas, sabe. Muito bom.

(Quando nos encontramos para uma sessão de acolhimento, Alice ressaltou novamente que fez muito bem para ela falar sobre todos os seus sentimentos e angústias e enfatizou que na última semana notou que não se sente bem falando com ninguém do seu convívio sobre si pois todos carregam consigo um olhar de julgamento ou incompreensão pelo que conta. Conta também de uma conversa que teve com o pai, na qual ele falou de sua trajetória de vida sempre colocando a mulher como um ser inferior, com o papel de servir ao homem e isso a irritou demais. Diz não gostar de sentir o que está sentindo

pelo pai, certa raiva. Disse se sentir exausta quando saiu dessa conversa com o pai, como se ele tivesse sugado sua energia. Contou também de um sonho que teve, na qual um pai fazia pressão para o filho para ele cursar uma faculdade que ele não queria cursar. Também pensou, durante a semana, na questão do assédio no trabalho, cenas que voltaram à sua percepção. Indico voltar para psicoterapia para poder falar dessas coisas e trabalha-las, abrangendo desde a relação com seu pai até a questão do assédio no trabalho, questões que ainda a incomodam muito. Me agradeceu a indicação e disse que irá sim buscar continuar.)

ANEXO 7: ANÁLISES TAT

Prancha 1

Pautas	CATARINA	ALICE
1	Vê o menino e se refere aos pais.	Vê o menino, se refere a uma aula anterior com o professor. Insere a informação de que o garoto parece seu irmão quando era criança. Parece evitar falar dos pais, mas conta que é filho único.
2	Visualiza primeiramente o violino, mas também percebe todo o ambiente, descrevendo um retângulo branco que talvez seja uma mesa, assim como a cadeira e o fato dele estar sentado. Fica tentando descobrir o significado do retângulo branco mesmo após o fim da história. Também comenta sobre o dedo do menino na orelha e tenta descobrir o porquê disso.	Visualiza o violino e relaciona com sua história de vida. Ela parece não se ater ao ambiente ou a outros elementos em específico, sendo mais relevante para ela descrever as emoções do personagem e a relação deste com o professor.
3	Busca relação entre os fatos e, para tanto, descreve o passado e dá um final futuro à história.	Descreve a história na ordem pedida na instrução, se perguntando sobre o que aconteceu antes e falando sobre o presente. O futuro é contado quando pedido no inquérito.
4	Em alguns momentos carece de sequência lógica, desenvolvendo o discurso inicialmente falando sobre o estado emocional do garoto e depois falando sobre a mesa, seguido dos pais e voltando ao estado emocional do garoto até o final.	Existe uma sequência lógica, permeada das emoções do personagem e sua relação com o professor.
5	Linguagem adequada à idade e à situação de teste, assim como à situação proposta pela prancha.	Linguagem adequada à idade e à situação de teste, assim como à situação proposta pela prancha.
6	Demonstra capacidade criativa na situação, com uma busca por significados ocultos em cada detalhe da cena.	Parece que nesta primeira história fica um pouco mais presa à instrução de como deve ser realizado o teste, restringindo-se a uma história curta que tem maiores detalhes quando questionada. Mas isso não significa

		que tenha prejudicado sua capacidade criativa na organização do discurso, visto que contou com facilidade o antes, o durante e o depois.
7	O menino se mostra contrariado por ter que executar uma tarefa que lhe foi imposta com violência pelo pai ou pela mãe. O menino chega a colocar os dedos na orelha na tentativa de não ouvir estas ordens. Parece que a problemática está em sentir-se solitário e ignorado em suas vontades, com falta de continência por parte dos pais, causando tristeza no menino. Apesar da insatisfação, não aparecem sinais de agressividade para com os pais, mas sim passividade e tristeza.	A relação entre a personagem e o professor se dá com autoridade e submissão na qual o professora manda e o menino obedece, com medo. Em um primeiro momento, o menino demonstra tristeza e frustração por não conseguir tocar da forma como ele queria, sendo que a participante complementa dizendo que ele não conseguiu cumprir a tarefa com a destreza que o professor pedia. Assim, o menino irá corrigir seus erros com o objetivo de surpreender esse professor no dia seguinte. Parece que a problemática gira em torno de cumprir esta tarefa e cumprir com a maior excelência possível para satisfazer o desejo do outro.
8	Aparece a identificação da participante com o menino além do nível inconsciente, chegando a comentar: “vou lá eu projetar meus pais”. Parece que se coloca em uma situação de solidão, vitimização e incompreensão na qual a única ação possível é cumprir o que lhe foi mandado. Mostra conformismo e se entristece por isso. Mas ao cumprir a tarefa percebe que foi bom e gosta da música que toca, demonstrando certa esperança de um final feliz mesmo que o caminho tenha sido obrigado. Parece que a maior tristeza surge da falta de continência dos pais. Pode-se pensar também em uma certa carga de falta de autoconfiança na realização das tarefas e que elas não surgem de sua vontade própria, mas da imposição de um desejo alheio.	Parece se identificar com a personagem desde o início ao falar que sempre quis tocar violino. Mas ao final da história coloca o irmão nessa posição, talvez para se defender dessa aproximação com a problemática colocada nessa relação entre professor-aluno. A relação com a tarefa se dá de forma corajosa e insistente, com falado anteriormente, para se superar e agradar ao outro que, segundo sua história de vida, parece-se muito com o pai. Quando perguntada sobre a relação da personagem com os pais a participante diz que ainda pensa na relação com o professor, talvez como forma de se defender quanto ao reconhecimento desta aproximação. Mas complementa que tem boa relação e é filho único (vale lembrar que a participante tem 2 irmãos).

9	O personagem não encontra outra saída a não ser satisfazer a vontade dos pais, porém obtém sucesso na tarefa desempenhada e gosta do resultado. Talvez se possa pensar em um desejo que não era seu, que lhe foi imposto, um desejo de outro, mas que acabou sendo reconhecido por sua estrutura psíquica com algo prazeroso para si. Ou ainda pode-se pensar no prazer em realizar o desejo do outro, gerando reconhecimento, nos termos de Bion. Assim, a carência do olhar do outro é satisfeita em certo grau, quando o ego fazer uso de mecanismos de defesa para reprimir a agressividade inerente.	O menino, consegue corrigir seus erros e surpreender o professor no dia seguinte. Pode-se pensar também em uma certa carga de autoconfiança na realização das tarefas, mas que elas não surgem de sua vontade própria, mas da imposição de um desejo alheio. O tom emocional no contar a história segue uma crescente, com a voz e o discurso carregado de pesar e frustração caminhando de encontro a um triunfo, um surpreender que faz pensar no recebimento de um olhar satisfatório do professor. Assim como no caso de Catarina, pode-se pensar no prazer em realizar o desejo do outro, gerando reconhecimento, nos termos de Bion. Assim, a carência do olhar do outro é satisfeita em certo grau, quando o ego faz uso de mecanismos de defesa para reprimir a agressividade inerente com este professor que desperta a ambiguidade de admiração e medo.

Fonte: Autoria própria.

Prancha 2 – A estudante no campo

Pautas	CATARINA	ALICE
1	Vê uma camponesa, uma estudante/professora e um homem. Também fala de pessoas menos privilegiadas que a estudante/professora e de um bebê que nasce no futuro. Não há relação parental entre as personagens.	Vê uma moça estrangeira, professora e solitária. Sem relação parental com ela vê um casal e diz que o marido/pai é um líder dessa comunidade, que tem outras famílias. Esse casal tem filhos e a mulher espera um novo filho.
2	Primeiramente vê lápides de cemitério ao fundo e tenta encaixar isso no restante da cena que reconhece como sendo terra ou areia sendo arada. Um tempo depois reconhece este fundo como sendo um vilarejo.	Reconhece o local como um lugar pitoresco para onde esta professora vai. Trata-se de uma comunidade onde habitam famílias, mas não descreve a cena explicando os detalhes como algum trabalho que é feito ou onde estão as casas, se

		atendo às pessoas presentes e suas relações.
3	Descreve a cena e o que acontece no presente tentando descobrir as relações existentes e o mundo interno dos personagens. Só conta o futuro da história quando perguntada.	Descreve a cena e o que acontece no presente, se focando na missão da personagem que chega no lugar. Fala de um ambiente sem possibilidades de crescimento intelectual, de pensar, no qual esta nova personagem chega para estimular isso. Descreve a motivação da personagem baseada em seu passado e visualiza um futuro no qual há vitória na missão.
4	Dentro do discurso na busca da descrição dos personagens há uma sequência lógica falando de um por vez.	Há lógica no discurso falando sobre quem são os personagens, a relação entre eles e o que sentem.
5	Linguagem adequada à idade e à situação de teste, assim como à situação proposta pela prancha.	Linguagem adequada à idade e à situação de teste, assim como à situação proposta pela prancha.
6	Demonstra capacidade criativa articulando os personagens da cena com personagens ocultos (as pessoas menos privilegiadas), assim como dá contorno para as emoções da personagem estudante/professora em relação ao homem e cria um futuro para eles.	Demonstra capacidade criativa articulando os personagens da cena com personagens ocultos (as demais família), destacando uma missão para a personagem principal e descrevendo seu percurso até conseguir realizar o seu desejo.
7	Não faz relação familiar entre os personagens, o que é frequente para esta prancha, mas cria uma relação amorosa entre o homem e a jovem, na qual ela é ignorada por ele. Vale ressaltar que esta personagem recebe um olhar deste homem somente em um futuro distante. A mulher ao lado é preterida no discurso, descrita apenas como uma grávida que terá um filho. No momento presente a moça está triste porque existem pessoas com menores possibilidades de vida que ela. A problemática parece conter grande carga de culpa e castigo (expiação), na qual ela se	A relação entre os personagens é de uma atuação vinda de fora que tenta mostrar que existem maiores possibilidades do que as que ali estão. Parece que esta personagem tem o desejo de mudar a vida destas pessoas e se integrar a elas. A problemática parece surgir em torno de uma missão, a de fazer outras pessoas pensarem, mas também de mudar a vida dessas pessoas e ser recebida nessa comunidade, saindo de sua solidão. Outro destaque pode ser visto na cisão entre os papeis feminino e masculino, sendo que as mulheres são amáveis e dedicadas, abertas, mas também submissas. E o masculino é portador daquilo que traz

	culpa por ter mais que os outros e se castiga não merecendo o olhar do homem pelo qual nutre afeto. Vê-se claramente uma relação edípica na cena, com um olhar permanente da terceira personagem que os vigia, inserindo um contexto de persecutoriedade.	medo e liderança (de toda uma comunidade de famílias). Há uma forte ligação entre a personagem e a mãe, se opondo ao homem. Baseado na história de vida da participante vê-se claramente a sua família sendo projetada, na qual ela se alia à mãe, em oposição ao pai. Pode-se pensar também na projeção da participante no bebê que irá nascer e ser o receptor de muito amor.
8	Parece haver certa identificação entre a participante e a personagem da moça, quando visualizamos a história de vida da participante, inclusive. A relação edípica demonstra aspectos da vida real da participante.	Pode-se pensar, portanto, que a participante se identifica com personagens na cena em mais de uma situação de tempo e espaço, fantasiando uma aliança feminina para combater a opressão masculina. Há uma tensão constante e a busca por alianças.
9	O universo da personagem com a qual se identifica parece permeado de conflito, culpa e punição, colocando-se em uma posição na qual não é merecedora do amor do homem do qual gosta. Porém, dá um final feliz e ideal à história, algo a se realizar no futuro, como se isso demonstrasse certa esperança em um desfecho satisfatório para ela. Assim, a relação edípica que se pode conjecturar tem uma resolução ideal e "vivem felizes para sempre".	Parece que a história gira em torno de uma problemática que a participante vive na realidade, assim como internamente, com a questão dos papeis parentais e de gênero. A solução é fantasiada com a missão da personagem sendo alcançada e o masculino cedendo ao feminino, sem gerar maiores conflitos.

Fonte: Autoria própria.

Prancha 3MF – A jovem na porta

Pautas	CATARINA	ALICE
1	Vê uma jovem e cita um pai que morreu, mas que também poderia ser o marido ou o filho. Além disso, depois desta cena, a personagem encontra familiares.	Vê a personagem "o grande amor da vida dela", que está morto.
2	Situa a cena na casa da personagem principal, saindo	A participante situa a cena na casa dela, onde está sozinha e depois irá

	para encontrar familiares, sem omissões ou distorções. Interessante notar que a personagem está saindo de casa para encontrar pessoas que possam ajudar.	se despedir da pessoa que morreu, não abordando outros itens ou cenários.
3	Situa a história a partir do presente, dando um passado e colocando um futuro, com um discurso sempre permeado pelas emoções da personagem.	O passado mostra o porquê do sofrimento presente da personagem e o futuro só surge quando perguntado. Parece que o futuro é uma continuidade do presente, sem mudança na situação.
4	Conta a história descrevendo as emoções e buscando os porquês do sofrimento da personagem. Sua lógica é uma lógica interna, pois se foca mais nas sensações da personagem do que nos fatos concretos.	Sequência lógica construída através das emoções sentidas pela personagem no momento que recebe a notícia ruim, abordando o sofrimento que ela sente e as boas lembranças que a fazem se sentir bem.
5	Linguagem permeada de emoção, com vocabulário adequado.	Linguagem bastante permeada de emoção, pois a cena a remete para momentos de sua vida pessoal, mas com um caminho feliz a frente.
6	Demonstra criatividade no desenrolar da história, sempre buscando as possibilidades do que aconteceu antes que perturbou a personagem. A organização do discurso é realizada por uma lógica interna.	Parece que o sofrimento é tão grande que impede o fantasiar ou construir muita coisa além da situação que vivencia, mas mesmo assim consegue ver um final feliz. Outro fator que impede o desenvolvimento de maiores detalhes criativos/fantásticos advém do fato de ser uma história baseada nos fatos reais da vida da participante.
7	Situa a personagem principal como uma jovem que está desesperada com a morte do pai, querendo fugir da realidade. A problemática é que não existe nenhum lugar para onde possa fugir diante do irreversível ocorrido.	A personagem central sente, segundo ela, mais do que tristeza, mas sim desolação. Não parece haver desamparo e nem mesmo a busca por outras pessoas para acolhê-la ou a falta destas. A personagem quer viver esta dor e fazer o que se deve em seguida, se despedir dele, depois “segue em frente na vida”. Parece que a problemática de enfrentar uma grande perda pode ser suportada por seu ego sem fugir ou fantasiar.
8		

	Assim, surgem conteúdos edípicos quando fala que, se ela fosse mais velha, o homem poderia ser seu marido ou filho (uma tríade sempre composta por uma figura masculina morta, demonstrando impulsos agressivos). Ao mesmo tempo em que há uma fuga da realidade, não se encontra uma saída.	Ao perceber que a história tinha tocado a participante de forma muito intensa, não se viu maior possibilidade para seguir adiante com a mesma, pois esta insistência poderia causar imensa dor. A história fala da relação da participante com a morte repentina de uma pessoa amada, fato que realmente aconteceu em sua vida pessoal. É uma história de sua vida. Interessante notar que esse triste evento mostra o quanto seu ego pode suportar grande carga de sofrimento, mesmo advindo de forma inesperada, sem mecanismos de defesa, conseguindo seguir adiante. De outra forma, mostra certa sensação de invencibilidade.
9	O sofrimento da personagem diante a morte de seu pai é tamanha que só depois de muito tempo se "conforma". O final da história só é dado quando perguntado a ela. Parece que a impossibilidade de estar junto ao pai é algo que paralisa, demonstrando falta de capacidade do ego em dar conta de uma ressignificação e de conseguir continuar a caminhar após um trauma.	Assim, ao se ver nesta situação, não vemos sinais de desamparo além do sofrimento presente. Parece que o ego encontra formas de resistência e a identificação da personagem é com algo que deve seguir adiante e ser feliz independentemente das piores situações cotidianas.

Fonte: Autoria própria.

Prancha 5 – A senhora na porta

Pautas	CATARINA	ALICE
1	Vê uma mucama que serve à família, o casal de patrões e uma criança.	Vê um menino e sua tia e depois comenta sobre os pais e uma irmã.
2	Situa a história em uma casa de pessoas cultas, com móveis antigos, em uma época passada.	Situa a história dentro da casa onde mora uma família, sendo pai, mãe e um casal de crianças. O quarto é o ambiente principal.
3	Situa a história dentro de uma cronologia passada, presente e futura.	Situa a história dentro de uma cronologia passada, presente e futura.
4		Sequência lógica.

	Conta a história de maneira lógica, iniciando pelo presente e depois resumindo, falando do que acontecia antes, do que acontece agora e do que vem a seguir.	
5	Linguagem rica e exata, com objetividade e síntese.	Nesta história, diferente do que vinha acontecendo antes, sua linguagem é mais infantil e animada. Ela conta com risos e gargalhadas e dá voz aos personagens imitando-os. Mas deixa a história coerente e utiliza a linguagem adequada para explicar as situações que pretende contar.
6	A construção da história surge com muitos elementos e demonstra capacidade criativa na construção e na organização do discurso.	Esta história demonstra grande potencial criativo da participante, com diversos elementos criados logo que toma contato com a prancha. A história traz diversão, brincadeira e uma criança que está mexendo na caixinha dos segredos parentais.
7	A mucama serve à família "de todas as formas" e algumas coisas não faz por satisfação, sim por obrigação. A problemática parece vir de um desagrado específico quanto à patroa, à figura feminina.	A problemática gira em torno de uma família rígida que cria os filhos para serem “adultos em miniatura”, assim como para dar rédeas aos aspectos infantis destes. Mas é inserida uma personagem, a tia, que os liberta desse contexto, fazendo com que eles possam ser eles mesmos. Parece que a liberdade de ser é aflorada na história. Uma possibilidade de ser quem se é. Há também a situação de se estar mexendo na caixinha dos segredos dos pais, o que faz parte da relação edípica e da curiosidade e fantasia advindas dessa etapa, talvez com alguma fixação.
8	Parece que a participante coloca a mucama como alguém que deve "servir a família de todas as formas", dizendo que isso é normal. Mas ao mesmo tempo surge uma insatisfação quanto à figura da patroa, o que faz pensar que aceita as ordens provindas do patrão. Demonstra ser uma situação a qual só cabe à personagem se conformar e obedecer, na prática. Mas se	Levando em conta as histórias anteriores, assim como a história de vida da participante, esta traz a libertação de um sofrimento e de um cárcere incitado pelos pais. Para tanto, a linguagem se infantiliza e toma tons maníacos. Utiliza da idealização dessa personagem da tia para suprir as faltas advindas dos pais. Outra razão de trazer vida e alegria para esta história vem do fato da prancha anterior ter suscitado algo

	permite ter emoções agressivas e direcioná-las. Demonstra uma relação edípica na qual a mucama com quem se identifica tem um lugar de terceiro personagem desde sempre e para sempre.	tão doloroso da vida real da participante.
9	Coloca que a relação entre as duas mulheres melhorará conforme a criança crescer e tiver maior afeto por ela. No entanto, coloca esta figura feminina como uma "típica feitora de escravos" até o final. Vale ressaltar o posicionamento na configuração edípica na qual a personagem está, posição que se perpetua.	A história parece aplacar o sofrimento causado pela prancha anterior e ajudar o ego a retomar sua estrutura. Parece que aqui o ego encontra uma brecha para poder respirar. Pode-se discutir sobre essa cisão, deixando o mal para os pais e o que é bom para a tia. Porém, pode-se perceber que há algo positivo na construção da história, visto que apesar da pressão familiar que cerca a criança, este consegue encontrar algo positivo e alegre em algum lugar.

Fonte: Autoria própria.

Prancha 6MF – Mulher surpreendida

Pautas	CATARINA	ALICE
1	Vê uma mulher com um homem mais velho que tenta seduzi-la. Em um primeiro momento personagens de uma ficção e em seguida atores que interagem como colegas de trabalho.	Vê uma secretária e seu chefe na cena.
2	Situa a cena em um *set* de filmagem.	Estão no escritório, local de trabalho de ambos.
3	Não dá um passado para a história, situando o acontecido na proposta presente da figura masculina e na resposta da moça, levando a um futuro casamento. Na parte da vida real dos atores, só fala do presente e de como lidam com isso.	Conta a situação presente com muita irritação, contando também com irritação o que aconteceu antes e o que acontecerá no futuro.
4	Sequência lógica.	Sequência lógica.
5	Utiliza de linguagem adequada e descreve os gestos que dão ar de sedução à cena.	Linguagem adequada, sem excessos, mas com irritação, energeticamente, como se vivenciasse a cena.

6	Demonstra possibilidade de fantasiar na construção da história e capacidade criativa, alternando entre a vida ficcional e real dos personagens. Parece que o ar de sedução facilita este desenvolvimento criativo e sedutor.	Essa é mais uma história que contém motivações em sua história de vida, mas traz criatividade e fantasia, criando um enredo, personagens e passado, presente, futuro.
7	Na primeira parte fala de uma interação na qual a moça é seduzida por um homem mais velho, amigo do pai, estranhando, mas gostando e aceitando. Na segunda parte coloca uma relação de conflito na qual o homem é arrogante e a trata mal e eles se suportam. A problemática parece surgir da sedução ou do assédio da figura masculina sobre a feminina, exigindo dela respostas diferentes para cada momento.	A problemática gira em torno da superioridade de um chefe machista, a questão do masculino imperando. A participante projeta seu pai na cena, assim como a vivência com homens no trabalho. Há uma forte motivação em se questionar esse poder superior e necessita-se de grande empenho e força agressiva na tentativa de se sobrepor a este poder.
8	Parece haver uma cisão neste discurso, permeado por uma situação edípica na qual o pai é, na cena da ficção, alguém que é charmoso e sedutor, conquistando a mocinha. Na vida real ele se mostra como alguém arrogante e que a trata mal. Talvez este mecanismo demonstre falta de possibilidade em dar contorno à sua própria história pessoal com o pai (vide conteúdo da entrevista com a participante, que corrobora com este pensamento).	Essa grande carga agressiva provinda do Id encontra vazão, mas, apesar de ser muito violenta, o ego dá conta de conter e organizar para planejar e trabalhar em prol de um futuro melhor.
9	Em ambos os casos, é da mocinha que é exigido um posicionamento, perante a cisão que visualiza nos dois personagens masculinos. A história parece dar a possibilidade de dois finais, duas respostas da personagem. Assim, a primeira parte mostra um final ideal, na qual o homem é alguém que só representa as partes boas e a faz aceitar o	Parece que o final da história demonstra otimismo na missão a ser cumprida, havendo uma sobreposição do feminino em relação ao masculino. Além disso, o algoz da cena é castrado.

	enlace. Na segunda parte parece que a história mostra uma situação de intensa agressividade e quebra. Talvez este discurso demonstre certa dificuldade do ego em tentar reconhecer uma figura total, com partes positivas e negativas, obrigando-o a cindir o objeto e, consequentemente, suas emoções.	

Fonte: Autoria própria.

Prancha 11 – Paisagem primitiva de pedra

Pautas	CATARINA	ALICE
1	Vê um explorador/pesquisador na cena.	Visualiza um animal perigoso e um casal de exploradores.
2	Visualiza itens que são esperados para a prancha como pedras e sombras, abismos. Mas não vê qualquer tipo de animal, o que é recorrente e, de certa forma esperado. Descreve a cena olhando apenas paisagens naturais e só insere um personagem humano quando perguntada sobre algo neste sentido.	Fala deste local perigoso e pré-histórico, submerso, com uma passarela por onde o casal passa rumo à superfície na qual um sol brilha e eles podem respirar um vento fresco.
3	Na maior parte do tempo utiliza de descrições da paisagem. Quando fala do explorador que está presente, coloca um futuro para sua expedição.	Dá passado, presente e futuro à história.
4	Sequência lógica, mas com foco na busca por significados ocultos que tenta desvendar.	Dá sequência lógica à história.
5	Linguagem adequada.	Linguagem adequada.
6	Utiliza de forma maciça de descrição concreta do ambiente, mas ao falar dos caminhos e das buscas do personagem, mostra capacidade criativa e organiza o discurso.	Demonstra grande capacidade criativa e fantasia ao criar esta história.

7	O personagem encontra o que foi buscar em sua expedição, de forma concreta, mesmo que não conseguindo dar significado a tudo que encontrou (a racionalização não deu conta da demanda). E conseguiu encontrar uma saída.	A interação dos personagens se dá primeiro pela discordância e depois pela união. Ambos sentem desolação e medo quando estão aprisionados, mas têm coragem para enfrentar os desafios em prol do bem de ambos. A problemática se dá no contexto de um casal que está submerso e sufocado dentro de um ambiente pré-histórico (ou seja, de um passado muito distante) e encontra um animal que os ameaça.
8	Parece que a participante projeta no explorador/pesquisador a figura do pesquisador frente a ela, tentando capturar os significados ocultos nas diversas formas que se apresenta a cena subjetiva que ela coloca para estudo na pesquisa. A forma como desenrola seu discurso demonstra a narrativa de seu inconsciente, falando que "ele saiu de lá, tinha uma saída. E alcançou o objetivo dele. Mas eu não tenho a menor ideia de onde tem uma saída aqui." Assim, a utilização do advérbio de lugar "aqui" fala de um lugar muito próximo a si. A forma como descreve este ambiente, este "aqui" é repleto de obstáculos, um desfiladeiro, sombras e pedras, sendo que "o fato é que para qualquer lugar que você pense em ir, existem obstáculos: pedras, vazio, luminosidade de um túnel ou uma rocha com abertura. É tudo escuro, uma incógnita: pode ser que seja uma saída, pode ser que seja mais um caminho sem saída."	Idealiza um relacionamento de casal com resolução de conflitos através de uma boa comunicação. Pode ser que esteja falando do que gostaria que tivesse acontecido em seu casamento antes da separação, mas também existe a relação com o pai, a qual contém elementos como falta de comunicação entre o par. Ambas as possibilidades de conflito são relacionadas à acontecimentos muito antigos, “pré-históricos”.
9	Parece que, em algum momento a personagem se angustia ao tomar contato com toda essa abstração dentro de si e então conclui que o pesquisador não consegue dar significado a todas estas coisas, como se dissesse	Demonstra, mais uma vez, força egóica para poder lidar com grandes conflitos, apesar da idealização do final. A história contém elementos fantásticos e que, na realidade seriam impossíveis de acontecer, assim como seu desfecho. Parece que as

	que também não quer ouvir estes significados todos. Por fim ela muda de assunto e utiliza do mecanismo da intelectualização para poder se refugiar na realidade mais concreta. Nesse momento se coloca como uma criança que necessita saber o porquê das coisas, como se o não-saber no meio das imagens confusas e sem forma (ou com muitas possibilidades de formas) dentro de si fosse algo intolerável.	histórias da participante sempre trazem grandes desafios e guerras, mas trazem finais sempre com vitória. Como se este ego quisesse a todo tempo mostrar que é forte e potente.

Fonte: Autoria própria.

Prancha 15 – No cemitério

Pautas	CATARINA	ALICE
1	Vê uma figura parte masculina e parte feminina, sendo uma figura sobrenatural, parte viva e parte morta. E também fala de um outro espírito chamado Deus.	Uma mulher, morta.
2	Visualiza um cemitério, o esperado para a prancha.	Não visualiza um cemitério, o esperado para a prancha, pelo menos não no discurso, mas conta a história com o contexto de morte, de uma pessoa morta. Em geral a participante não descreve as cenas, se atendo mais às personagens e suas interações consigo e com os outros.
3	Descreve o que acontece e o que acontecerá, assim como uma possibilidade do que aconteceu, mas sempre permeado pelas emoções fortes que acompanham a personagem. Junto a isso tenta descobrir os motivos da cena.	Fala do que acontece no presente e o que acontecia no passado. Diferente das outras imagens, não consegue dar um desfecho ou futuro muito distante da cena atual.
4	A prancha angustia a participante e ela muda a história no meio, descreve as emoções e intelectualiza, deixando a narrativa ilógica em muitos momentos.	Mostra coerência e lógica na construção.
5	Utiliza linguagem adequada, porém com busca de razões e motivos do sofrimento da personagem	Linguagem adequada, mas sem grandes emoções para uma prancha que traz o tema da morte. Diferente

	chegando a fugir da angústia provoca, intelectualizando o discurso.	de pranchas anteriores, talvez como defesa ao sofrimento.
6	A angústia estimulada pela prancha alimenta a capacidade de fantasiar e construir uma história com criatividade.	Diferente das anteriores, não cria um desfecho além do presente.
7	A relação da figura é com ela mesma e suas diversas partes, tentando compreender quem se é, o que aconteceu e onde se está. Outra relação que se encontra na história é da personagem com Deus, que chega para explicar tudo a ele, fazendo-o aceitar a morte, como alguém que possibilita a paz pelo discurso. Parece que a problemática está nesta busca por explicações do porquê se sente desta forma, assim como demonstra uma busca por unificar estas partes cindidas de si mesma.	A problemática da história está em como essa personagem pode avançar além desse ponto. Havia uma mulher que se percebeu vivendo de uma forma errada e tentou mudar isso. Quando mudou, aos 40 anos, morreu e ficou presa nessa possibilidade de mudanças. A história traz dados de sua vida pessoal muito claramente presentes e mostra que em algum grau consciente essa vitória, esse avanço que almeja, ainda está distante ou não se sabe como fazê-lo. A relação com as demais personagens, pessoas da vida da pessoa morta, se deu de forma superficial ao longo da vida, sendo que ao se perceber precisando mudar o jeito de ser ficou solitária.
8	Verifica-se uma incomensurável carga de cisão nesta história, descrevendo uma personagem homem/mulher e vivo/morto em um cemitério à noite, mas iluminado pela luz da lua. As imagens parecem condensadas, ocultando uma explicação que é buscada pela personagem, um porquê, uma luz que é buscada. Descreve uma pessoa com mãos amarradas e que mesmo em vida está se sentindo morta, demonstrando vários paradoxos. Fala de muita dor sentida pela personagem e de uma morte abrupta, talvez em uma mesa de cirurgia e, neste ponto, vale lembrar que a participante há pouco tempo passou por uma cirurgia na qual quase morreu, assim como sente muita dor física até então. Esse fato talvez, nos	Talvez possa-se pensar que o fato de não trazer sofrimento ao falar dessa história com o tema da morte seja uma defesa do próprio ego para não tomar contato com isso. Ao mesmo tempo há uma grande aproximação da participante com esse conteúdo, se identificando com a personagem. Ela traz, em todos os seus relatos, grande energia em busca da alegria de viver e sempre acreditando nos finais felizes, principalmente quando há desafios envolvendo outras pessoas ou a questão da submissão do feminino ao masculino. Mas nessa história o desafio é quanto a si mesmo e sua trajetória, sua mudança, o que depende de si mesma. Um dos itens que aparece é a solidão dessa mulher, sendo que isso não apareceu antes. Pode-se pensar

	faça pensar no quanto se sente ansiosa com seu estado de saúde passado e atual, sentindo-se esta pessoa meio vivo e meio morta. Para as emoções e para o estado psicológico da participante ao longo da vida a mesma inferência parece fazer sentido. A pulsão de morte parece fazer parte deste discurso, o que também aparece em outras histórias contadas pela participante. Fica a dúvida se há uma busca por integração nas manifestações cindidas desta participante, visto que o uso deste mecanismo acontece em massa.	que a participante se defende o tempo todo de uma sensação de solidão, visto que ao mudar sua trajetória de vida perdeu muitas pessoas, não tem uma relação tranquila com a família e vive a maior parte do tempo só. No entanto, fica a questão se é algo com o que ela convive bem ou se tenta, através da alegria que transparece, a mania, se defender desse fato e dessa sensação constantemente, uma forma de evitação (do conflito consigo mesmo e desta sensação que traria tristeza).
9	Ao dar o final pacífico à história, encerra, não deixando espaço para retornos aos conteúdos aflitivos, usando do mecanismo de evitação. Assim, a história termina com uma explicação que traz paz, mas ao mesmo tempo traz morte (a aceitação desta). É como se a paz não pudesse ser encontrada em um estado que não fosse a morte e, mais que isso, tentar viver só potenciaria a dor e o sofrimento. Pode-se entender que ao final da história vem Deus, representado pela cruz (paixão, sofrimento), como um pai que mostra o caminho através do discurso. Parece que as respostas para as questões do passado foram encontradas e pode-se descansar (na morte). É uma resolução fantasiada, levando em conta que ela vem do exterior (e do pai), não conseguindo encontrar uma ordem interna. Talvez uma idealização possa ser pensada. Neste sentido, vislumbra-se um ego primitivo, auto sabotador e extremamente frágil perante as demandas do ID e as punições do Super Ego, encontrando o cessar da dor na aniquilação de si.	A história, como analisada anteriormente, traz uma imensa gama de conteúdos inconscientes que se aproximam muito da realidade da participante. Parece ser o primeiro final de história pautado na realidade, sem uma fantasia de final feliz. Pelo contrário, a história já começa a partir do momento da morte da personagem, uma personagem que já estava morta em vida. Se pautada em sua história de vida, pode-se pensar na tentativa de integração que esse ego tenta fazer, no sentido de poder se desapegar do passado, dando um sentido a ele, maior vida a esse modo de viver anterior, podendo continuar a viver, agora de outra forma, com outro cenário e maiores satisfações na vida.

Fonte: Autoria própria.

Prancha 18MF – Mulher que estrangula

Pautas	CATARINA	ALICE
1	Vê duas figuras femininas de idades próximas, duas irmãs.	Vê mãe e filha, uma com 70 e a outra com 50 anos. Também cita amigas que vêm para jogar cartas com elas. Além disso cita um pai que foi embora.
2	É uma casa e cita a presença da escada, nada distorcido.	A história se situa em uma casa onde as duas moram, sem detalhar o ambiente além da escada.
3	Dá passado, presente e futuro à narrativa.	Dá passado e presente à história, sendo que esse presente se perpetua.
4	Troca a história por diversas vezes, mas quando opta por uma delas, dá lógica a ela.	Existe uma lógica no discurso.
5	Linguagem adequada.	Linguagem repleta de imitações das personagens e muito ânimo ao contar a cena, gargalhando em alguns momentos.
6	Demonstra possibilidade de fantasiar deixando, a princípio, o inconsciente à céu aberto, discursando sobre a temática da morte. Depois se reprime, o que prejudica sua capacidade criativa.	A narrativa demonstra criatividade, inclusive imitando a voz das personagens.
7	Primeiramente era uma mulher amparando uma outra morta. Depois esta mulher estava protegendo a outra de algo ruim que tinha ouvido. E na terceira história também era um amparo, pois a irmã caiu da escada, mas descreve uma relação fria entre elas. A interação, portanto, é permeada e definida como a que ampara e que necessita de amparo, mas sem uma ligação emocional.	As duas personagens são descritas em uma relação de dependência dessa mãe para com essa filha e grande satisfação dessa filha em estar com esta mãe. Parece haver satisfação também no fato desse pai ter ido embora e deixado somente as duas. De outro lado certa mágoa ou raiva reprimida por este fato, visto que quando ele sai de cena, ela tem que ficar cuidando dessa mãe. A problemática talvez esteja presente no fato de que há esse aprisionamento da filha com a mãe, mas que é compreendida somente pelo viés de ser algo bom, como se

		não houvesse uma problemática, pois esta está oculta.
8	A prancha parece despertar muitos impulsos agressivos, assim como uma necessidade extrema de amparo e acolhimento. Identifica-se com a figura desmaiada e parece se colocar em uma posição passiva e frágil perante uma outra que não tem por ela nenhum olhar especial. Talvez esta polaridade que coloca entre as duas personagens demonstre uma cisão entre o ativo e o passivo e o agressor e agredido, no sentido daquele que pratica a agressividade e daquele que reprime. Corrobora para isso a história pessoal que conta ao final da narrativa, se colocando como uma pessoa que sempre reprimiu a agressividade, mas demonstrando uma grande cota desta direcionada aos pais. Vale ressaltar que justifica que a queda da escada foi acidental, não provocada por alguém. Parece que a problemática gira em torno desta cisão, sendo que as duas mulheres são partes de si mesma, a agressora e a agredida, tanto em relação aos outros como a si mesma, com forte atuação da pulsão de morte.	Percebe-se que a participante se projeta na personagem da filha, criando um cenário na qual expulsa esse pai e vive em harmonia com a mãe. Ela parece dar ao pai toda carga negativa e pesada, deixando o que é bom para ela e a mãe. De outra forma, o que é ruim para o masculino e o que é bom para o feminino. Essa cisão faz parte do centro de conflito da participante, a qual busca integração desses aspectos todo tempo ou pelo menos os apresente bem delineados e evita o conflito com isso. Essa desintegração entre o que é bom e o que é mal é difícil de ser suportada pelo ego, que utiliza-se da mania para poder sobreviver, o que talvez explique a suposta força que este apresenta perante todos os conflitos (tanto das histórias quanto da história de vida da participante). Outro fato que corrobora para esse pensamento é a inexistência de sentimentos de tristeza ou da atuação da pulsão de morte quanto a fraqueza desta mãe idosa que caiu da escada ou quanto a sua idade avançada. Há sim a pulsão de morte, mas em relação ao pai, que é expulso da cena. Em sua história de vida conta que antes tinha os pais como pessoas que devem ser cuidadas e que precisam de apoio e suporte, mas agora não tem mais esse pensamento. Parece que aqui uma aliança foi firmada com a mãe na qual ambas precisam da presença uma da outra. Em um momento no começo da história aparece a culpa e o mecanismo de expiação.
9	Primeiramente a imagem de uma mulher morta é vista, mas vai mudando a história para poder aplacar a angústia sofrida por esta	Assim, a história termina bem com a idealização de uma relação repleta de amor e carinho, sem precisar da figura masculina. Levando em conta

	apercepção. Ao final cita uma sensação de sufocamento, como se o Ego estivesse utilizando de seus esforços para poder dar conta desta angústia que surge com o estímulo da prancha. Esta angústia talvez seja a de se perceber como portadora de uma agressividade que não é reconhecida como sua, mas existe e pulsa nos domínios do ID. Esta agressividade dirige-se em especial ao pai, como conta na história pessoal, dando justificativas para isso. No entanto, deixa as explicações darem conta destas fortes emoções, utilizando-se maciçamente de racionalidade e intelectualização. Na resolução da história, ao ser amparada tudo fica bem e há um gesto de gratidão da figura passiva para a irmã, fugindo completamente do encontro com os afetos destrutivos existentes nesta relação. Talvez esta vinheta mostre a fragilidade deste ego em lidar com os impulsos agressivos, mas acabando, por fim, auto agredindo-se.	que um dos estímulos da prancha está relacionado à impulsos agressivos, esta história parece mostra-los, em relação ao pai, mas também reprimí-los, não se atendo muito a isso.

Fonte: Autoria própria.

Prancha 16 – Em branco

Pautas	CATARINA	ALICE
1	Vê dois fetos, gêmeos e uma mãe que os carrega, que está do lado de fora, identificada com a figura de Deus.	Vê uma família composta por pai, mãe e um casal de filhos, crianças.
2	O ambiente no qual a história se desenvolve é o ambiente uterino.	Diferente das histórias anteriores, descreve o ambiente com muitos detalhes. Inclusive, primeiramente, descreve somente o ambiente. Parece que o estímulo em branco despertou a percepção da participante para criar esse cenário com todos os detalhes possíveis. É um cenário de campo de girassóis com uma casa ao fundo, horta, árvores frutíferas e um caminho para as pessoas chegarem

		até lá. Chega a visualizar uma chaminé e sua fumaça e até mesmo sentir um cheiro de bolo. Também insere um cachorro na história.
3	Dá presente e futuro à história.	Se atém ao sentimento presente vivenciado pela família e pela descrição do clima físico e emocional da cena. Conta uma história sobre a família quando é questionada, quando lhe é pedido diretamente. Então descreve um conflito anterior e uma solução no presente. O futuro se pauta na permanência desse clima harmonioso presente.
4	Existe uma sequência lógica.	Sequência lógica.
5	Linguagem adequada.	Linguagem permeada de alegria e entusiasmo ao contar a história. Em alguns momentos utiliza-se de uma linguagem um pouco infantilizada.
6	Conta uma história com elementos de fantasia e com criatividade, mas é uma história que está reproduzindo. Ao final coloca suas próprias interpretações na história utilizando-se de figuras de linguagem.	Utiliza de criatividade ao criar a cena e o enredo.
7	Os dois irmãos entram em uma discussão acerca do que há além daquele lugar onde estão e discordam em suas opiniões, sendo que um vê a mãe e o outro vê escuridão. Não chega a dar um desfecho para a discussão, mas diz que um será mais feliz que o outro. Parece que a problemática está em uma tentativa de unir as duas opiniões divergentes, a questão ambivalente demonstrada na percepção desta mãe.	A relação entre a família é extremamente harmoniosa e sem conflitos. Há um clima emocional de alegria e bom humor. Talvez a problemática em questão, assim como em algumas histórias anteriores, está na falta da observação de características negativas ou conflituosas. Aqui, mais uma vez, o ego mostra sua força: assim que o telhado (Id) da casa desta família despenca, o ego dá conta de manter a calma e manter sua estrutura, reparando os defeitos no dia seguinte. Interessante notar, também, que o homem é o portador de toda calma e força e a mulher de toda fragilidade e maior desespero. No enredo o feminino se acalma

		quando o masculino a ampara e coloca seu discurso para ela.
8	Parece que a história mostra, mais uma vez, uma cisão, entre partes dissociadas de si mesma, muito bem representadas pela figura dos gêmeos. De um lado uma crença em algo maior e acolhedor, uma mãe-deus. De outro lado, uma descrença total nesta figura e até certa agressividade ao insistir que só existe a escuridão e nada além dela. Ao falar que não se pode ver a mãe e, portanto, ela não existe, pode demonstrar características de uma relação distante e fria ou até mesmo um desejo de que esta figura venha a não existir, uma morte simbólica (e uma agressividade direcionada). Talvez, ainda, esteja projetando ali ela mesma na figura da pessoa que ainda não nasceu, sentindo que ela ainda não iniciou a vida. Ou seja, uma relação algo negativa com a existência ao mesmo tempo que esperançosa. Importante destacar a ambivalência como é percebida esta mãe e todas as partes da história.	Logo no começo da história a participante diz que gostaria de ter girassóis em sua casa, se identificando com essa cena. Em seguida conta uma história cheia de cisões e idealizações. Parece que aqui surge algo em contraste com a sua história de vida, pois aqui fica claro que ela deseja muito uma vida como a descrita: um marido, filhos e harmonia, em uma vida familiar tradicional. No entanto, em seu discurso durante a entrevista e em histórias anteriores agride a todo momento a figura masculina e enfatiza que não era importante para ela ter um casamento, mas sim um filho. A problemática de sua vida parece girar em torno deste conflito feminino-masculino, advindo das relações primitivas com os pais e, mais especificamente, com o pai. Outra possibilidade de interpretação é a de que essa cena mostre a idealização de como ela gostaria que fosse sua infância e a relação de seus pais, o que é bem distante da realidade.
9	Há uma tentativa, talvez, de tentar unir as partes dissociadas, tentando-se mostrar outro ponto de vista à parte descrente de que existe esta figura protetora e luminosa. Esta clivagem parece ter características de uma identificação projetiva. O desfecho geral da história vai direto à morte de ambos, o retorno ao pó, mostrando a insignificância existente na auto percepção destas personagens. Também pode-se pensar que a resolução do conflito e da cisão de ambos só será resolvida quando a foice do tempo ceifar a vida de ambos, levando a pensar	A resolução da história demonstra cada vez mais um ego que enfrenta grande violência por parte deste imenso Id, mas que resiste e se mantém estruturado. Um ego que faz questão de mostrar sua força. Fica a questão sobre qual é realmente a força deste ego, visto que se utiliza de tanto idealização e mania para dar conta de sua estrutura. A história traz um final feliz em um cenário iluminado e paradisíaco, com todos os detalhes que podem corroborar para isso, inclusive um cachorro, que insere ao final. A resolução é um tanto quanto fantasiada quando a colocamos perante a realidade da vida da participante, tanto quanto aos seus

	em um ego que se utiliza da cisão por toda vida e só consegue reunificação das partes quando a vida termina. Logo, um ego que demonstra agressividade contra si mesmo, encontrando resolução em sua aniquilação.	pais quanto a ela e seus relacionamentos amorosos.

Fonte: Autoria própria.

A metodologia da autora não prevê a análise de outras informações, como as partes abaixo descritas na tabela, mas são dados que pareceram relevantes ao olhar do pesquisador através das reflexões da aplicação e da leitura dos demais referenciais teóricos citados no procedimento de análise dos resultados. Assim sendo:

Outras informações relevantes

Tipo de Informação	**CATARINA**	**ALICE**
Início e decorrer da sessão	Fala permeada por pausas e reticências, como na entrevista. Apenas algumas pranchas, como citado abaixo, a estimularam a um maior movimento afetivo.	Com discurso bastante fluente e tom alto de voz, como na entrevista, e com poucas pausas em seu discurso, conta as histórias e vai refletindo sobre o que se apercebe dizendo. Ao mostrar a prancha para ela, logo já pegava a mesma da minha mãe e ficava o tempo todo contando a história com olhar fixo nos detalhes da imagem. Eu sabia quando realmente era hora de terminar o inquérito pois, nesse momento, ela me devolvia a prancha. Parece disposta a participar e fazer a tarefa corretamente.
Tempo de latência	A prancha com maior tempo de latência de Catarina foi a 11 e a de menor tempo foram a 15 e a 18MF.	O tempo de latência parece ser maior nas pranchas que trazem maiores estímulos de tristeza ou histórias muito conflitusas, como: 1, 2,

		3MF. E o tempo parece menor entre as que despertam boas sensações e histórias animadas, como a 5 ou que despertam grande ira, como a 6MF.
Tempo da história, sem inquérito	A história mais demorada foi a 15, com 7m11s.	Todas as pranchas mantém o tempo médio de 2,5 minutos para cada história. O maior tempo é utilizado com o inquérito, que estimula a participante a falar mais sobre aquilo que vê. Há um destaque para a prancha 3MF, a qual a mobilizou bastante com o estímulo de morte e tem tempo de latência zero, história curta de 2m e inquérito de 30s, não dando abertura a querer tomar contato com aquela emoção negativa. Mudando completamente o tom na prancha seguinte, na qual inicia a história com uma gargalhada.
A prancha que menos gostou	A 15, por trazer uma sensação pesada e a impressão de que não depende da personagem o desfecho, visto que é algo que já aconteceu e não há mais nada que possa ser feito.	A 6MF, pela relação entre o chefe e sua secretária. Pensar nessa história novamente a faz reviver em seu discurso as questões sobre esse fato em sua vida.
A prancha que mais gostou	A 2, pelo simbolismo de superação e final feliz das personagens. Cita a prancha 6MF como a mais bonita, mas que conta uma história de amor fictícia.	A 16, pois almeja viver nessa história, de uma família perfeita.
Ao final da sessão	Declara que os estímulos a mobilizaram.	Declara que está estressada por pensar no “homem horroroso” da prancha 6MF e também comenta que foi muito bom falar sobre tudo isso para

		uma pessoa sem julgamento no seu discurso.
Sessão de acolhimento	Contou ter tido sonhos com o pai e com a mãe, sem se lembrar dos conteúdos. Também relaciona dois aspectos de seu cotidiano: estar sendo mais fria e, portanto, mais forte, perante à vida.	Comenta que observou suas relações pessoais e estas não demonstram acolhimento, pelo contrário, muito julgamento. Conta também sobre uma conversa com o pai e a raiva que tem sentido por ele, não querendo sentir isso, talvez percebendo as defesas do ego falhando um pouco. Também comenta que sonhou com um pai que pressionava um filho e reviveu cenas do assédio que teve no trabalho. Ou seja, os estímulos da entrevista e do TAT despertaram muitas sensações na participante. Indico continuar a psicoterapia a qual parou há algum tempo para trabalhar estas questões e ela concorda que é preciso.
Estímulos que despertaram maiores emoções	Nas pranchas 15 e 18MF ficou muito emocionada e demonstrou resistência em falar mais sobre.	A prancha 3MF despertou tristeza, a prancha 6MF despertou raiva e as demais, de modo geral, muito entusiasmo e alegria, quando com a idealização presente.

Fonte: Autoria própria.